

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMIMENSE
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA**

THAIS DE CARVALHO SABINO

**O LUGAR DOS SUJEITOS DENTRO DA DINÂMICA SOCIAL BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA: *Passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo***

Niterói, RJ
2016

THAIS DE CARVALHO SABINO

**O LUGAR DOS SUJEITOS DENTRO DA DINÂMICA SOCIAL BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA: *Passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora:
Prof^ª Dr^a Stefania Chiarelli

Niterói, RJ
2016

THAIS DE CARVALHO SABINO

**O LUGAR DOS SUJEITOS DENTRO DA DINÂMICA SOCIAL BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA: *Passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Stefania Chiarelli - UFF

Prof^o Dr^o Pascoal Farinaccio – UFF

Prof^o Dr^o Paulo Roberto Tonani do Patrocínio – UFRJ

Prof^a Dr^a Maria Fernanda Garbero - UFRRJ
(suplente)

Niterói,
2016

Para o meu avô, Vicente Aragão Sabino,
que sempre teve um olhar apaixonado pela Literatura.

AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Stefania Chiarelli, por ter me feito acreditar mais em mim, além da preocupação, ajuda, experiência e dedicação, fundamentais para a realização deste trabalho.

Aos professores que participaram da Banca Examinadora.

À Universidade Federal Fluminense, por ter me acolhido ao longo desses anos.

Aos meus amigos e, sobretudo, à minha família, por estarem ao meu lado durante toda a minha trajetória de vida, apoiando-me nas decisões tomadas.

Às meninas do mestrado, sobretudo a Marcia, a Lívia e a Flávia, por terem compartilhado as mesmas angústias e os mesmos momentos comigo.

Aos meus pais pois, sem eles, nada disso seria possível.

Ao Felipe, por ter sempre acreditado em mim.

Aos meus avós, por terem sempre me incentivado.

À CAPES, por ter me proporcionado a oportunidade de dar continuidade aos meus estudos.

*De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas,
mas a resposta que dá às nossas perguntas.*

Italo Calvino

RESUMO

A partir da análise do romance *Passageiro do fim do dia* (2010), de Rubens Figueiredo, este trabalho propõe pensar o lugar dos sujeitos, sobretudo aqueles que se encontram à margem nos centros urbanos, dentro da dinâmica social brasileira. O autor da narrativa, ao problematizar os conflitos presentes nas metrópoles contemporâneas, busca se relacionar com o seu contexto atual, a fim de tentar apreendê-lo e de colocar em evidência a recepção e aceitação de um discurso produzido pelo sistema vigente. Assim, temas como a desigualdade social, a violência, a fragmentação da cidade e a marginalidade são levantados. Além disso, pretendo discutir a relação do sujeito itinerante com o *outro* e com a paisagem que o cerca, com base nas modificações trazidas por valores inseridos pelo mercado de consumo e pelo mundo globalizado. Por último, o presente trabalho irá pensar a relação entre memória e identidade no romance, mediada também pela experiência da leitura, enquanto um ponto importante para tentar compreender a própria construção da identificação do sujeito com o contexto no qual se encontra. As ideias apresentadas por Rubens Figueiredo serão, por conseguinte, molas propulsoras para a elaboração desta pesquisa, que procura assimilar, com mais cuidado, o funcionamento dos centros urbanos brasileiros.

Palavras-chave: *Passageiro do fim do dia*. Literatura urbana. Cidade fragmentada.

ABSTRACT

From the analysis of the novel *Passenger of the end of the day* (2010), Rubens Figueiredo, reflects upon the place of subjects, especially those who are on the margins in urban centers, within the Brazilian social dynamic. The author of the narrative, to discuss conflicts in the contemporary metropolis, seeks to relate to your current context in order to try to seize it and to put in evidence the receipt and acceptance of a speech produced by the current system. Thus, issues such as social inequality, violence, fragmentation and marginalization of the city are raised. In addition, I intend to discuss the relationship of the itinerant subject with the other and with the landscape that surrounds it, based on the changes introduced by values entered by the consumer market and the globalized world. Finally, this paper will think about the relationship between memory and identity in the novel, also mediated by the experience of reading as an important point to try to understand the actual construction of the identification of subject with the context in which he is. The ideas presented by Rubens Figueiredo will therefore boost the development of this project, which seeks to assimilate, more carefully, the operation of the Brazilian urban centers.

Keywords: *Passenger of the end of the day*. Urban Literature. Fragmented city

O LUGAR DOS SUJEITOS DENTRO DA DINÂMICA SOCIAL BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA: *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo

1. Introdução.....	10
2. O sujeito itinerante e a cidade contemporânea.....	17
2.1 Lugares vazios.....	18
2.2 O espaço público e o consumo nos centros urbanos.....	25
2.3 A relação do sujeito com a cidade em <i>Passageiro do fim do dia</i>	36
3. Cidade fragmentada: um olhar sobre o contraste.....	47
4. Feridas abertas: memória e identidade em <i>Passageiro do fim do dia</i>	76
4.1 A memória e a leitura.....	77
4.2 Os (não) adaptados.....	90
5. Considerações finais.....	98
6. Referências bibliográficas.....	102

1. Introdução

O par cidade/subúrbios ou, numa linguagem mais geométrica, o par centro/periferias está no cerne de todas as descrições. É nas “periferias” da cidade que se situam todos os problemas da cidade: pobreza, desemprego, sub-habitação, delinquência, violência.

Marc Augé, *Por uma antropologia da mobilidade*

O olhar acima exposto em relação às periferias dos grandes centros urbanos é um dos tópicos centrais do romance de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010), sendo uma das questões importantes a ser discutida na contemporaneidade. O contraste entre essas diferentes realidades que habitam uma mesma cidade configura as muitas cidades que se encontram dentro de uma metrópole. Esses diferentes mundos que se chocam trazem para a cena os contrastes e as rivalidades presentes na paisagem urbana. Assim, ao mesmo tempo em que o centro urbano transmite uma ideia de desenvolvimento e progresso, ele também desnuda os problemas sociais que o sistema vigente produz.

Ao falar a respeito dos centros urbanos brasileiros, Bárbara Freitag, em *Teorias da cidade*, menciona que nesses locais “falamos de favelas, invasões, cidades-satélite, comunidades e assim por diante. Elas são o reverso do planejamento urbano voltado para a elite e a classe média” (2012, 133). Esse “reverso da medalha”, termo utilizado pela autora, constitui um outro modelo de vida esquecido pela classe dominante, dando forma ao que Zuenir Ventura denomina de *Cidade partida* (1994), título de seu livro.

Tais meios urbanos de vida destoam, por conseguinte, do retrato de progresso e desenvolvimento implementado sobretudo pelo mercado de consumo. Assim, em meio a um ambiente hostil, os indivíduos que se encontram à margem de todo esse processo delineiam uma outra alternativa possível de vida, ainda que ela seja desumana. Dessa forma, enquanto

resistem ao silenciamento, eles vão traçando uma batalha cotidiana, indo de encontro a um modelo de vida que os repele.

A violência passa, então, a fazer parte da rotina desses sujeitos que, muitas vezes, veem nela a sua única chance de se afirmar, uma vez que o *outro* se transforma no seu inimigo. Desse modo, os centros urbanos brasileiros vão se tornando palco de diversas tensões.

Em *Cidade partida* Zuenir Ventura problematiza essa questão ao retratar os embates entre diferentes mundos, que vão dando forma a uma cidade estilhaçada. O Rio de Janeiro. No contexto apresentado no livro, a fragmentação presente na metrópole carioca traz consigo a violência e o medo. Segundo o narrador, “assaltos, chacinas, sequestros, arrastões, saques, linchamentos, estupros eram manifestações espetaculares dessa nova cultura, a Cultura da Violência [...]” (p.138). Essa “Cultura da Violência” se apresenta enquanto um resultado de uma política que produz e reproduz a segregação e a desigualdade na cidade.

A fragmentação da metrópole carioca também é pensada por Renato Cordeiro Gomes. O crítico, em *Todas as cidades, a cidade* (2008), menciona que “a modernidade excludente contribui para uma visão partida [...]” (126). O autor, em seu livro, aponta, portanto, para a presença de muitas cidades dentro de uma cidade.

As distâncias e contrastes entre esses mundos e as modificações implementadas nos grandes centros urbanos são também resultados trazidos pelo estilo de vida estimulado pelo mercado de consumo e pelo mundo globalizado, que transformaram até mesmo a forma dos sujeitos se relacionarem com a realidade que os cerca e com o *outro*. A partir dessa perspectiva, é possível perceber interações cada vez mais efêmeras e instáveis.

Dessa maneira, as relações humanas, como observa Bauman, em *Vida para consumo* (2008), se aproximam cada vez mais das relações estabelecidas no meio do consumo. Imersos nesse cenário, os indivíduos, assim como um objeto à venda, precisam mostrar-se sempre desejáveis, a fim de não perderem a sua utilidade, para que o descarte não seja o seu destino final.

Segundo esse viés, também é possível problematizar o próprio lugar dos sujeitos dentro da dinâmica social dos grandes centros urbanos brasileiros, e o funcionamento de toda

essa engrenagem controlada pelos mecanismos de opressão presentes nos sistemas vigentes. Portanto, com o intuito de adquirir uma posição de aprovação e de reconhecimento na sociedade, torna-se necessário atender às regras impostas pelo mercado de consumo, transformando-se, então, em um “produto em potencial”, exposto para o mundo.

Dentro dessa ótica, ser consumido e consumir se apresentam enquanto ingredientes fundamentais para se viver nas metrópoles atuais. Beatriz Sarlo, em *Cidade vista* (2014), já aponta para o fato de que a “ordem do mercado é mil vezes mais eficaz do que a ordem pública” (p. 6), afirmando ser esta a razão da dinâmica do Estado ser mais fraca do que a dinâmica da mercadoria. A “cultura do consumismo” (2008, p. 71) começa, dessa maneira, a ser absorvida pelos indivíduos da sociedade contemporânea, que a enxergam enquanto condição essencial de existência no mundo globalizado. É preciso se adaptar a ela e segui-la, para sentir-se pertencente nesse contexto. A partir desse aspecto, os critérios de exclusão e de inclusão podem, assim, ser observados.

Na sociedade do consumo, a relação entre corpo e produto merece ser pensada, sobretudo quando se reflete sobre o mercado de trabalho. Ao analisar essa questão, pode-se observar que, bem como um objeto em uma prateleira de supermercado, precisando atender às exigências e desejos do consumidor para ser comprado, o sujeito também necessita obter as qualificações exigidas nas relações entre empregador e empregado, a fim de se transformar em uma peça atraente para o mercado, sempre mostrando suas qualidades. Logo, percebe-se que os corpos são tratados como produtos com prazo de validade, podendo ser descartados quando não mais forem úteis ao funcionamento do sistema difundido pelo mercado de consumo.

Glauciane Reis Teixeira, apontando para essa problemática, afirma que o “indivíduo que perde o emprego passa por uma situação semelhante a da mercadoria que não desperta mais o desejo do seu comprador, ou que perdeu a utilidade, foi recusada, rotulada como produto supérfluo” (2013, p. 98). Esse sujeito passa a ser visto, então, afirma a autora adiante, “como um objeto rejeitado pelo progresso econômico (p. 98).

Pensar todas essas questões e, sobretudo, o lugar que os sujeitos ocupam no cenário contemporâneo brasileiro, principalmente o lugar daqueles que se mostram incompatíveis com a política predatória imposta pelo sistema capitalista atual, pautado pelos valores

presentes no mercado do consumo, move a produção de muitas obras presentes na literatura brasileira, especialmente a narrativa de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010). O autor retrata a presença, a recepção e a aceitação do discurso produzido pelos mecanismos opressores que reproduzem e legitimam a desigualdade social.

Assim, ao escolher a narrativa de Rubens Figueiredo como objeto de análise, o presente trabalho pretende mostrar como a obra utiliza estratégias narrativas distintas de outras de seu tempo para retratar a realidade social e o lugar dos indivíduos inseridos nela. Diferente de *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, que apresenta no texto um certo aspecto documental, por exemplo, o autor do romance a ser estudado tenta se relacionar com o seu contexto atual de forma a problematizar questões como a desigualdade social, a violência e a segregação existente nas cidades brasileiras contemporâneas, por meio de um olhar subjetivo do protagonista.

Dessa maneira, tendo certa consciência da impossibilidade de assimilar por completo a realidade de seu tempo, o autor opta por privilegiar os problemas cotidianos das metrópoles através da perspectiva subjetiva da personagem em trânsito, Pedro, que vai tecendo a narrativa a partir daquilo que observa durante o seu trajeto rumo a um bairro esquecido pela sociedade, o Tirol, e dos relatos presentes em sua memória fragmentada, somados a leitura feita sobre as ideias de Darwin.

Sendo assim, ao adotar destacar a intimidade do protagonista, o autor busca também apreender os aspectos sociais mais relevantes do seu presente, colocando em discussão o funcionamento das cidades e dos sistemas que as controlam; gerando, produzindo e reproduzindo a desigualdade social, como diz Rubens Figueiredo em uma de suas entrevistas:

A ideia original era escrever sobre os processos que produzem e reproduzem a desigualdade, que a legitimam em nosso pensamento e tentam impedir que a vejamos como uma injustiça e uma brutalidade banalizada pela mera repetição, como algo construído no dia a dia, em parte à nossa própria revelia. Era preciso investigar situações cotidianas e banais em que aqueles processos agem e se concentram. A viagem diária de ônibus do trabalho para casa me pareceu propícia para isso (FIGUEIREDO, p.1).

A existência de lugares e sujeitos excluídos pelo sistema ao qual estão expostos nos grandes centros urbanos leva o leitor a questionar, por conseguinte, o lugar do discurso

propagado pelos mecanismos de controle presentes na cidade. Torna-se, então, como o próprio autor menciona na passagem acima, necessário investigar como esses processos agem e se concentram. Desse modo, ao estabelecer um diálogo com a realidade contemporânea das metrópoles brasileiras, o autor propõe uma leitura crítica acerca das hierarquias sociais existentes no contexto urbano e dos conflitos presentes entre os sujeitos que nele se encontram, como menciona Paulo Roberto Tonani do Patrocínio:

Rubens Figueiredo apresenta um mundo de opostos marcado pelo conflito. Não apenas o relato produzido por Rosane sobre a amiga de infância indica essa percepção e esse modo de leitura da sociedade. É possível afirmar que todos os personagens e histórias são pontuados por esse movimento de colisão de sujeitos (PATROCÍNIO, p. 104).

A partir do olhar do crítico, exposto acima, nota-se que o centro urbano, e, sobretudo, os bairros periféricos acabam se configurando enquanto palco de conflitos e tensões, como consequência dos valores impostos por uma política opressora, que modifica a fisionomia da cidade e vai fragmentando-a. As ruas e subúrbios das metrópoles brasileiras, principalmente do Rio de Janeiro, transformam-se, assim, em locais que desnudam toda uma miséria e opressão escondidas por detrás da imagem de uma cidade exposta, pelo sistema vigente, como sinônimo de progresso e desenvolvimento.

Com base nas questões levantadas, o presente trabalho se dividirá em três capítulos, que tem como objetivo central pensar o lugar dos sujeitos dentro da dinâmica social brasileira, a partir da análise do romance de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010).

No primeiro capítulo pensarei a relação do sujeito itinerante com a cidade contemporânea que, a partir das modificações trazidas por novos valores inseridos pelo mercado de consumo e pelo mundo globalizado, transformou a própria maneira de o indivíduo olhar a paisagem e de interagir com o outro, produzindo cada vez mais lugares esvaziados de sentido e relações instáveis, provisórias, flexíveis e supérfluas, constituindo, portanto, uma nova realidade. Por esse viés, a análise do romance de Rubens Figueiredo torna-se pertinente para problematizar a questão levantada. Além disso, através da experiência subjetiva do protagonista Pedro, é colocada em cena uma discussão acerca do

lugar dos sujeitos dentro da dinâmica apresentada nas metrópoles e da presença da violência, segregação e desigualdade social, geradas e difundidas pelo discurso produzido pelo sistema vigente.

A partir do novo estilo de vida trazido pelo mercado de consumo e pelo mundo globalizado, nos deparamos com uma cidade estilhaçada, imersa na violência, na segregação e nos embates entre distintas realidades. Dentro dessa ótica, no segundo capítulo, analisarei a imagem do subúrbio, sobretudo o subúrbio carioca, enquanto a de um lugar incompatível com o cenário do progresso, do consumo e dos mecanismos que fazem pulsar a vida nos grandes centros urbanos brasileiros. Por esse viés, irei refletir acerca dos bairros Tirol e Várzea, que se configuram como bairros periféricos em *Passageiro do fim do dia* (2010). Eles podem ser observados enquanto obstáculos para o desenvolvimento e funcionamento da cidade, sendo, por conseguinte, o atraso do qual a metrópole não precisa. Por essa razão, o descarte e o esquecimento se mostram partes inevitáveis na existência dos sujeitos que vivem nesses locais e que são, por conseguinte, excluídos e destituídos de usufruir de direitos e privilégios proporcionados pelo modelo de vida implementado nas metrópoles. Resta, então, o embate entre dois mundos que, apesar de representarem espaços geograficamente próximos, encontram-se socialmente distantes.

A fim de estruturar e pensar todas essas questões ao longo da narrativa de Rubens Figueiredo, a importância da relação entre a memória, a leitura e o leitor não pode ser esquecida, uma vez que ela se constitui como ponto fundamental de entendimento e questionamento da dinâmica presente nos grandes centros urbanos brasileiros. É por meio da experiência da leitura e também da memória, que o protagonista do romance vai construindo narrativas e vai dando significado a elas. Pedro pode, assim, ser entendido enquanto um sujeito que lê o mundo “como se fosse a continuação de um interminável texto” (VILA-MATAS, 2005, p. 35). Seu olhar, sua forma de ler a realidade que o cerca e seu entendimento de mundo tornam-se, portanto, objetos centrais de análise no último capítulo.

É a partir da subjetividade do olhar de Pedro, que uma análise crítica sobre a sociedade contemporânea é feita, levando o leitor a questionar o modelo de vida produzido pelos mecanismos opressores presentes no sistema vigente, e a entender um pouco mais como todos esses processos agem no cotidiano dos sujeitos que estão imersos nele. Dessa forma, o

escritor vai desnudando muitos dos problemas sociais, como a violência e a desigualdade, que passam despercebidos no dia a dia desses indivíduos, ao mesmo tempo em que interroga toda uma leitura de sociedade que é feita a partir da teoria de Darwin.

Por fim, o lugar destinado ao Pedro de *Passageiro do fim do dia* (2010), bem como o lugar dos tantos outros “Pedros” presentes na contemporaneidade, além de levar o autor do romance a pensar sobre estilo de vida definido/determinado pelo mercado de consumo e pelo mundo globalizado, tornou-se uma mola propulsora para a realização deste trabalho. Acredito ser fundamental uma análise mais aprofundada dos temas levantados, para um melhor entendimento da dinâmica presente nas metrópoles brasileiras.

2. O sujeito itinerante e a cidade contemporânea

[...] pensar o espaço implica pensar a maneira como os sujeitos o praticam, observando suas hierarquias e seus constrangimentos.
(Regina Dalcastagnè)

Os centros urbanos são palco de muitas narrativas, como bem menciona Regina Dalcastagnè em *Espaços hostis, corpos insubmissos* (2016). Muitas dessas narrativas, no entanto, acabam sendo silenciadas e passam despercebidas em meio à velocidade dos acontecimentos e devido às mudanças trazidas pelo mundo globalizado. Torna-se, então, necessário analisar essas modificações que acompanham o estilo de vida esboçado nos espaços urbanos contemporâneos, a fim de melhor compreender e apreender as relações nele estabelecidas.

Por isso, refletir sobre a relação do sujeito com a cidade onde reside, sobretudo o sujeito que, ao se deparar com a vida em um grande centro urbano contemporâneo, onde a maior parte dos espaços perdem sua raiz e história, se torna essencial para compreender a dinâmica presente nas cidades brasileiras. Nesse contexto, os indivíduos apresentam um “olhar estrangeiro” (1996, p.169), inseridos em um “ordenamento global que desterritorializa seus conteúdos e suas formas de consumo.” (CANCLINI, 2008, p.41). Eles se encontram em constante trânsito, imersos em uma sociedade que Bauman denomina de “sociedade de consumidores”, ou seja, “Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional” (BAUMAN, 2008, p. 71).

É, dessa forma, em meio a desordem e falta de referenciais que o sujeito se vê constantemente exposto a uma superabundância de informações que o leva a repensar os valores presentes nas relações entre as pessoas, que passam a ver no ato de consumir uma forma de pertencer e de satisfazer suas necessidades imediatistas. Com o intuito de problematizar a questão exposta, terei como suporte o romance de Rubens Figueiredo,

Passageiro do fim do dia, em que o enredo apresentado se passa durante a viagem de ônibus do protagonista Pedro, do centro de uma metrópole até um bairro periférico, onde reside sua namorada, Rosane. A personagem em questão se encontra em um constante movimento de deslocamento, pois já no início da narrativa afirma fazer esse trajeto todas as sextas, a fim de passar o final de semana no Tirol. Tal movimento mostra-se tão automático e mecânico quanto a própria vida em um grande centro urbano, se revelando uma viagem que começa e termina no que Marc Augé define como “não-lugar”, ou seja, “um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico” (AUGÉ, 2012, p. 73), representado, na narrativa, sobretudo, pelo ônibus. O próprio protagonista já menciona, em uma das passagens do romance, que não é tão simples pensar a razão pela qual faz esse trajeto todas as sextas.

[...] não ia para sua casa – se bem que ia dormir e para ficar lá um dia ou dois. Já era um hábito. Sem notar, ele se adaptara também, e de maneira tão fácil que agora Pedro teria de fazer um certo esforço para lembrar como aquilo havia começado. Sexta-feira à noite e sábado. Muitas vezes, ficava até domingo na casa de Rosane – ou melhor, na casa do pai de Rosane. (FIGUEIREDO, p. 26)

Portanto, Pedro, ao se ver preso na mecanização da vida em um grande centro urbano, solidificada por mecanismos opressores, presentes no sistema do qual faz parte, acaba preenchendo apenas mais um papel a ser desempenhado dentro desse mundo, circulando entre “não-lugares” e recorrendo à memória para tentar compreender o mundo que está a sua volta e também buscando referenciais que o ajudem a se encontrar enquanto indivíduo. O protagonista do romance de Rubens Figueiredo acaba, assim, traçando uma viagem de autoconhecimento, tentando se encontrar num meio em que a ideia de pertencimento se apresenta atrelada a um mundo preenchido por “comunidades transnacionais ou desterritorializadas de consumidores” (CANCLINI, 2008, p. 40), em um espaço reservado à solidão.

2.1 - Lugares vazios

Segundo Nelson Brissac Peixoto, o “mundo não se descortina mais, como nas perspectivas tradicionais, num horizonte sem fim. Não se pode mais pretender olhá-lo como

fazia o pintor, com seu cavalete armado no alto de uma colina: como de uma janela” (1996, p.9). O sujeito, inserido nesse contexto, passa, então, a olhar a paisagem das cidades de uma outra maneira, estabelecendo um outro tipo de vínculo com ela. Dentro dessa perspectiva, a paisagem dos centros urbanos vai se constituindo a partir de um “cruzamento entre diferentes espaços e tempos” (p.10). O olhar, antes destinado à profundidade e a apreciação das coisas, dá lugar a um olhar que não consegue ultrapassar a superfície das mesmas.

Ao refletir sobre esse cenário contemporâneo, sobretudo o que se encontra presente nas metrópoles brasileiras, é possível observar que cada vez mais os lugares que estabelecem uma conexão com o mundo, que apresentam uma raiz e uma memória, dão lugar a espaços vazios, desprovidos de uma identidade e sentido, sendo apenas lugares de passagem, transitórios e mutáveis, transparecendo toda uma ideologia e modos de viver de um sistema capitalista opressor. Sendo assim, em um movimento crescente, os espaços destinados ao coletivo, tais como rodoviárias, aeroportos, hotéis e meios de transporte, vão se transformando em lares habitados por indivíduos em constante trânsito, que passam mais tempo se deslocando de sua casa para seu trabalho, e no próprio trabalho, do que em sua residência. Fato que aponta para um dos processos presentes no novo cenário sociocultural, como menciona Canclini em seu texto:

“[...] a reformulação dos padrões de assentamento e convivência urbanos: do bairro aos condomínios, das interações próximas à disseminação policêntrica da mancha urbana, sobretudo nas grandes cidades, onde as atividades básicas (trabalhar, estudar, consumir) se realizam frequentemente longe do lugar da residência e onde o tempo empregado para locomover-se por lugares desconhecidos da cidade reduz o tempo disponível para habitar a própria; [...]” (CANCLINI, 2008, p. 40)

É importante ressaltar que o termo lugar, ao qual me refiro durante este trabalho, está relacionado com a noção de um local provido de um sentido, é o que Marc Augé denomina em seu texto como “lugar antropológico”, e os “não-lugares” seriam, portanto, opostos em termos de significado, sendo os espaços destinados à passagem, ao deslocamento. Enquanto o primeiro está destinado ao campo da memória, o segundo está voltado para a mudança e para o apagamento, sendo, por conseguinte um local provisório.

É nos grandes centros urbanos, onde a vida mecanizada se faz presente, que se evidencia um novo modo de se relacionar com a paisagem, que vai se esvaziando de conteúdo

perante também a um olhar solitário de um indivíduo que apenas transita por esse espaço após horas de trabalho, a fim de voltar para sua residência, travando uma batalha cotidiana de sobrevivência. É esse contexto que produz cada vez mais locais com finalidades específicas, sejam elas de hospedagem, compra ou transporte, que tecem e ajudam a manter o isolamento do sujeito, reproduzindo, de certa forma, o estilo de vida proporcionado na contemporaneidade brasileira. Nesses lugares, não há muita interação entre os indivíduos, que no máximo compartilham e estabelecem relações com textos voltados para certos fins, que dizem respeito ao lugar onde se encontram. Ao entrar em um supermercado, por exemplo, a imagem que pode ser observada é a de sujeitos circulando nesse contexto com uma finalidade específica, a de consumir, comprar, sem estabelecer um vínculo profundo com o ambiente em questão e com os indivíduos que nele transitam. Eles entram, consomem e, em seguida, saem do local. A interação passa a ser feita apenas para atender às questões inerentes ao próprio ato da compra, seja por meio de textos informativos ou de atendentes voltados para dar suporte, ajudando a reproduzir, de forma crescente relações solitárias do sujeito com esse espaço.

Nesse novo contexto, o indivíduo acaba se vendo preso a um estilo de vida em que até mesmo o modo de olhar também se transforma, dando lugar à sistematização do próprio gesto de se relacionar com a paisagem que está a sua frente, e que, muitas vezes, passa despercebida em meio a uma multiplicidade de eventos presentes no cenário atual. A velocidade dos acontecimentos com os quais o sujeito se depara ao longo do dia, pode ser associada ao excesso de fatos e eventos que o impede de contemplar o lugar por onde ele passa e, conseqüentemente, de atribuir um sentido e estabelecer uma relação com aquele espaço. O tempo simplesmente passa, aceleradamente, obstruindo a possibilidade de enxergar o que está diante de nós, gerando cada vez mais lugares esvaziados de história, subtraindo as experiências trocadas e trazendo como resultado o exílio do sujeito em sua própria cidade. É como o “turista apressado”, de Paulo Henriques Britto, que termina seu itinerário em um aeroporto qualquer, um lugar vazio, em que o próprio nome dado ao último local visitado já nos diz muito da relação estabelecida entre o turista e o espaço por onde ele transita.

AEROPORTO QUALQUER

Acho que esqueci

O mapa de Madri

Naquele banheiro cheio de xeiques. (BRITTO, 2013, p.97)

O mapa, um dos objetos mais representativos da viagem, remetendo-nos à interação carregada de sentido entre o viajante e a paisagem a qual admira e a partir da qual compartilha experiências, é completamente descartável na atual condição desse viajante, que o esquece em um banheiro qualquer de onde está de passagem. A forma como esse turista se relaciona com os lugares os quais visita se mostra distinta em comparação a de um turista, por exemplo, contemplativo, cujo itinerário é composto por pontos memoráveis aos olhos dele, que se conecta com a paisagem carregada de significados. O turista do poema, ao contrário, não tem o mesmo tempo para contemplar os cenários por onde ele passa, diante de uma multiplicidade de fatos presentes em seu tempo, encontrando-se, de certa forma, distante do objeto a ser observado, não havendo, portanto, profundidade nesse olhar. Marc Augé, em seu texto, fala a respeito dessa relação distanciada entre o sujeito e a paisagem ao seu redor:

A paisagem fica à distância e seus detalhes arquitetônicos ou naturais são a oportunidade de um texto, às vezes ornamentado por um desenho esquemático, quando parece que o viajante de passagem não está, na realidade, em situação de ver o ponto notável sinalizado à sua atenção e encontra-se, a partir desse momento, condenado a extrair prazer apenas do conhecimento de sua profundidade. (AUGÉ, 2012, p. 90)

Os não lugares, bem como, aeroportos, mercados, rodovias, e outros, por conseguinte, nos distanciam paulatinamente daqueles lugares com os quais antes compartilhávamos uma experiência, uma vez que ao estarmos apenas transitando por esses espaços, deixamos de parar para observar os pontos específicos, contentando-nos unicamente com a superficialidade de um olhar que simplesmente passa. O sujeito começa, assim, a conhecer determinados espaços apenas a partir de textos com os quais estabelece, de alguma forma, uma proximidade abstrata, ou seja, é através de informações visuais ou escritas sobre determinado cenário, que o indivíduo reconhece e tem a percepção da existência dessa paisagem.

Ao passar pelas ruas e avenidas que ligam os diversos bairros de um grande centro urbano, por exemplo, tanto o motorista quanto os passageiros de uma linha de ônibus estão

diante de diversos textos, sejam visuais ou escritos, que os aproximam de inúmeros pontos específicos que compõem o cenário de uma metrópole, como placas, letreiros, entre outros. Cada vez menos o contato concreto e direto com o espaço é necessário em um contexto em que o silenciamento das relações com o meio e com os outros se sobressai. Um simples “Seja bem-vindo” em um letreiro da entrada de uma cidade já é o suficiente para estabelecer um contato, por mais abstrato que ele seja, através de símbolos, com o não lugar por onde o indivíduo transita. É um contrato que se estabelece a partir do modo como esse sujeito utilizará e usufruirá dos elementos oferecidos por esse espaço. É uma relação imposta pelos mecanismos de controle presentes no cenário contemporâneo, onde cada um precisa atender às exigências convencionadas por esse sistema. Quando, por exemplo, ao passar por uma estrada, paramos em um pedágio, é preciso interromper a viagem, a fim de que possamos pagar o preço ali estipulado e, assim, dar continuidade ao trajeto que estava sendo feito, do contrário ficamos impossibilitados de prosseguir. O próprio não lugar torna-se, dessa forma, um espaço de consumo, que só pode ser usufruído se as exigências estipuladas forem atendidas. Nele, o sujeito é constantemente controlado.

O indivíduo que transita pelos não lugares, ao mesmo tempo em que vive em uma constante solidão, por distanciar-se das interações mais concretas e sólidas com outros sujeitos, também vivencia a experiência de se ver preso em uma sociedade mecanizada, onde ele representa apenas mais uma função a ser exercida. Ele, assim como muitos outros, são semelhantes nesse sentido, pois nessa “relação contratual”, todos os sujeitos precisam atender às exigências convencionadas pelos mecanismos de controle, seja a partir do momento em que pagam alguma taxa exigida, ao fazer compras em um mercado ou shopping, ou simplesmente ao controlar a entrada e saída de hóspedes de um prédio, como faz Pedro, uma das personagens de um conto do escritor Rubens Figueiredo, intitulado de *O dente de ouro*, um sujeito que existe apenas para desempenhar um único papel, o de abrir e fechar as portas para outros passarem.

Permitir a entrada e saída das pessoas, ser solicitado e esperado, ouvir as queixas dos impacientes, ajudar a carregar sacolas de compras e embrulhos, suportar a maldade das crianças, escorar o braço dos idosos nos degraus, abrir e fechar a porta do elevador, permanecer fixo na sua faixa de terra firme enquanto todos se deslocavam à sua volta [...] ele era uma alavanca, era um eixo em que o

mundo se apoiava para girar. Pedro era a mola para o incessante ir e vir das pessoas.
(FIGUEIREDO, 2006, p.21)

Não é à toa que ele, assim como outras personagens do livro do autor, recebe o mesmo nome, Pedro, sendo, assim, indivíduos que representam muitos de nós em nossa sociedade atual, destituídos de uma identidade e dando lugar à representação de um papel a ser cumprido.

É interessante pensar que essa problemática apontada por Rubens Figueiredo, que constrói uma personagem funcionando também enquanto um indivíduo que representa um coletivo, é similarmente abordada por João Cabral de Melo Neto em *Morte e Vida Severina* (1955). Nessa obra, a figura principal, Severino, um retirante do Sertão, pode ser analisado como uma vítima do sistema social presente na sociedade brasileira, bem como Pedro, em *O dente de ouro* (2006), uma vez que o protagonista de João Cabral representa, assim como muitos iguais a ele, um sujeito explorado, fruto das mazelas e injustiças existentes no Brasil. Ele, da mesma forma que os inúmeros Pedros de Rubens Figueiredo, parece se mostrar fadado a esse destino desde o início. A presença de um sujeito coletivo pode já ser observada logo no início do texto de João Cabral, quando Severino diz:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia

(de fraqueza e de doença
É que a morte Severina
Ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida). (MELO NETO, 2000)

No trecho acima, é possível perceber como o protagonista, tal como Pedro, de *O dente de ouro*, se apresenta em diversos momentos despersonalizado, dando lugar à representação de uma função e, de certa forma, negando sua individualidade. Ambos carregam em si uma condição de miséria e subalternidade, ao se verem imersos em um sistema desigual. Eles representam, portanto, um grupo de indivíduos desgraçados pelos mecanismos de controle presentes na realidade social e política atual. Em seu texto *Morte e Vida Severina – uma análise cultural*, Marlucy Mary Gama Bispo, ao falar sobre o protagonista de João Cabral de Melo Neto, menciona:

[...] ele é vítima do sistema social, e não, apenas, do geográfico como insistem alguns. Nessa trajetória de Severino, marcada pela certeza da morte e a incerteza da vida cabe-lhe bem o conceito de Bauman ‘A vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante’ (2005, p.8)” (BISPO, 2009, 192).

Assim como Severino, Pedro, personagem de Rubens Figueiredo, também pode ser visto enquanto uma vítima do sistema social, esquecido pela sociedade que o coloca à margem. Ele, bem como o protagonista de Cabral, busca resistir a uma vida árida, precária e transitória.

Cristovão Tezza, em um de seus textos publicado na folha de São Paulo, “Horizonte de chão e paredes” menciona que “A própria escolha do nome único dos personagens já é índice dessa busca do todo e da inter-relação entre as partes [...]”. É um mundo, como continua Tezza em seu texto, “sem escolhas”, onde estamos ali somente para cumprir nosso papel. Dessa forma, também podemos entender o porquê de se mencionar a solidão ao retratar o sujeito inserido nesses espaços proporcionados pela contemporaneidade, onde o indivíduo sente-se estrangeiro em sua própria cidade, por não se sentir como alguém que pertence a ela, estando muitas das vezes sozinho em sua constante itinerância pela cidade.

O não lugar é, dessa maneira, um espaço, como menciona Marc Augé, que “não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude” (pag. 95) é um lugar

destinado ao errante. É nele, portanto, que a urgência do tempo presente se concretiza, por meios dos diversos textos que aparecem no trajeto por onde passamos. Ele deixa de lado o sentido insculpido, o espaço dado à memória, ele se faz de “palavras e imagens no estoque inesgotável de uma inexaurível história no presente” (AUGÉ, p. 96).

2.2. O espaço público e o consumo nos centros urbanos

No contexto em que proliferam os não lugares torna-se necessário traçar um novo olhar para o espaço público na contemporaneidade, já que novas maneiras de se relacionar com ele vão sendo construídas no cenário das cidades brasileiras. Nessa nova conjuntura, os espaços compartilhados se transformam em locais destinados ao trânsito constante de sujeitos, imersos no estilo de vida proporcionado pelo sistema atual, que se direciona, sobretudo, para o mercado de consumo. Segundo Gleison Maia Lopes (2011):

O espaço público como local de passagem comporta a interação com locais privados de uso comercial, como, por exemplo, shoppings. Essa nova relação do público e privado só pode ser entendida quando se analisa a interação entre economia e sociedade, fatores que interligam o sujeito como indivíduo pertencente a uma coletividade às questões econômicas objetivas, aos espaços compartilhados de consumo.

Baseada na exacerbação da função do consumo, essa nova forma de mercantilização do espaço urbano (dês)constrói uma concepção de espaço público, de responsabilidade exclusiva do Estado, limitando-se as funções de mantenedor da ordem social e dos direitos individuais. O setor privado, como garantidor das ações viabilizadas do consumo, passa a conciliar e atender certas necessidades de caráter individual e particular. (LOPES, 2011).

Assim, o espaço público torna-se um resultado das novas formas de se relacionar na sociedade atual, atendendo às exigências de uma realidade capitalista e possibilitando novas maneiras de interação. Tanto os espaços compartilhados quanto a própria cidade transformam-se, portanto, em produtos voltados para uma nova ótica que apreende as novas possibilidades de diálogo do homem com o seu meio, ainda que essa ótica atual reproduza e legitime cada vez mais uma sociedade desigual. Para Sobarzo:

Essa dinâmica de consumo do espaço – simplesmente consumido e produtivamente consumido – determina que a produção, comercialização e consumo do espaço urbano se convertam em aspectos

fundamentais da própria reprodução e acumulação do capital. A cidade vendida aos pedaços – criada, destruída e recriada, vendida novamente, valorizada ou desvalorizada, renovada, enobrecida, abandonada, apresentada na embalagem de um novo produto imobiliário a ser comprado ou consumido – torna-se parte integrante da reprodução capitalista, não só porque nela são produzidos e trocados bens materiais e imateriais, ou porque nela, num sentido amplo, a sociedade como um todo é reproduzida, mas também, num sentido que poderíamos considerar restrito, porque a cidade ela mesma passa a ser um produto consumido, comprado e vendido, assumindo uma função fundamental na circulação e acumulação de capital. (SOBARZO, 2006).

A partir desse olhar, fica mais clara a percepção do funcionamento não só dos espaços públicos, como também da própria cidade contemporânea, os quais vão se moldando, estruturando e se transformando de acordo com a dinâmica do sistema vigente. Gleison Maia Lopes ressalta que o espaço público passa a ser visto “como uma mercadoria inserida em uma lógica comercial e como tal deve se guiar pelas normas do modo capitalista de produção” (LOPES, 2011). Por conseguinte, eles acabam por reproduzir as segregações sócio- espaciais, uma vez que nem todos têm acesso a tudo o que é oferecido por eles, e nem o experimentam da mesma maneira. Ao pensar no funcionamento das cidades contemporâneas e dos espaços públicos, Janice Caiafa menciona que:

A primeira figura das cidades é a densidade. A cidade surge como aglomeração, com o acúmulo de gente num espaço que se partilha. É a aglomeração urbana, onde há necessariamente a criação de espaços coletivos. Porque a ocupação privada do espaço, como nos mostram casos concretos, leva a uma segmentação da população e a uma compartimentação do espaço urbano que inviabilizam a cidade. Poucos ocupam as áreas residenciais segregadas ao mesmo tempo em que se geram habitações precárias de excessiva concentração. O espaço público é desativado, não se oferece à ocupação coletiva. A rua já se torna inviável para a caminhada - e os mais pobres são os mais penalizados porque vão ter que se deslocar ali ao menos para poder se amontoar no transporte coletivo precário. Os mais ricos se movimentam em automóveis privados, que utilizam muito mais solo urbano e requerem um enorme subsídio. O conforto das áreas residenciais segregadas e do automóvel privado, figuras da ocupação privada do espaço urbano, só é garantido quando a sociedade paga por ele. (CAIAFA, 2002)

Apesar de ser um espaço que, de certa forma, reproduz a exclusão e a desigualdade, se faz necessário ressaltar que o espaço público continua a ser um lugar onde sujeitos de diferentes classes circulam e atendem às normas da civilidade. Deste modo, ao entrar em um shopping center, por exemplo, é possível observar indivíduos pertencentes a classes sociais

distintas se deslocando, embora os acessos às mercadorias presentes não estejam disponíveis para todos.

Locais como shoppings centers e redes de supermercado, os quais representam também o novo modelo de vida existente nas metrópoles contemporâneas, inserem-se cada vez mais na contemporaneidade, a fim de satisfazer as necessidades criadas pelo mercado de consumo. Dessa forma, vão sendo moldadas outras maneiras de se socializar e de se fazer presente nesses espaços, onde o ideário de qualidade de vida e felicidade se resume no ato da compra.

O consumo passa, então, “ a mediar os relacionamentos estabelecidos na sociedade, a normatizar e transformar antigos padrões em novos procedimentos, podendo resultar disso a construção de estereótipos de socialização que passam a ser seguidos como certos e necessários. ” (LOPES, 2011). Ele se insere de tal maneira na vida dos sujeitos imersos no contexto apresentado, que pode até mesmo resumir aquilo que se entende como qualidade de vida presente nas cidades contemporâneas, sendo capaz de configurar novas identidades, a partir do momento em que o indivíduo passar a ser visto como aquilo que ele consome. Em seu poema *Eu, etiqueta* (1984), Drummond já aponta para essa relação entre o sujeito e o consumo presente na sociedade brasileira.

EU, ETIQUETA

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.
Em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produto
que nunca experimentei
mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,

ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.

Estou, estou na moda.

É duro andar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas,
todos os logotipos do mercado.

Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso de outros, tão mim mesmo,
ser pensante, sentinte e solidário
com outros seres diversos e conscientes
de sua humana, invencível condição.

Agora sou anúncio,

ora vulgar ora bizarro,

em língua nacional ou em qualquer língua
(qualquer, principalmente).

E nisto me comparo, tiro glória
de minha anulação.

Não sou - vê lá - anúncio contratado.

Eu é que mimosamente pago
para anunciar, para vender
em bares festas praias pérgulas piscinas,
e bem à vista exibo esta etiqueta
global no corpo que desiste
de ser veste e sandália de uma essência
tão viva, independente,

que moda ou suborno algum a compromete.

Onde terei jogado fora

meu gosto e capacidade de escolher,
minhas idiossincrasias tão pessoais,
tão minhas que no rosto se espelhavam
e cada gesto, cada olhar
cada vinco da roupa

sou gravado de forma universal,
saio da estamperia, não de casa,
da vitrine me tiram, recolocam,
objeto pulsante mas objeto
que se oferece como signo de outros
objetos estáticos, tarifados.

Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.

Já não me convém o título de homem.

Meu nome novo é coisa.

Eu sou a coisa, coisamente.

(DRUMMOND, 1984)

Nesse cenário retratado pelo poeta, é possível observar como o mercado do consumo passa a controlar a relação dos indivíduos com eles mesmos e com o mundo, a ponto do sujeito ser capaz de negar sua própria identidade para estar na moda e ser reconhecido e aceito em uma sociedade que tem como pilar o consumo. O “ser” dá então lugar ao “ter”, e o homem passa, assim, a se submeter às regras do mercado, tornando-se uma “coisa”, como ressalta o poeta no final do poema “Já não me convém o título de homem / Meu nome novo é coisa./ Eu sou a coisa, coisamente.”. Assim, o “homem-anúncio itinerante”, joga fora sua capacidade de escolher ao se ver imerso no contexto apresentado, ele abre mão de suas vontades e escolhas, trocando-as pelos “logotipos do mercado”. Dessa forma, ele se vê incapaz de se reconhecer diverso aos outros, sendo mais um, no meio de muitos, “escravo da matéria anunciada”. Ao analisar o título do poema de Drummond, Márcia Azevedo Coelho, no artigo que publica na revista eletrônica FAPPES, menciona que:

O título do poema parece encerrar o seu fundamento a partir da junção do pronome “eu”, que segundo o dicionário Aurélio (1986:732-3) pode ser definido como “a personalidade de quem fala”; “a individualidade metafísica da pessoa”, ao substantivo (adjetivado) etiqueta definido como “letreiro ou rótulo que se põe sobre alguma coisa para designar o que ela é ou contém”. Assim, de chofre sabemos que o eu não é mais definido pela sua subjetividade ou individualidade, mas pelo que se diz dele, pelo rótulo que carrega. O título faz também, por meio do pronome, com que o leitor se torne cúmplice, na medida em que “eu” é a primeira pessoa, assim é tanto o eu-lírico quanto o leitor que também se coisifica. (COELHO, 2010)

A análise feita pela autora sobre o poema só vem a corroborar a ideia do consumo enquanto algo que coordena e opera toda uma sociedade e que define o papel de cada indivíduo presente no mundo contemporâneo, a partir do momento em que o “eu” se desprende de sua subjetividade para dar lugar ao “rótulo que carrega”, atendendo, assim, aos anseios e necessidades criados pelo mercado de consumo.

Em seu texto, *O uso da imagem pela mídia e sua repercussão na subjetividade contemporânea*, Susana Faleiro ressalta que “O poema ‘Eu, etiqueta’, de Drummond, transmite precisamente a condição do eu coisificado no mundo globalizado. Trata-se do eu fabricado pela mídia, semelhante a uma mercadoria e anulado em sua particularidade [...]”

(BARROSO, 2006). O sujeito então se despersonaliza, renunciando “à sua bagagem imaginária particular, a suas imagens estruturantes” (BARROSO, 2006).

Vale ressaltar que procuro pensar, nesse trabalho, na palavra consumo enquanto algo que se transforma em um ato central no mundo contemporâneo, algo que move toda uma sociedade e que se transforma, portanto, na base de sustentação de grande parte das interações humanas. Nessa sociedade, o consumismo passa a ser o motor que impulsiona as necessidades humanas, como menciona Bauman em seu livro *Vida para consumo*.

Pode-se dizer que “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime” transformando-os na *principal força propulsora e operativa* da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais. (BAUMAN, 2008, p.41)

Ao ligar o rádio de seu carro, durante seu trajeto de casa para o trabalho, por exemplo, o sujeito é invadido por propagandas de lojas, de produtos, de viagens e também de cartões de crédito e de instituições, é convidado a entrar e pertencer a esse mundo, onde comprar e fazer como a maioria faz é uma forma de se encontrar nesse sistema. No trajeto também da casa para o trabalho e vice-versa, é possível visualizar inúmeros *outdoors*, com imagens e textos persuasivos sobre aquilo que deveríamos comprar e possuir para sermos felizes dentro desse mundo do consumo. Somos constantemente abordados por esses textos visuais e escritos, em que a palavra comprar assume um significado muito forte e expressivo. É nesse contexto também que as empresas voltadas para a venda de diversos produtos difundem seu discurso, tecendo uma teia da qual dificilmente é possível se livrar. Eles estão em quase todos os espaços que o sujeito frequenta, até mesmo em suas casas, através de um objeto que simboliza todo esse mundo do consumo, a televisão. É durante os intervalos entre um programa televisivo e outro, que somos bombardeados por propagandas que nos induzem a comprar e nos mostram um mundo aparentemente perfeito, com os melhores carros, as melhores casas, roupas e famílias. Estamos diante de uma espécie de miragem, da qual apenas desejamos fazer parte. Ao aproximar à imagem da televisão à de uma miragem, me refiro a

miragem no sentido de algo visto e interpretado de uma forma que não reproduz, de certa maneira, a realidade de muitos sujeitos, sobretudo aqueles que após horas de trabalho vão para suas casas descansar e assistir a essas imagens transmitidas pela televisão. Marc Augé, em seu livro, *Não lugares*, também aborda essa problemática da invasão de imagens que propagam esse mundo do consumo, que constituem o nosso tempo presente:

Assaltado pelas imagens que difundem, de maneira superabundante, as instituições do comércio, dos transportes ou da venda, o passageiro dos não lugares faz a experiência simultânea do presente perpétuo e do encontro de si. Encontro, identificação, imagem [...] (AUGÉ, 2012, p. 96)

Ainda pensando na relação entre o sujeito e o consumo na vida de um grande centro urbano, torna-se custoso não pensar em associar o indivíduo a uma espécie de objeto, ou mercadoria facilmente descartável em um contexto em que a palavra rejeição passa a ter um sentido fundamental, sendo ela constantemente empregada, sobretudo em um mundo onde o ato de consumir e lucrar mostra-se essencial.

Em *Vida para consumo*, Zygmunt Bauman, logo no início, ao retratar três casos a fim de mostrar os hábitos mutáveis de uma sociedade, relata um episódio em que uma companhia fornecia um sistema que ajudava as empresas a selecionar e classificar seus clientes a partir de práticas de segmentação entre os mais ou menos valiosos, para assim determinar a forma como eles seriam atendidos. Através dessa maneira de pensar o funcionamento das grandes empresas, é possível observar como, aos olhos de muitos executivos, os clientes tornam-se simples mercadorias, facilmente rejeitáveis, a partir do momento em que passam a ser vistos como meros “consumidores falhos”.

[...] essas ervas daninhas do jardim do consumo, pessoas sem dinheiro, cartões de crédito e/ou entusiasmo por compras, e imunes aos afagos do marketing. Assim, como resultado da seleção negativa, só jogadores ávidos e ricos teriam a permissão de permanecer no jogo do consumo. (BAUMAN, 2008, p. 11)

A partir da visão acima exposta por um executivo de uma grande empresa, é possível observar como, na visão desses grandes administradores, não passamos de objetos a serem classificados como falhos ou não para o mundo, ou, como ele mesmo menciona “jogo” do consumo. Para entrarmos nesse jogo, precisamos atender a todos os requisitos por ele acima

descritos. Consumir torna-se, portanto, uma prática indispensável nesse complexo jogo do mundo contemporâneo. Não somos avaliados, assim, por aquilo que essencialmente somos, e sim pelo que compramos. Sendo assim, comprar passa a ser, nesse contexto, sinônimo de pertencer, de fazer parte de uma sociedade que prioriza cada vez mais as relações superficiais entre os sujeitos.

Ainda em um dos casos abordados por Bauman no início de seu livro, o autor menciona o discurso anunciado por um dos ministros britânicos, Charles Clarke, em que ele aborda sobre um novo método de selecionar quem supostamente teria condições de entrar em seu país. Nesse pronunciamento, o ministro fala que esses sujeitos precisam ser inteligentes e possuir habilidades que atendam às necessidades de seu território, excluindo qualquer outra pessoa que não se encaixe nesse perfil. Mais uma vez é possível notar como, até mesmo em casos como esse, os indivíduos são vistos como produtos, como mercadorias que são selecionadas pela sua qualidade. É como o próprio autor menciona, só é escolhido “o melhor produto da prateleira”, aquele que se adequa às regras do mercado. É preciso, como continua o autor “obter o reconhecimento e a aprovação exigidos para permanecer no jogo da sociabilidade” (p.12). E esse é um exercício constante na luta diária de um sujeito para sobreviver em um grande centro urbano, que busca cada vez mais se ajustar a esse sistema imposto tanto por essas empresas, como também por todas as outras formas de opressão presentes nesse contexto.

Sendo assim, nos transformamos, no cenário atual, em produtos que, assim como as mercadorias expostas na prateleira de um mercado, precisam ser vistos como desejáveis aos olhos de quem os estão avaliando. Necessitamos, a fim de alcançar um bom lugar dentro desse contexto, de constantemente nos tornarmos atraentes, sendo, nós mesmos, responsáveis por nossa promoção nesse meio.

A incessante busca pela aceitação dentro desse jogo promovido pelo mercado, fez com que até a aparência dos indivíduos fosse relevante na conquista pela aprovação. O sujeito não só precisa ser dotado de habilidades intelectuais, como também deve estar sempre bem vestido, dentro daquele padrão exigido pela ocasião. Ele passa a ser também aquilo que ele veste e aquilo que fala e consome. É possível observar essa situação através dos incontáveis anúncios e propagandas com as quais nos deparamos seja em revistas, jornais, na televisão e até mesmo em *outdoors* espalhados pela cidade. Ao ler alguns anúncios de empresa ou de

lojas que precisam contratar um funcionário, por exemplo, nota-se, como um dos pré-requisitos, a exigência por uma boa aparência, a fim de que a pessoa possa ser bem avaliada pelo empregador e atrair o seu olhar. O indivíduo agora precisa também causar uma boa impressão e ser aparentemente saudável dentro dos padrões solicitados por uma sociedade capitalista e globalizada, onde a competição se mostra a cada dia mais intensa.

Dentro de um perfil traçado por essa sociedade capitalista atual, em que tudo e todos acabam sendo vistos como produtos facilmente descartáveis, os trabalhadores que mais se encaixam e que, portanto, tornam-se mais cobiçados pelos empregadores são os sujeitos considerados mais flexíveis, que se adaptam as inúmeras situações que possam ser atribuídas a eles em um emprego, aqueles que geram menos custo para a empresa que os contratou, e que não buscam estabelecer um vínculo permanente com ela e que, por conseguinte, se em algum momento não atenderem mais às necessidades de seu local de trabalho, possam ser descartadas sem causar muitos prejuízos para o empregador.

A partir dessa perspectiva, torna-se cada vez mais impraticável para os empregados fazer exigências - como por exemplo relacionadas ao custo da mão-de-obra - dentro do mercado de trabalho, pois se as fizerem, serão facilmente substituídos por outro que as aceite e se encaixe dentro desse perfil. Nesse jogo oferecido pelo mercado de trabalho, é necessário que o empregado, assim como um produto a ser consumido, atenda aos desejos daquele que irá utilizá-lo, deixando seu potencial constantemente à mostra. Essas novas formas de interação humana estão presentes no que Bauman chama de “sociedade de consumidores”, onde, continua ele, “ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria rendável.” (p.20)

Nessa “sociedade de consumidores”, até mesmo o próprio corpo se transforma em objeto de consumo, seja como forma de sobrevivência, através da mão-de-obra oferecida, ou pelo simples desejo de sair do anonimato e ser alguém reconhecido por todos e, portanto, também desejado por muitos, como as grandes celebridades populares. O importante, dentro dessa sociedade do consumo e do espetáculo, é se manter sempre visível aos olhos dos outros e, para isso, é necessário estar continuamente vendendo sua imagem, sua mercadoria. Não ser alguém visível nesse cenário significa, por conseguinte, o apagamento. Sendo assim, a busca pelo reconhecimento dentro desse contexto é objeto de interesse de todos aqueles que

nele desejam se inserir, a fim de se sentirem vivos e, conseqüentemente, distantes da palavra rejeição.

Até mesmo a procura por um relacionamento amoroso pela internet reflete as novas formas de interação humana previstas na sociedade contemporânea. Ao entrar em um site de relacionamento, o sujeito se depara com vários tipos de perfis, escolhendo aqueles que mais se encaixam dentro daquilo que ele está procurando. É preciso colocar nesses sites, todos os seus potenciais e qualidades, a fim de tornar o seu produto, no caso o próprio sujeito, mais desejável e, portanto, mais suscetível a ser escolhido. Caso a procura não seja plenamente satisfatória e não atenda aos requisitos solicitados, o possível candidato é descartado e, logo, substituído por outro que se encaixe melhor.

O mesmo também ocorre com os trabalhadores de empresas e indústrias quando não mais atendem às necessidades de seus empregadores, ou a partir do momento em que são considerados como “mercadorias defeituosas”, ao ficarem doentes, ou até mesmo ao sofrerem algum acidente de trabalho, sendo trocados por outros mais satisfatórios. Dessa forma, as relações entre os sujeitos mostram-se cada dia mais mutáveis e finitas, acompanhando a velocidade das transformações dos acontecimentos e a quantidade de ofertas no mundo capitalista globalizado. Os objetos de consumo passam, mais rapidamente, da condição de plenamente satisfatórios à condição de ultrapassados e, por conseguinte, indesejados, apresentando uma curta durabilidade. O romance de Rubens Figueiredo, que será problematizado mais para frente, retrata muito bem essas questões. Nele, em diversos momentos, o narrador expõe a condição do sujeito enquanto empregado explorado e mercadoria descartável no universo capitalista. Como ocorre com a namorada do protagonista, Rosane, e com o seu pai, que acaba ficando desempregado, por conta de uma alergia provocada pelo cimento, objeto com o qual trabalhava. “Trata-se de reações ao universo do trabalho, da exploração da força dos sujeitos facilmente dispensados”, como aponta Stefania Chiarelli (2015). Bauman, aborda essa questão ao mencionar que:

Entre as maneiras com que o consumidor enfrenta a insatisfação, a principal é descartar os objetos que a causam. A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando “velho” a “defasado”, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo. (BAUMAN, p. 31)

O ato de descartar se torna comum na sociedade de consumidores, como menciona Bauman no trecho acima. Nesse contexto, em que as palavras durabilidade e defasagem passam a ser vocábulos constantemente utilizados para representar o mundo do consumo, até mesmo as formas de interação entre os sujeitos apresentam um prazo de validade reduzido, tal como ocorre nas relações entre empregador e empregado, por exemplo. Tudo se torna rapidamente velho e inutilizável, inclusive a própria mão-de-obra. Até mesmo a fama que, assim como explode de forma repentina, também desaparece. O impacto causado por essas relações pode ser observado na solidão presente na vida do sujeito contemporâneo e em sua constante luta por um lugar dentro desse novo sistema. O amor e a preocupação com o outro, a troca presente em um relacionamento, seja de amor, amizade ou de trabalho, são substituídos por outros tipos de valores implementados por essa sociedade do consumo, em que a busca pelo próprio prazer, lucro e satisfação transformam-se em princípios fundamentais.

Ao se depararem com os novos valores presentes no mundo do consumismo, que manipula o comportamento dos sujeitos através de um novo curso imposto por esse contexto, tudo aquilo que se almeja passa a ser, por assim dizer, o reconhecimento e o conforto trazidos no ato do consumo. Um novo modelo de vida, com novas prioridades e noções de prazer e reconhecimento começa, assim, a ser estruturado, nos levando a repensar questões voltadas para as relações de convívio humano. O motor que impulsiona essa sociedade é o crescente e insaciável desejo de possuir, que faz com que nunca estejamos satisfeitos com o que temos, e que, com isso, tenhamos sempre a vontade de adquirir algo novo, que nos possibilite tentar satisfazer nossas vontades. O ato da troca, do velho pelo novo, torna-se consequência desse constante desejo que mantém pulsante esse ciclo vicioso e que acompanha a superabundância de acontecimentos presentes no mundo globalizado, onde a cada instante surge algo novo e mais interessante, tornando o objeto antigo defasado, ultrapassado. A fim de pensar esse mundo do consumismo, onde a inconstância e a falta de durabilidade das coisas se mostra intensa, precisamos também pensar o tempo no qual os sujeitos estão inseridos, para que assim possamos entender o seu comportamento.

Na sociedade contemporânea globalizada, onde o indivíduo se depara com uma multiplicidade de fatos e mutações sucessivas, estando exposto a incontáveis informações e experimentando um mundo fragmentado, com inúmeros presentes, a ideia de

descontinuidade e inconstância transforma-se em uma realidade passível de ser apreendida, bem como a noção de eternidade, que passa a estar contida no tempo da finitude e do instante, sendo as relações do sujeito com o mundo pautadas no momento presente. Assim, a vida vai se metamorfoseando em incontáveis rupturas e na falta de durabilidade das coisas, atendendo às novas necessidades que vão surgindo e deixando para trás tudo aquilo que não acompanhou a velocidade das transformações. O curso do tempo não funciona, portanto, de forma coesa, com uma lógica linear, os fatos vão simplesmente se sucedendo sem uma ordem previsível, contínua, do mesmo modo como se movem os desejos e necessidades do sujeito contemporâneo. É, por esse viés, que Néstor García Canclini vai mencionar, em *Consumidores e cidadãos*, que, nos tempos atuais, as identidades “configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir.” (2008, p.30)

Assim, nessa “cultura do efêmero”, termo utilizado por Canclini, não só a política, a economia e a cultura vão se moldando de acordo com os valores que dinamizam o mercado do consumo, que se encontra em permanente renovação, como também as identidades dos indivíduos que estão inseridos no mundo globalizado. O mercado de consumo vai, dessa maneira, mostrando-se como a forma mais atuante e dominante de organização da nossa sociedade atual, controlando a maior parte de seu funcionamento e compondo uma nova maneira do sujeito se relacionar com o seu meio e consigo mesmo.

2.3. A relação do sujeito com a cidade em *Passageiro do fim do dia*

Como foi visto anteriormente, o surgimento cada vez mais frequente dos chamados não lugares, somado à itinerância constante na qual se encontram os sujeitos que vivem nos grandes centros urbanos, são frutos do estilo de vida proporcionado pela sociedade capitalista globalizada, submetida às regras estabelecidas pelo mercado do consumo e ao mundo assalariado, onde as relações tanto de trabalho, como também sociais e afetivas passam por bruscas mudanças de valores, apresentando-se enquanto interações fluidas, precárias, flexíveis e voláteis, bem como menciona José Sterza Justo e Luiz Carlos da Rocha, no texto *Dromologia e trabalho na contemporaneidade: o caso dos andarilhos*:

[...] os andarilhos da atualidade são tomados como caso paradigmático da itinerância desencadeada a partir do trabalho assalariado, cada vez mais volátil, provisório, volante e submetido ao mercado. O trabalho se liquefaz substituindo os sólidos vínculos trabalhistas por relações extremamente flexíveis, brandas e precárias. As modernas tecnologias de produção barateiam progressivamente os processos de automação, dispensando cada vez mais a clássica “mão” de obra. A busca desenfreada de produtividade e lucratividade se faz às custas do sacrifício da mão de obra, cada vez mais tida como um encargo oneroso. [...] com a liquefação do trabalho, os demais relacionamentos sociais e afetivos também se tornam fluidos, rarefeitos, provisórios, breves e sazonais. (STERZA, 2006, p.1)

A situação relatada acima mostra a vínculo caótico entre o indivíduo e o mundo do trabalho na cidade contemporânea, desencadeado por um sistema opressor que, através também das relações desiguais do mercado, legitimam seu discurso. Para que o sujeito da contemporaneidade se encaixe no perfil de um tempo cada vez mais volátil e veloz é preciso que ele se submeta cada vez mais ao mundo da informação e do consumo, estando suscetível à exploração, a instabilidade e ao descarte. Com intuito de pensar essa questão, mostra-se significativo o diálogo com o romance do escritor brasileiro Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010), em que a condição do permanente trânsito pelas metrópoles figura-se enquanto reflexo de todo um sistema imposto pelo mundo do trabalho.

Já no início do romance, o leitor se depara com diversas experiências cotidianas que, como o próprio autor menciona em uma de suas entrevistas, geram, produzem, reproduzem, legitimam e fazem esquecer a desigualdade social, assim como a espera das personagens da narrativa para pegar o ônibus após horas de trabalho, com um “sol quase colado” à testa, em pé, durante um grande espaço de tempo. Além da espera pelo ônibus, todos os outros gestos descritos pelo narrador, simbolizam movimentos reiterados, mecanizados, que aos olhos do protagonista não mais surpreendiam. Pedro chegava a prever as reações dos outros passageiros que, junto a ele, pegavam o mesmo ônibus todas as sextas, até o Tirol, bairro periférico de um grande centro urbano. “Já conhecia de vista vários passageiros. Sem nenhum esforço e sem a mínima intenção, já sabia até alguma coisa a respeito de alguns.” (p.9). Os verbos conhecer e saber revelam ao leitor a rotina diária na qual se inserem as personagens do ônibus, que enfrentam uma batalha cotidiana de sobrevivência em meio a uma cidade que se mostra cada vez mais hostil. Assim também, as descrições físicas feitas sobre os passageiros denunciam a exploração à qual estão os mesmos submetidos ao travarem essa batalha diária. Elas são marcas trazidas por essa desigualdade sofrida, seja através da falta

dos dentes incisivos ou de cicatrizes e sequelas oriundas da violência presente nas relações de trabalho assalariado.

Rubens Figueiredo, ao nos apresentar a personagens itinerantes, em constante deslocamento, aponta para uma problemática muito comum na sociedade brasileira contemporânea, a de sujeitos que, submetidos às regras impostas pelo mercado do consumo e por outros mecanismos opressores, se veem submersos no mundo da desigualdade social, sem que nem ao menos percebam ou não achem natural. São indivíduos que passam horas se deslocando de suas casas para o emprego, por não terem condições de viver próximo de seus locais de trabalho. Eles acabam presos em engarrafamentos dentro dos meios de transporte, com intuito de ganhar um salário que mal os sustenta e com o qual eles acabam se contentando, pois, muitas vezes, na mente de cada um deles, não lhes resta outra opção. Eles são sujeitos que estão, na maior parte do tempo, de passagem, estabelecendo um vínculo esvaziado de sentido e superficial com o espaço por onde transitam.

Ao analisar a figura do protagonista do romance, Pedro, podemos também notar que ele representa bem o sujeito contemporâneo que transita pelos grandes centros urbanos, enquanto um indivíduo solitário, sempre de passagem, procurando se encontrar dentro do ambiente hostil oferecido pela cidade. Ele pode ser considerado, assim, um estrangeiro em sua própria terra, alguém que busca incessantemente compreender a si mesmo e o meio onde vive, buscando referenciais, seja através da memória, ao relembrar fatos do seu passado traumático e o dos outros moradores do Tirol, como fatos ocorridos com Rosane e sua família, seja por meio de um diálogo estabelecido com o livro sobre Darwin, como também a partir das observações feitas durante o seu trajeto até o bairro periférico, seja do espaço por onde circula, ou dos outros indivíduos com quem ele esbarra ao longo de seu deslocamento, que é interrompido sucessivas vezes por gestos de violência e desigualdade.

O que Pedro na maior parte do tempo não sabia, ou não conseguia lembrar, era que ele mesmo estava ali, juntando os outros. Fazia os movimentos corretos, ocupava o espaço adequado ao local e à hora, e até se demorava observando e guardando detalhes –para ele acidentais, interessantes. Porém sua atenção tinha mais força do que qualidade. Enxergava bem, mas olhava como que de longe, ou como que através de um furo na parede. Sem ser visto, Pedro mesmo não se via. (FIGUEIREDO, 2010, p.11)

O protagonista imerso na sua solidão, além de não conseguir estabelecer um vínculo com o espaço por onde circula e com as pessoas à sua volta, também não consegue enxergar a si mesmo, não consegue se compreender e entender o seu lugar dentro dessa sociedade que o empurra cada vez mais para o fundo, se perdendo na vida mecanizada da cidade grande. Por mais esforço que faça, seu olhar não lhe possibilita assimilar o funcionamento do discurso propagado pelos mecanismos de controle da sociedade do consumo, que gera a desigualdade social na qual ele e as outras personagens estão inseridos, fazendo-os recorrer ao darwinismo social e a outras teorias científicas e deterministas como uma maneira de tentar apreender suas realidades. Em seu artigo, Claudete Daflon comenta a assimilação dessas teorias por parte das personagens retratadas no romance, que representariam o pensamento de uma grande parcela da sociedade brasileira atual:

Nesse sentido, evidenciam-se, na escrita de Rubens Figueiredo, estratégias de associação que se sustentam na discussão sobre a viagem, o conhecimento científico e o darwinismo social. Recorre-se no romance a observações evolucionistas já conhecidas pelo senso comum, muitas delas empregadas como justificativas para modelos sociais de exploração ou como propostas explicativas que permitam interpretações da sociedade. (DAFLON, 2014, p.9)

Ao acionar as ideias do pesquisador como uma possível leitura, feita pelo senso comum, nos grandes centros urbanos brasileiros, Rubens Figueiredo procura, portanto, problematizar a propagação e legitimação desse tipo de discurso no contexto atual e também a sua recepção e aceitação nas cidades contemporâneas. Sendo assim, ao ler o livro sobre Darwin, enquanto se desloca do centro para o Tirol, deparando-se com situações consecutivas de violência e desigualdade, Pedro busca na “caçada tão sistemática” entre vespas e aranhas uma resposta para seus questionamentos. Logo, a adaptação e o avanço na escala evolutiva parecem ser as únicas respostas possíveis para os comportamentos com os quais o protagonista se depara ao longo do trajeto.

O enredo vai, dessa forma, dando lugar a importantes detalhes que vão compondo a narrativa. Para Rubens Figueiredo, o importante não aparenta ser criar uma história de uma viagem com início, meio e fim, e sim uma viagem de autoconhecimento do protagonista e também do sujeito contemporâneo, ao mesmo tempo em que leva o leitor a tentar

compreender o funcionamento de sua sociedade. Em seu texto, Janice Caiafa menciona que são “as conversas com desconhecidos – nos veículos coletivos, por exemplo – e mesmo o silêncio que pode ocorrer nesse meio diverso, envolvendo uma contemplação ativa da variedade urbana que, em alguma medida, também nos transforma.” (2005, p. 6) Pedro, ao passar por uma experiência similar, entrando em contato com o outro, de certo modo já se transforma. Assim, é possível dizer que o Pedro do final do romance já não é mais o mesmo do protagonista do início da narrativa.

A viagem que Pedro faz é, por conseguinte, um deslocamento que demarca a experiência do sujeito em trânsito na metrópole, que se figura enquanto cenário dinamizador de tensões entre opostos. Como Claudete Daflon menciona em seu artigo, “[...] a narrativa encerra-se sem a chegada ao Tirol, pois a viagem, no romance, não existe por sua finalidade, mas pela própria forma como se processa a experiência do trânsito” (2014). A partir dessa perspectiva, a escrita desse romance de Rubens Figueiredo procura privilegiar questões sociais inerentes ao seu tempo e ao contexto das metrópoles brasileiras através da experiência subjetiva do protagonista, sendo também sinônimo “de uma aproximação literária ao mais cotidiano”, bem como diz Karl Erik Schøllhammer, em *Ficção brasileira contemporânea*. Em *O olhar estrangeiro*, Nelson Brissac Peixoto aborda a respeito desse novo contato do sujeito com o urbano, a partir da viagem contemporânea:

A velocidade provoca, para aquele que avança num veículo, um achatamento da paisagem. Quanto mais rápido o movimento, menos profundidade as coisas têm, mais chapadas ficam, como se estivessem contra um muro, contra uma tela. A cidade contemporânea corresponderia a este novo olhar. Os seus prédios e habitantes passariam pelo mesmo processo de superficialização, a paisagem urbana se confundindo com outdoors. O mundo se converte num cenário, os indivíduos em personagens. Cidade-cinema. Tudo é imagem. (PEIXOTO, 1990, p.1)

Por esse viés, é possível pensar a viagem que Pedro e os outros passageiros do ônibus fazem enquanto uma viagem contemporânea, ou seja, um deslocamento que começa e termina em não lugares. O ônibus, espaço onde se passa praticamente toda a narrativa, representa o local destinado à passagem desses sujeitos em constante trânsito, transformando-se praticamente em uma segunda casa para esses itinerantes, que passam grande parte de seus dias dentro deles.

Ao refletir acerca dos meios de transporte público enquanto espaços coletivos que tornam possíveis a experiência com a alteridade, com a diferença e com a diversidade, Janice Caiafa argumenta que:

Nos lugares de ocupação coletiva – como as ruas, e também os meios de transporte coletivo – cruzamos constantemente com desconhecidos, estranhos que passam de alguma forma a povoar o nosso mundo. É um espaço de comunicação muito singular que se constitui no contexto desses encontros com desconhecidos num meio de descontinuidades e diferenças. (CAIAFA, 2005, p. 2)

Dessa maneira, pode-se pensar o ônibus da narrativa enquanto um espaço de confluência de trajetórias imersas na dinâmica presente nos centros urbanos contemporâneos. Nesse meio de transporte coletivo, Pedro se depara com o outro, com a diversidade, observando outros mundos possíveis. Janice Caiafa, ainda discorrendo sobre essa questão, afirma que o “que as cidades nos podem trazer é precisamente a intensificação da experiência de outrem como expressão de um mundo possível. A comunicação vai se dar justamente no contexto das colisões e da experiência expandida desses outros mundos, dessas margens.” (CAIAFA, 2002, p.8)

No contexto de constante deslocamento e falta de tempo, a relação do itinerante com a paisagem ao seu redor vai se esvaziando de sentido. A velocidade na qual as coisas vão acontecendo no mundo atual impedem, assim, que o sujeito contemple e apreenda o cenário por onde ele apenas passa, impossibilitando-o de construir qualquer vínculo com o seu meio.

Pedro escolhia uma casa e nela fixava o olhar. Tentava imaginar como eram os moradores e em que trabalhavam. Porém o ônibus avançava em velocidade, a estrada traçava uma curva comprida e a casa escolhida por ele ficava para trás aos poucos. Por fim sumia, antes que Pedro conseguisse formar qualquer ideia. (FIGUEIREDO, 2010, p. 41)

A casa, os moradores, todo esse cenário vai dando lugar ao ônibus e a estrada, aos espaços com finalidades específicas, impedindo Pedro de estabelecer qualquer ligação, de formar qualquer ideia a partir da paisagem que consegue contemplar por apenas alguns instantes. Ela aos poucos fica para trás. Há, por conseguinte, como consequência da falta de interação mais profunda entre o sujeito e o ambiente por onde passa, o que Claudete Daflon chamará de deslocalização, uma ausência de referenciais.

Mais uma vez está-se diante do desconhecido, pois o lugar de destino assim como o percurso pela cidade não são do domínio do viajante. Se Pedro ia para o “coração do Tirol” (Figueiredo, 2010, p.83), pouco se sabe, contudo, a respeito do itinerário que o ônibus perfaz. Há uma persistente deslocalização apoiada seja na ausência de referências que permitam a identificação dos lugares percorridos seja na fragilidade das indicações ocasionalmente apresentadas. (DAFLON, 2014, p. 9)

Ao longo da narrativa, pode-se notar que Pedro, apesar de já estar habituado a fazer o mesmo trajeto todas as sextas, durante meses, não conhece muito bem os espaços por onde o ônibus passa e inclusive o bairro para onde se destina, o Tirol. Seus gestos e movimentos se tornaram tão mecanizados quanto a vida na metrópole, impedindo-o até mesmo de lembrar como tudo isso, a rotina, havia começado. Ele já estava condicionado. Dessa forma, ao se ver imerso na ameaça de um possível conflito durante o trajeto, Pedro se enxerga em uma situação de risco, pois além de não saber o que se passa a alguns instantes de onde está, ele também não sabe como fará para chegar ao bairro de Rosane. O medo surge, portanto, do desconhecido, do ambiente hostil apresentado pela cidade, das tensões provocadas pela violência presente nos grandes centros urbanos. Pedro se figura, assim, como um completo deslocado, em direção a um mundo esquecido pela sociedade. Ele é um estrangeiro em sua própria cidade, desconhecendo a paisagem por onde transita todas as sextas.

Era noite de sexta-feira e já fazia mais de seis meses que Pedro se acostumara a dormir naquele lugar, naquela cama, no Tirol – nas sextas-feiras. Mesmo assim não conhecia muito bem o Tirol, e menos ainda seus arredores. A tal rua a quinhentos metros da linha do trem era um mistério para ele. (FIGUEIREDO, 2010, p. 52)

A condição de estrangeiro e o estilo de vida solitária e mecanizada das metrópoles, somados às situações diárias de violência e desigualdade social são consequências de uma sociedade submetida às regras e valores estabelecidos e difundidos pelo mercado do consumo. Nesse contexto, consumir e possuir transformaram-se em sinônimos de pertencer, sendo o sujeito aquilo que ele consome. “Na verdade, quase tudo, tanto objetos quanto as pessoas, se traduzia nos termos desse idioma – quem comprava o que e por quanto [...]” (p.45). O ato de comprar e por quanto comprar ganham, portanto, um significado essencial na contemporaneidade, empurrando para o esquecimento aqueles que não se encaixam dentro desse discurso. O mercado de consumo se expandiu de tal maneira nas cidades, que passou a influenciar no próprio comportamento das pessoas, fazendo-as sentir uma necessidade de

possuir a fim de se satisfazerem, de se sentirem bem. A forma como o indivíduo se veste e o que ele possui vão moldando, desse modo, a sua própria identidade. Ele passa, então, a se sentir presente no mundo somente enquanto estiver na condição de consumidor, transformando o ato da compra em um momento de intenso prazer.

Não tinham hora, não tinham pressa – demoravam-se com certo gosto na seleção, no exame da variedade. Havia uma satisfação, uma sensação de força, um alívio que passava para o corpo e que eles tratavam de aproveitar ao máximo – uma coisa que vinha da mera certeza de poder comprar. (FIGUEIREDO, 2010, p. 110)

Mais uma vez estamos diante de um não lugar na narrativa de Rubens Figueiredo, o supermercado. Nesta cena, tanto o pai de Rosane quanto a cunhada vão ao local com uma única finalidade, consumir. É um espaço destinado a esse propósito, esvaziado de qualquer outro sentido. Até mesmo as interações feitas dentro desse ambiente, como por exemplo com a moça do caixa, só acontecem com o intuito de atender às questões inerentes ao próprio ato da compra.

Nesse momento, a satisfação estampada nos rostos do pai de Rosane e de sua cunhada estão relacionados à possibilidade de entrarem nesse mundo, de poderem comprar e consumir todo o crédito das compras do mês. Era algo com o qual não estavam habituados e, portanto, sentiam a necessidade de retardar o momento, de aproveitar aquela sensação trazida pelo ato da compra, sem pressa. Era um acontecimento que sempre desejaram vivenciar, sobretudo nas inúmeras vezes em que ficaram diante dos anúncios de televisão, maravilhados com as imagens de uma suposta vida perfeita vendida pela sociedade do consumo. Todavia, esse breve momento de prazer é logo silenciado, dando lugar a um sentimento de sofrimento intenso, ao se verem diante da realidade de não mais pertencerem a esse mundo, tendo que devolver cada produto que haviam cuidadosamente selecionado, a garganta chegava a apertar. O som do apito ao passar o cartão e a imagem do carrinho de compras que ficava cada vez mais vazio eram os sinais de um mundo que se fechava para eles. É nesse momento que “[...] as letras e o mundo codificado do consumo gritam a exclusão”, como bem aponta Stefania Chiarelli (2015).

Ainda por esse viés, ao pensar a presença do consumo na vida dos sujeitos que transitam pela cidade contemporânea, podemos também observar, ao longo da leitura do romance de Rubens Figueiredo, que até mesmo os próprios indivíduos imersos nesse

contexto figuram-se enquanto objetos, que assim como os produtos consumidos, apresentam um prazo de validade, podendo se tornar descartáveis quando não mais forem úteis ao sistema. A imagem do pai de Rosane, afastado de seu trabalho, devido a uma alergia ocasionada pelo contato com o cimento manuseado durante o tempo em que trabalhou com obras e construções, retrata bem essa questão. O cimento, que até então simbolizava seu trabalho e seu salário, transforma-se em uma alergia com a qual não pode mais manter contato. Não resta, portanto, outro desfecho para ele, que fica à beira do desespero. “[...] e então teve raiva do cimento, teve raiva dos pés. Depois de mais de vinte anos trabalhando, como podiam fazer aquilo com ele?” (p.102). O corpo do pai de Rosane não representa mais um produto desejável, deixando de ser útil, e tendo como fim o descarte. Ele representa mais uma mão de obra que por não mais produzir e gerar lucro é dispensada.

Dentro dessa perspectiva, é possível olhar o romance de Rubens Figueiredo enquanto uma obra que, ao ressaltar a experiência subjetiva de um sujeito imerso em uma sociedade onde a desigualdade, a segregação e a miséria expõem-se como questões representativas de seu tempo, não deixa de privilegiar as questões sociais das grandes metrópoles brasileiras contemporâneas. O olhar de Pedro e sua experiência enquanto um sujeito que, assim como os outros passageiros, também se desloca para a margem e se depara com o ambiente hostil apresentado pela vida mecanizada dos centros urbanos, desnuda todo um cenário de violência escondido por detrás de um discurso que vende uma vida ilusória, onde o ato de consumir passar a ser sinônimo de felicidade, conquista e satisfação, transformando as relações entre os indivíduos e com a paisagem que compõem o cenário atual cada vez mais esvaziadas de sentido.

Dessa forma, pode-se observar como a obra de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia*, procura problematizar discussões relativas ao seu tempo, expondo um desejo de alcançar uma determinada realidade, através do olhar subjetivo de um sujeito imerso na solidão gerada pelos grandes centros urbanos contemporâneos, que se tornam palco de tensões e embates, dando lugar ao caos e ao conflito.

É nesse contexto, composto pelo excesso de informações e pelo discurso propagado pelo mundo do consumo, que ganha cada vez mais força, que novos valores de vida e de interação com o meio e com o outro vão se enraizando. Se por um lado antes o sujeito estabelecia relações mais estáveis, concretas e sólidas com a sua paisagem e com o outro,

agora, exposto em um espaço que perde seus referenciais e se esvazia de sentido, e em um tempo em que satisfazer os seus desejos mais fugazes e materiais ganha um significado maior, ele passa a se conectar de uma forma cada vez mais instável, flexível, provisória e supérflua com o meio e com as outras pessoas. As transformações pelas quais passaram os cenários urbanos na sociedade atual modificaram, por conseguinte, a própria forma do sujeito se relacionar com a paisagem, modificando a própria constituição da realidade, como menciona Nelson Brissac Peixoto:

Mudanças na estrutura urbana, na arquitetura, nos meios de comunicação e transporte viriam alterar profundamente a própria constituição da realidade. Hoje o real é ele mesmo uma questão. As autopistas de alta velocidade - além da informatização - transformam por completo o perfil das grandes cidades e, portanto a nossa experiência e nossa maneira de ver. O indivíduo contemporâneo é em primeiro lugar um passageiro metropolitano: em permanente movimento, cada vez para mais longe, cada vez mais rápido. Esta crescente velocidade determinaria não só o olhar, mas, sobretudo o modo pelo qual a própria cidade, e todas as outras coisas, se apresentam a nós. (PEIXOTO, 1990, p.1)

Assim, ao captar os pequenos detalhes que compõem o cenário da atualidade brasileira, sobretudo das metrópoles, Rubens Figueiredo vai tecendo uma narrativa densa e cheia de significados, onde o discurso gerado e imposto pelos mecanismos opressores passa despercebido no cotidiano dos sujeitos em constante trânsito, nos levando a questionar o poder e dominação do discurso pautado sobre a ciência, a recepção social dessas interpretações e o lugar dos sujeitos dentro desse cenário que produz continuamente a desigualdade, a segregação e a violência. Em seu texto, Paulo Roberto Tonani do Patrocínio ressalta essa questão:

O jogo que passa a ser estabelecido é complexo e dotado de muitas nuances. São os personagens que, assombrados diante da própria interrogação, questionam os mecanismos sociais que permitem a sua acomodação dentro da hierarquia social. São as conversas com Rosane, rememoradas por Pedro durante a viagem de ônibus, que apresentam um olhar crítico sobre a dinâmica social. (PATROCÍNIO, 2014, p. 102)

Ao trazer, portanto, por meio da experiência subjetiva do protagonista do romance, uma tentativa de apreender a dinâmica social, o autor não pretende acionar o naturalismo e todas as teorias deterministas e evolucionistas dos cientistas e pesquisadores do século XIX como resposta para os conflitos presentes na sociedade atual. A leitura que Rubens

Figueiredo faz é outra, na contramão desse pensamento, o escritor busca questionar o lugar desse tipo de discurso, que teve uma aceitação considerável por parte da sociedade brasileira contemporânea, podendo se apresentar enquanto uma forma de tentar entender a estrutura social, dialogando com a temática da violência urbana, da desigualdade social e da marginalidade. Há, com isso, um esforço, por parte do autor de reconstruir e apreender o espaço urbano, expondo as tensões produzidas por um sistema opressor. Sendo assim, a própria reconstituição dos lugares na obra se dá por meio de histórias dos passageiros e dos moradores dos bairros periféricos, colocadas em cena a partir do olhar de Pedro, que torna esse contexto visível ao leitor, como é apontado no texto de Regina Dalcastagnè, quando ela menciona que as histórias apresentadas no romance são “de gente cansada, com diferentes expectativas em relação à cidade mal partilhada que habitam”. Em seguida, a autora também expõe que o protagonista, “de algum modo, organiza esse espaço, tornando-o, se não familiar, ao menos visível” (p. 93). A cidade mal partilhada, a qual Regina Dalcastagnè faz referência, está presente em todo o romance de Rubens Figueiredo, da mesma maneira que nas cidades contemporâneas brasileiras, trazendo para a cena uma realidade de contrastes.

3. Cidade fragmentada: um olhar sobre o contraste

Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver
nem de tua manha nem de teu olhar.
Medo de que sintas como sou culpado
e culpados somos de pouca ou nenhuma irmandade.
Custa ser irmão,
custa abandonar nossos privilégios
e traçar a planta
da justa igualdade.
Somos desiguais
e queremos ser
sempre desiguais.
(DRUMMOND, ano)

As imagens da violência, da pobreza, da desumanização e da opressão constituem o universo, sobretudo, dos sujeitos que residem nos arrabaldes das grandes metrópoles contemporâneas brasileiras. À essa imagem, contrasta-se o retrato de um grande centro que promove o desenvolvimento e o progresso, ambos incitados pelo mercado de consumo.

O embate entre esses dois mundos, o do “atraso” e o do progresso, que configuram todo um cenário de uma cidade brasileira, é representado na narrativa de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010). A narrativa tem como foco o trajeto de ônibus feito pelo protagonista Pedro, que sai do centro de uma grande cidade em direção à periferia, um trajeto que a personagem já se habituara a fazer todas as sextas.

Na mesma viagem feita por Pedro, encontram-se os moradores dos bairros distantes da metrópole. Essas personagens compartilham algo em comum, elas se destinam diariamente rumo a um espaço que destrói e empurra para o esquecimento todos os elementos considerados indesejáveis para o crescimento de uma sociedade moderna, travando uma batalha cotidiana para sobreviver em meio a um ambiente hostil. E é Pedro quem irá trazer para o leitor, mesmo que de maneira atravessada, a história dessas personagens sofridas, como bem observa Regina Dalcastagnè:

Embora não seja dali, ele ajuda a traçar os deslocamentos dos moradores do Tirol: os do pai de Rosane, em busca por cuidados médicos e pela aposentadoria, quando já não consegue trabalhar como pedreiro; os da amiga de Rosane, em sua recusa a se adaptar ao trabalho como faxineira no centro da cidade, ameaçada pelo escritório sofisticado é diferente de tudo o que conhece; os da própria Rosane, procurando justamente se adequar a esse mesmo mundo hierarquizado; os da vizinha, que anda pelas ruas, à noite, varrendo o chão atrás de moedas. São histórias de gente cansada, com diferentes expectativas em relação à cidade mal partilhada que habitam. (DALCASTAGNÈ, 2015, p.93)

É nesse contexto, de uma metrópole mal partilhada, que surgem no romance dois bairros periféricos, Tirol e Várzea, vistos como obstáculos para o progresso e funcionamento da cidade. Eles são o resultado de uma política de descaso, que gera todo um processo de degradação física, tanto desses espaços, que passam por uma mutação perversa, quanto dos habitantes que por ali moram e transitam. De forma sutil, o autor dessa narrativa vai apontando para um regime pautado por uma injusta distribuição dos investimentos públicos e por uma falsa ideia de democracia, em que a desigualdade social passa despercebida aos olhos daqueles que estão imersos nela, sendo, a todo instante, reproduzida e legitimada.

O bairro Tirol, local para onde o protagonista Pedro já se acostumara a ir todas as sextas, a fim de passar o fim de semana com sua namorada Rosane, figura-se como uma região pobre e distante do centro, para onde se destinam os passageiros da linha de ônibus frequentada pela personagem, por não terem uma oportunidade/condição melhor. Dessa maneira, o deslocamento compõe a luta diária desses sujeitos pela sobrevivência em um lugar que, mesmo em seu passado, já se manifestava enquanto um retrato da segregação sócio espacial.

Na época em que os lotes foram entregues e os moradores vieram instalar-se, o Tirol só tinha uma via de acesso. De um lado, o bairro era bloqueado pelas linhas do trem, cercadas por muros altos. Atrás, era isolado por uma vasta área de mata de brejo com mais de cinquenta quilômetros quadrados chamada Pantanal. (FIGUEIREDO, 2010, p.38)

A área escolhida pelo governo para receber esses sujeitos rejeitados pela cidade grande é um local distante do centro e, também, isolado do resto da cidade, apresentando apenas uma via de acesso na época em que os lotes foram distribuídos. Dessa forma, fica

mais evidente a intenção, por parte de quem está no poder, de empurrar para cada vez mais longe e de descartar aqueles considerados indesejáveis para o avanço da vida na metrópole.

O descaso para com toda essa parcela da população considerada um atraso para o desenvolvimento da urbe se apresenta de maneira tão brutal, que o resultado logo se manifesta através de um cenário a cada dia mais violento e abandonado. O Tirol se encaminhava, então, para um local onde “não havia mais quase nenhuma árvore”, onde o “sol atacava direto as ruas poeirentas, onde o capim cinzento só crescia a custo nos cantos dos muros e das pedras” (2010, p.36). E não é apenas o traçado desse espaço que vai aos poucos murchando, esgotando e deteriorando, os indivíduos que por ali transitam também se direcionam para esse fim. Eles são sujeitos que trazem marcas de toda a violência e opressão sofridas diariamente.

Pedro sabia que o rapaz de uns vinte anos, de cabelo raspado, com dois dedos da mão paralisados para sempre numa ligeira curva em gancho por causa de algum acidente, ia dormir de cansaço no meio da viagem. A cabeça ia ficar encostada no vidro da janela, ou ia tombar de vez em quando, quase tocando em quem estivesse ao seu lado.

Pedro sabia até que o homem de uns quarenta anos, com o uniforme de uma firma de consertos de eletrodomésticos e marcado no antebraço por uma cicatriz marrom de queimadura, trazia dobradas dentro da maleta de ferramentas as páginas da seção de esportes do jornal. (FIGUEIREDO, 2010, p.10)

É, portanto, por intermédio do “tom desanimado” e do “desgosto na garganta” da personagem Rosane, que é quem narra para Pedro a trajetória/memória dos moradores do Tirol e da sua própria família, e também das observações feitas por Pedro ao longo da viagem rumo a esse bairro periférico, que se tem a percepção da perversidade de todo o processo instaurado pelos mecanismos de opressão. Assim, o resultado dessa política desigual não poderia ser outro senão um crescimento desenfreado e desalinhado do local.

Por conseguinte, o desenvolvimento desordenado do bairro Tirol, somado à demanda populacional não somente dessa região, como também dos arredores, além da violência e da ausência das necessidades básicas, entre elas o saneamento básico, mostram não só a transformação de um espaço que responde às exigências impostas pelo sistema capitalista contemporâneo, mas também a configuração/estruturação de todo um regime de apagamento e esquecimento administrado/articulado pelos que estão no poder.

O esboço de uma paisagem composta por “aglomerados de árvores” e pelo “rigor quadriculado das ruas e dos lotes”, como menciona o narrador do romance de Rubens Figueiredo, dá lugar, assim, a dejetos que correm em canaletas descobertas, a tijolos à mostra nas paredes das casas, a construções que ocupam até as calçadas e à extrema pobreza e violência.

Sendo assim, a transfiguração pela qual passa o bairro onde a família de Rosane reside pode ser considerada um reflexo de uma política predatória que se instaura na metrópole, e que transforma o Tirol em um local desprovido de segurança e planejamento, destinado àqueles que não se enquadram no sistema vigente, a pessoas que, assim como a família de Rosane, vivem em situação de opressão e exploração.

Ao contrário de bairros periféricos como o Tirol que, devido à ausência de estrutura e à indiferença por parte do governo, crescem sem ordenação, Beatriz Sarlo, em seu livro *Cenas da vida pós-moderna* (2013), ao problematizar a situação das cidades nos países latino-americanos, menciona que os “bairros ricos configuram seus próprios centros, mais limpos, mais ordenados, mais bem vigiados, mais iluminados e com ofertas materiais e simbólicas mais variadas.” (2013, p.14). A análise feita pela escritora só vem a corroborar, portanto, a ideia de uma cidade fragmentada e da presença perceptível de uma segregação socio-espacial, decorrente do regime desigual que transforma de forma brutal o cenário das metrópoles.

Embora o processo de reconstrução urbana esteja retratado no romance contemporâneo de Rubens Figueiredo, vale ressaltar que as mutações pelas quais passam os centros urbanos brasileiros, com o propósito de modernização e embelezamento desses locais, não são problemáticas apenas do cenário atual. As mudanças perversas que fragmentam sócio e espacialmente as metrópoles acompanham-nas, sobretudo na cidade carioca, desde o final do século XIX, quando a categoria subúrbio torna-se um objeto de “rapto ideológico” no Rio de Janeiro, como menciona Nelson de Nóbrega Fernandes (2011, p.48).

Procurando o significado da categoria subúrbio ao longo do século XIX em diversos discursos sobre a cidade do Rio de Janeiro, encontramos aquela representação genérica das circunvizinhanças da cidade, não havendo, por outro lado, sua identificação com uma condição de desprestígio social. Muito ao contrário, o subúrbio estava associado à aristocracia e a uma vida ativa e social. (FERNANDES, 2011, p.53)

Ao contrário do que é possível observar no contexto atual, até o final do século XIX, a palavra subúrbio desconsiderava qualquer aspecto depreciativo, absorvendo, como lido na passagem acima, apenas o significado de zona periférica da cidade, sendo um local muitas vezes associado à aristocracia.

A mudança repentina do conceito da palavra subúrbio acompanha, portanto, as mutações espaciais que transfiguram toda uma cidade, que passa a acomodar em seus arrabaldes, em vez de importantes representantes da Corte, os membros das classes sociais rejeitadas pela metrópole e pelo sistema político presente nela.

Ao trazer para o seu texto as crônicas de Marques Rebelo, que apontam para o leitor a ideia de uma cidade fragmentada, de “uma cidade com muitas cidades dentro” (LISPECTOR, 1973), pensando o Rio de Janeiro do início do século XX, Renato Cordeiro Gomes já expõe todo um processo perverso denominado por ele de uma “barbárie investida de civilização” (2008, p.102). No texto, ele menciona que “o que marca essas crônicas miúdas dos pequenos funcionários, das donas-de-casa sem rosto nem idade, dos rapazes abafados em empregos humildes, é a certeza de uma perda precoce. Personagens que a cidade grande rejeita ou devora.”(2008, p.133)

De forma semelhante, Rubens Figueiredo vai moldando também o seu romance. Nele, o subúrbio que antes era destinado para alojar os militares, passa a ceder o lugar para famílias miseráveis, bem como a de Rosane, “jogadas”/ deslocadas, sem auxílio e ordem, bem distantes do centro, através de um programa promovido pelo governo.

A chegada, de forma desordenada, desses novos habitantes torna-se de certa forma uma ameaça para os moradores do bairro vizinho, da Várzea, que reagem a todo esse processo injusto e excludente com mais violência ainda, numa tentativa, talvez, de se afirmarem e de buscarem uma identidade e um espaço dentro de um sistema que não oferece muitas oportunidades, colocando-os à margem. Dessa forma, segundo Glauciane Reis Teixeira (2013, p.92), “a insegurança motiva o medo, este rapidamente evolui para um estado latente de agressividade; como acontece com os moradores dessas duas regiões que não resistem às pulsões do meio e, ultrapassando as barreiras das convenções sociais, partem para a violência física.”

Os nomes Tirol e Várzea começaram a aparecer nos jornais, na televisão, nos noticiários de crime. Os grupos armados nos dois bairros pareceram crescer e se hostilizavam. Juravam vinganças seguidas. Sem notar, as crianças começaram a aprender aquela raiva desde pequenas. Educavam-se com ela, tomavam gosto e se alimentavam daquela rivalidade. Cresciam para a raiva: aquilo lhes dava um peso, enchia seu horizonte quase vazio – nada senão aquilo fazia delas alguém mais presente (FIGUEIREDO, 2010, p. 54).

O pouco que lhes é reservado por uma sociedade que, como diz o próprio narrador “os deixara para trás”, não pode, de acordo com o pensamento desses sujeitos, ser dividido, criando assim uma rivalidade entre os dois bairros. Essas personagens marginalizadas não conseguem, por conseguinte, enxergar uma outra forma de sobreviver e de existir nesse novo cenário da cidade contemporânea.

A hostilidade e a impossibilidade de identificação com outros espaços e realidades mostram-se enquanto um reflexo de toda uma política que fragmenta a metrópole, criando mecanismos de exclusão. A cidade, sobretudo o centro e os bairros das classes média e alta, passa a ser inimiga desses indivíduos, que se sentem distantes, não apenas geograficamente, como também socialmente. O episódio que ocorre com a amiga de Rosane, por exemplo, no escritório onde a namorada do Pedro trabalha, é apresentado pelo autor como uma tentativa de compreender a dinâmica social que estilhaça a cidade.

Aconteceu que ali no escritório, entre as paredes limpas e pintadas em tom de pastel, com reproduções de pinturas abstratas penduradas – no meio dos aparelhos eletrônicos novos que zumbiam e piscavam discretos em cima das mesas – sobre o piso do granito reluzente – debaixo das luzes distribuídas de forma calculada por um arquiteto – ali, onde todos sabiam que causas jurídicas complicadas, misteriosas, caras recebiam os cuidados e atenções mais especializados e onde fortunas trocavam de mão por força de simples assinaturas num documento – ali, sua vizinha é amiga de infância tomou, na mesma hora, um aspecto incômodo, impertinente e quase aberrante aos olhos de Rosane, como aos olhos dos outros. (FIGUEIREDO, 2010, p.61).

A partir da passagem acima, é possível observar o quão aberrantes são as atitudes e reações da amiga de infância de Rosane aos olhos dos que pertenciam àquele meio, até mesmo para a própria namorada do protagonista, que busca constantemente se adequar a esse mundo. Ali, a vizinha de Rosane tornava-se um bicho diante deles que, movidos pela colisão entre as duas realidades distintas, julgam não ser aquele o espaço pertencente a ela.

Ao trazer esse acontecimento para a narrativa, Rubens Figueiredo propõe uma leitura crítica acerca das hierarquias sociais existentes nos grandes centros urbanos e dos conflitos presentes entre esses opostos. De acordo com Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (2012, p.104) “não apenas o relato produzido por Rosane sobre a amiga de infância indica essa percepção e esse modo de leitura da sociedade”. Ele aponta para o fato de todas as personagens e histórias serem assinaladas por esse movimento de embate entre sujeitos e mundos contrastivos.

São inúmeras as passagens no romance que retratam essas colisões. Em uma delas, Rosane relata a Pedro a ausência de contato e afinidade com colegas de infância, pessoas que, de maneira semelhante a ela, passaram pelo mesmo processo de violência e opressão ao longo de suas vidas. Para esses sujeitos, o destino apenas lhes reservara a prisão, a morte e o isolamento, pois fora do lugar ao qual foram condenados a permanecer, “sentiam-se reconhecidos, ameaçados, temidos [...]” (FIGUEIREDO, 2010, p.55). Muitos sequer haviam ido ao centro, sendo isso algo impensável. Assim, apesar de não ser colocado de forma explícita, esses mecanismos de exclusão acabam por destituir o direito de frequentar determinados espaços. São códigos cruéis, como a própria forma de se vestir e de falar, e a própria dificuldade no ato de se deslocar, que acabam segregando os indivíduos imersos nesse contexto.

[...]fora dali só viam rancor e não havia roupas, linguajar nem maneiras com que pudessem se disfarçar. Quase que só saíam quando precisavam ir a algum hospital ou providenciar algum documento. Ir ao centro da cidade, a quase quarenta quilômetros dali, como fazia Rosane, e ainda por cima todos os dias, era uma coisa que algumas colegas de infância achavam estranho e até ruim. Para algumas, era mesmo impensável. Torciam a cara só de imaginar. Havia quem nunca tivesse ido ao centro. Algumas de suas amigas que nunca tinham ido a nenhum bairro a mais de dez quilômetros de distância [...]” (FIGUEIREDO, 2010, p.56).

A sensação de insegurança se encontra tão entranhada na rotina dos moradores do Tirol, que o simples ato de se deslocar acaba sendo um desafio para esses sujeitos, que muitas vezes optam por não ultrapassar algumas fronteiras implicitamente impostas, em uma tentativa de se afirmarem, moldando uma identidade que se mostra, ao longo do romance, frágil. Mesmo porque, fora dali, tornam-se estranhos e esvaziados de sentido aos olhos dos outros, daqueles que se apresentam enquanto inimigos para eles.

A dessemelhança das pessoas que residem nessas regiões isoladas do centro, para os moradores de outros bairros com melhores condições está tão presente na narrativa, podendo até mesmo ser observada na maneira com a qual o pai de Rosane olhava para Pedro, “com certa reserva”, “como se Pedro fosse alguém que vinha de longe, de outro país. ” (FIGUEIREDO, 2010, p.99)

Pedro, apesar de se dirigir todos os finais de semana para o Tirol, e de conviver com a família de Rosane, ainda assim não pertence àquele mundo. Ele é um sujeito que transita pelos dois espaços, um referente à realidade de Rosane e de sua família, e o outro referente à das pessoas com melhores condições e que vivem mais próximas do centro, cruzando as fronteiras já estabelecidas na cidade. Sua presença ali no bairro periférico chega a despertar interesse é surpresa no pai de sua namorada.

Já a mãe de Pedro, pelo contrário, “não via Rosane com bons olhos e dava a entender que considerava o filho digno de companhia melhor. ” (FIGUEIREDO, 2010, p. 99). Ela, aos olhos da mãe do protagonista, pertence a uma camada social inferior sendo, por conseguinte, estranha àquele meio e, conseqüentemente, inapropriada para Pedro, causando certo incômodo em sua mãe. Assim, de certo modo, também é possível observar Rosane como uma personagem que opta por cruzar determinados limites, mesmo tendo a consciência de que as dificuldades e obstáculos enfrentados diariamente seriam tão desproporcionais às suas forças. Sua fragilidade diante de um ambiente hostil não passa despercebida nem ao menos por Pedro, que se assimilava, dentro daquela relação, enquanto um protetor de um corpo tão vulnerável.

Pedro sentia como era fácil parecer protetor, e até ser de fato um protetor, tamanha a fragilidade aparente em torno de Rosane, tamanha a estreiteza das coisas em que ela podia se apoiar. É isso apesar do seu jeito em geral seguro, apesar da obstinada força de vontade que transpirava de Rosane na maior parte do tempo. (FIGUEIREDO, 2010, p. 64)

Apesar de toda fragilidade e de toda uma condição enquanto um ser que está à margem, Rosane ainda assim almeja se integrar ao mundo do Outro, pois nele compreende a única maneira de ser alguém e de melhorar de vida; ao contrário de muitos passageiros do ônibus e dos moradores dos bairros como o Tirol e a Várzea, que optam por não ultrapassar as divisões criadas, aceitando passivamente à segregação presente nos grandes centros urbanos.

Rosane, dessa forma, deseja incorporar comportamentos de um sistema que diariamente a conduz para o esquecimento e a esvazia de sentido, como a atração pelo ato da compra, por exemplo. “Na verdade, quase tudo, tanto os objetos quanto as pessoas, se traduzia nos termos desse idioma — quem comprava o que é por quanto — e Rosane nem tentava imaginar como seria possível viver fora dele.” (FIGUEIREDO, p. 45).

Sendo assim, para a namorada de Pedro, o Outro não se torna “sinônimo de perigo e de incerteza”, como menciona Bauman em seu texto (2009, p.38). Pelo contrário, ela deseja viver perto deles, ser reconhecida por eles, ter tudo aquilo que o mundo deles a privou de possuir, mesmo que ela não consiga ter a percepção disso. Rosane, bem como os moradores do bairro, estão fadados ao isolamento. Rosane, por exemplo, nunca “havia transado com um homem que morasse num bairro como aquele onde Pedro morava, um bairro, aliás, aonde ela nunca tinha ido.” (FIGUEIREDO, 2010, p.48).

É interessante observar que por mais que Rosane transite por outros territórios, ela não consegue ser reconhecida em nenhum deles, é como se nesses espaços a namorada de Pedro passasse despercebida. Apesar de trabalhar no escritório e de ter uma situação um pouco melhor que os moradores de seu bairro, ainda assim Rosane sofria com as dificuldades com as quais se deparava ao tentar se inserir no mundo dos consumidores, daqueles favorecidos pelo progresso econômico e, ao mesmo tempo, ela lutava para não se sentir parte da realidade das pessoas que viviam no Tirol. Segundo Glauciane Reis Teixeira, “Rosane tenta fugir dessa espécie de condicionamento e por isso o sentimento de pertença ao Tirol é refutado em partes” (TEIXEIRA, 2013, p. 101). Mais à frente, a autora continua a analisar a personagem, dizendo:

Essa personagem almeja fugir do presente turbulento, mudar-se do inferno em que o bairro se transformou em razão do “progresso econômico”: depósito de produtos supérfluos, excluídos da sociedade do consumo, onde a violência e o medo, representações literárias das patologias da vida humana na cidade moderna, encontraram solo fértil para crescer e conformar a identidade de seus respectivos moradores.” (TEIXEIRA, 2013, p.102)

Ao querer adotar esse estilo de vida, e ao tentar moldar uma identidade distinta dos moradores do Tirol, Rosane se afasta, portanto, de muitas pessoas com quem, em sua infância, ela havia convivido. E é por isso que ela não consegue compreender como a sua antiga colega de infância tinha agido daquela maneira, como um bicho, no escritório onde

ela trabalhava, ela não conseguia entender como, em tão pouco tempo, haviam se afastado tanto e traçado caminhos tão diferentes. No entanto, apesar de estranhar o comportamento da moça que havia levado para o seu trabalho, Rosane se incomodava mais era com o fato de saber que seu destino poderia ser o mesmo, ainda que buscasse diariamente fugir disso. Ela percebe que existem hierarquias sociais que tornam os seus sonhos cada vez mais difíceis de serem realizados, gerando na personagem “um imenso vazio” (2010, p.64). Essas hierarquias sociais presentes nos grandes centros urbanos são também percebidas por Regina Dalcastagnè, ao mencionar que “os espaços físicos refletem hierarquias sociais e que pobres e ricos ou mulheres e homens, por exemplo, têm acesso diferenciado a diferentes locais.” (2015, p.87)

Cristovam Buarque, em seu livro *Os estrangeiros* (2002), ao narrar um fato ocorrido com uma família de excluídos em um shopping na cidade de São Paulo, problematiza a questão da segregação presente nos grandes centros urbanos e da existência de códigos implícitos que agravam ainda mais essa situação. No contexto apresentado, o escritor menciona que os trajes utilizados pela família eram tão distintos em relação aos usados pelos frequentadores habituais do shopping, que eles, os já familiarizados com o ambiente, ficavam “todo o tempo observando os visitantes como se estes fossem estrangeiros de alguma exótica terra distante” (2002, p.18). Um pouco mais adiante, Cristovam Buarque, a fim de compreender melhor o fato retratado, pensa nesses sujeitos enquanto estrangeiros dentro do próprio país, destituídos dos benefícios da modernização, para tentar dar conta de toda essa realidade exposta nesse novo cenário. “Os visitantes estavam constrangidos, em uma terra estranha, e sabiam que não eram bem vistos nem bem-vindos, como se fossem estrangeiros de uma terra hostil, invasores perigosos, assaltantes.” (2002, p.18). Eles seriam, portanto, o que o autor chama em seu livro de *inestrangeiros*, sendo vistos como indivíduos desnecessários, descartáveis e indesejáveis.

Para Beatriz Sarlo, em “tensão com as clivagens sociais e as impossibilidades econômicas, nos países periféricos, o *shopping* revela uma desigualdade maior entre os que o usam como passeio e os que, além disso, compram significativamente” (SARLO, 2014, p. 12). Ainda em seu texto, a escritora afirma que, apesar de “imaginariamente inclusivo”, pois teoricamente todos podem circular livremente por esse espaço, no *shopping* os “níveis de consumo são excludentes.” (2014, p.9). Até mesmo as lojas e mercadorias são dispostas de

acordo com um público-alvo específico. Dessa forma, ainda que aparentemente aberto para a circulação de todos os moradores de um grande centro urbano, esse ambiente poderia ser visto também como um microcosmo da segregação presente na cidade, em que nem todos podem entrar em qualquer loja e comprar qualquer mercadoria, porque elas estão estratificadas.

A partir dessa reflexão, também podemos pensar as inúmeras personagens do romance de Rubens Figueiredo que, assim como essa família de excluídos no shopping em São Paulo, são consideradas invasoras perigosas de um espaço que não pertence a elas. No romance, o caso dos dois meninos com camisetas imundas e pés descalços que iam em direção à loja de internet, vizinha à livraria onde Pedro estava, com intuito de observar os jogos nas telas dos computadores, é um exemplo da existência desses mecanismos de exclusão. Os meninos parecem compreender que não são bem-vindos naquele ambiente, apesar de quererem buscar algum contato com aqueles jogos, que simbolizam todo um universo sonhado e, ao mesmo tempo, muito distante em relação ao deles. Na passagem, eles se encontram “meio de longe, encolhidos contra a parede, os olhos acesos, o pescoço esticado para o lado de dentro, um pé apoiado no degrau de entrada, o outro, do lado de fora.” (2010, p.143). É como se, mesmo desejando muito pertencer àquele espaço e ter aqueles jogos, os garotos já soubessem que ali eles eram indesejáveis. “Os dois vieram para a porta da livraria sem dar a menor atenção ao olhar fixo e à cara francamente hostil do segurança de paletó e gravata.” (2010, p. 132)

Não só a passagem acima, como também ao longo de todo o romance, são narrados diversos embates que, mediados pelos relatos de Rosane e somados ao olhar de Pedro, levam o leitor a refletir acerca da existência de um sistema pautado por políticas que alimentam cada vez mais as desigualdades presentes nos grandes centros, sendo tão bem articuladas pelos que estão no poder, a ponto de fazer com que os mecanismos de exclusão passem despercebidos. Ainda analisando essa problemática também existente em espaços como o shopping center, Beatriz Sarlo expõe todo o processo de exclusão presentes nesses locais:

Muitas de suas mercadorias são inacessíveis para a maioria de seus visitantes, mas podem ser observados como se folheia uma revista de ricos e famosos para ver como é a piscina ou a academia particular de uma celebridade. A exposição de objetos inatingíveis alimenta a relação amorosa entre o *shopping* e seus visitantes, que muitas vezes saem de lá transportando uma sacola minúscula que contém uma vela ou um frasco de essências perfumadas, um pente de madeira

ou uma fivela de cabelo, essas coisinhas pequenas que os quiosques dos *shoppings* oferecem dispondo-as, como se fossem tesouros de uma joalheria, aos mais pobres. Essa disseminação da oferta entre o inacessível e o quase carente de valor fortalece a fidelidade que os pequeninos e os velhos sentem com relação ao *shopping*, como se a existência de mercadorias menores fosse uma prótese compensatória do ressentimento de quem só pode adquirir o mais barato (SARLO, 2014, p. 13).

Esse vínculo amoroso exposto por Beatriz Sarlo no trecho acima, retrata todo um cenário presente na contemporaneidade. A necessidade de consumir passa a tomar conta dos sujeitos, que se satisfazem, ainda que temporariamente, no ato da compra. José Paulo Paes, em *Ao shopping center* (2008), problematiza essa questão:

AO SHOPPING CENTER

Pelos teus círculos
vagamos sem rumo
nós almas penadas
do mundo do consumo.

De elevador ao céu
pela escada ao inferno:
os extremos se tocam
no castigo eterno.

Cada loja é um novo
prego em nossa cruz.
Por mais que compremos
estamos sempre nus

nós que por teus círculos
vagamos sem perdão
à espera (até quando?)
da Grande Liquidação.

[José Paulo PAES]

José Paulo Paes faz uma crítica ao consumismo em seu poema. Nele o autor coloca a mercadoria enquanto algo indissociável do contexto das cidades. Os sujeitos, ou “almas penadas”, dentro dessa ótica, passam a reverenciar os objetos a serem consumidos vagando “sem rumo” no universo do consumo. O novo prego na cruz dos indivíduos se torna, então, a satisfação nunca alcançada por completo, uma vez que eles se encontram “sempre nus”, à espera do próximo produto a ser adquirido e da “Grande Liquidação”.

A relação entre o objeto inacessível e o desejo dos sujeitos que precisam comprá-lo se mostra constante não só no espaço do shopping center, como também em outros locais

onde o consumo se faz presente. O supermercado é um deles. Nele, a circulação de indivíduos em busca de algo que possam adquirir é intensa, ainda que nem todos tenham acesso a todas as mercadorias. Em uma das passagens da narrativa de Rubens Figueiredo, o pai de Rosane, ao passar pelo supermercado, olhava os produtos com desejo de obtê-los, apesar de saber que não teria condições de comprar a maior parte do que gostaria. No entanto, a vontade de consumir e de se tornar presente naquele meio eram tão intensas, que saiu de lá com alguns produtos, com o intuito de se sentir alguém dentro daquele contexto.

Na volta para casa, passava no supermercado e olhava para as prateleiras com mágoa, com uma cobiça pesada: cada produto, cada marca em letras vibrantes era uma ofensa. De vez em quando a visão chegava a se estreitar, uma sobra se fechava pelos lados dos olhos, os tons coloridos das embalagens se borravam de preto e nessas horas o pai de Rosane tinha de piscar os olhos e piscar de novo, três, quatro vezes, para voltar a enxergar direito as mercadorias, que pareciam sumir. No fim, sem saber muito bem o que estava fazendo, ia para a caixa com um pacote de margarina, um saco de pão de fôrma e um de outro de arroz só para não dizer que não estava levando nada. (FIGUEIREDO, 2010, p. 107)

Consumir é ser alguém dentro de uma sociedade que se volta para o mercado de consumo. Assim, ao se ver incapaz de realizar tal ato, resta ao pai de Rosane olhar com mágoa para cada produto que não pode comprar. Era preciso fixar o olhar em cada um deles para que não sumissem de sua vista. Tudo o que parecia estar tão próximo, estava, na realidade, muito distante de seu alcance, não pertencia ao seu mundo. Era como se cada letra vibrante das marcas de cada uma das mercadorias fizessem a personagem se recordar desse fato e do seu lugar dentro dessa sociedade, por isso se tornavam uma ofensa para ele. O pacote de margarina, o saco de arroz e o de pão de fôrma que o pai de Rosane levava para a caixa para comprar são, como dito por Beatriz Sarlo, “uma prótese compensatória” de todo o ressentimento sentido por ele, que só pode levar os produtos mais simples que vê dentro do supermercado. Assim, o supermercado se torna, da mesma forma, um espaço que segrega, como menciona Regina Dalcastagnè:

Local de excessos, por onde os consumidores de classe média transitam com a desenvoltura que o dinheiro lhes oferece, ele se apresenta como acessível a todos, embora não passe de mais um território cercado, com regras rígidas e etiqueta própria, como todo estabelecimento comercial. (DALCATAGNÉ, 2016)

O shopping center e o supermercado reproduzem, dessa forma, todo o processo de exclusão e de segregação existentes nos grandes centros urbanos. Eles são lugares que, apesar de serem abertos para a circulação de qualquer sujeito, mostram-se enquanto espaços que revelam as desigualdades sociais presente nas cidades, expondo objetos inacessíveis para grande parcela da população que vive à margem. Neles também ficam evidentes, portanto, as hierarquias sociais, que podem ser percebidas através de quem consome mais e do que consomem, “privando de alguns objetos os seus visitantes”, como menciona Beatriz Sarlo (2014, p.9)

Dessa forma, as hierarquias sociais vão se mostrando cada vez mais presentes no romance de Rubens Figueiredo. Enquanto, durante o seu percurso para o Tirol, Pedro acompanha e observa a vida de sujeitos marcados por uma rotina excessiva de trabalho, O juiz, por exemplo, que frequentava a livraria de Pedro utilizava o seu poder e influência com outras pessoas, a fim de conseguir um emprego onde sua mulher pudesse receber o salário sem ao menos precisar comparecer ao trabalho, já que o seu objetivo era ter a esposa à disposição dele dentro de casa.

Logo depois do casamento, porém, ficou claro que o juiz preferia ter a esposa à disposição dentro de casa. Por meio de amigos, arrumou um emprego para a mulher num tribunal. O importante, no caso, era que ela recebia o salário sem nunca precisar comparecer ao trabalho. É assim foi, até ela se aposentar, havia alguns anos. ” (FIGUEIREDO, 2010, p.129)

Até mesmo dentro de casa o juiz exercia o seu poder. Tudo o que usava deixava para a esposa ou a empregada pegar e guardar. Não fazia esforço algum, pois o que queria lhe era dado nas mãos. Inclusive a quantia de dinheiro que a mulher gastava com os filhos e a casa era estipulado por ele. A palavra convertida em força e o poder eram, portanto, as coisas que interessavam ao juiz e que, ao mesmo tempo, eram as mesmas que o separavam de todos os indivíduos que viajavam com Pedro para o Tirol.

São os passageiros do ônibus o qual o protagonista costumava pegar todas as sextas, há alguns meses, por exemplo, que estão expostos a situações diárias que os separam da outra parcela da sociedade urbana. São eles que ficam, todos os dias, após horas de trabalho, em pé, embaixo de “um sol cor de brasa”, colado à testa de todos, “que se mantinham em ordem numa fila, à espera do ônibus no ponto final. ” (2010, p.7). São eles que sofrem/resistem ao

bafo de urina e lixo, a calçada esburacada e ao “asfalto ardente com borrões azuis de óleo, quase a ponto de fumar. ” (2010,p.8). E, sobretudo, são eles que, de certa maneira, vivenciam tais experiências de forma passiva e sistematizada, sendo impulsionados a partir todos juntos na mesma direção. A ausência de esforço do protagonista ao adivinhar as reações dos passageiros é um reflexo de gestos constantes e repetitivos produzidos por eles, que reproduzem movimentos tão previsíveis quanto o próprio cotidiano.

A sequência de gestos reiterados vai surgindo, assim, continuamente no romance, de maneira a assinalar/revelar a mecanização da vida na urbe e a violência sofrida por muitos indivíduos imersos nela. Mesmo após um dia inteiro de trabalho, Rosane ainda ia, algumas vezes, assistir aulas na escola noturna, para então se encontrar com Pedro e irem juntos ao supermercado, que ficava a quase um quilômetro de distância da casa dela. Os dois iam andando, com um carrinho de compras todo remendado, enfrentar horas de espera, só que dessa vez numa longa fila de mercado. Essa era uma circunstância com a qual Pedro já se habituara tanto que, “ali sentado no ônibus, tinha a postos no bolso seu cartão do banco para ser usado mais tarde. ” (2010, p.27). Sendo assim, a experiência e o vínculo com a cidade dão lugar à repetição e ao hábito impostos pelo ritmo acelerado e pela sistematização da vida presente nos grandes centros urbanos. Esse modelo de vida se mostra, aos olhos dos muitos passageiros que compõem a narrativa, por conseguinte, como o único jeito de sobreviver em meio a um ambiente tão adverso.

Marcos Pasche, em *Um romance necessário*, ao tratar dos sujeitos que transitam à margem nas metrópoles brasileiras, menciona que “para a maioria dos seus habitantes o cumprimento das obrigações é uma condenação cotidiana, mesmo quando em momentos de finalização da jornada diária. ” Ainda discorrendo sobre essa problemática, o crítico literário, ao falar sobre as personagens de *Passageiro do fim do dia* (2010), afirma que esses indivíduos “são meras peças da engrenagem cotidiana que sustenta o ir e vir dos grandes movimentos do mundo. Frágeis, têm ‘a sensação de que só existe uma chance’. ” (PASCHE, 2012)

A leitura feita por Marcos Pasche, de certa forma, explica a presença de Darwin no romance de Rubens Figueiredo, que aparece, para os passageiros do ônibus, como uma possibilidade de interpretação e aceitação da violenta realidade a qual estão expostos. Ao longo da narrativa, fica claro, portanto, que Rubens Figueiredo não incorpora a teoria darwinista como resposta para o entendimento da sociedade brasileira contemporânea, e sim,

segundo Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, “coloca em tensão o lugar deste discurso e, principalmente, a vitalidade deste modelo de compreensão da sociedade.” (2013, p.272)

Os moradores do Tirol e da Várzea, denominados por Marcos Pasche como os “restos da sociedade”, enxergam então, na sistematização de suas vidas na cidade e na opressão sofrida diariamente, a única chance de sobreviver e se adaptar no meio. “Além do mais, é preciso reconhecer: “sem mal-estar, sem adversidade, sem um castigo sequer, como se pode esperar que haja alguma adaptação?” (2010, p. 8)

Privados dos frutos do desenvolvimento econômico das metrópoles, os indivíduos mais carentes acabam usufruindo dos restos desse sistema, sendo depositados em locais tão abandonados quanto eles, tão corroídos quanto eles. Segundo Glauciane Reis Teixeira, “Mesmo rivais, o Tirol e a Várzea são dois espaços iguais: servem como depósito humano dos detritos da sociedade do consumo, ou seja, abrigam os sujeitos que não tem mais (ou que nunca tiveram) utilidade para o bom funcionamento da sociedade e por isso foram ali ‘descartados’.” (TEIXEIRA, 2013, p. 95)

Apesar da rivalidade, tanto o Tirol quanto a Várzea são espaços esquecidos pela sociedade, onde a violência, produto de todo o abandono sofrido e do crescimento desordenado, está constantemente presente. São regiões maltratadas por um sistema político que não tem a intenção de incluí-las no cenário do progresso e do desenvolvimento de uma metrópole. O acesso ao outro lado da cidade, quando se dá, tem como objetivo explorar ainda mais os corpos desses sujeitos destituídos de qualquer amparo/proteção, através de uma jornada excessiva de trabalho.

Pela cara, o sujeito que ia descer devia estar esgotado. O braço magro, com a ruga de uma cicatriz bem visível entre o cotovelo e o pulso, chegava a tremer, puxado para baixo pelo peso das sacolas. Uma veia inchava no pescoço curtido de sol e, numa linha trêmula, subia até contornar a orelha e sumir por trás do cabelo. Dentro das sacolas, Pedro conseguiu adivinhar uma garrafa de plástico de óleo de soja, cenouras, um saco de arroz, talvez duas latas de leite condensado. (FIGUEIREDO, 2010, p. 147)

Os sujeitos expostos a essa exploração trazem em seus corpos as cicatrizes de toda uma vida marcada pela violência e opressão, desamparados de qualquer assistência. Em meio a um ambiente árido, desfavorável e violento, eles vão sendo consumidos por uma rotina desgastante e desumana, carregada de insegurança e medo, que os arrasta para um único

destino, o definhamento. O questionamento acerca das condições as quais estão sujeitos desaparece, portanto, ao ser confrontado com o cansaço e a descrença em relação a novas e possíveis oportunidades. Para muitos, só resta contentar-se com aquela realidade, e confinar-se no ambiente onde vivem. Assim, ao trazer para o romance histórias tão assinaladas pela itinerância e pela ausência de uma voz que conduza e administre a própria trajetória, Rubens Figueiredo revela uma “narrativa que nos faz ver personagens que certamente teriam ainda muito a dizer sobre a cidade se pudessem falar com voz própria.” (DALCASTAGNÈ, 2015, p.94)

E não é apenas em *Passageiro do fim do dia* (2010) que Rubens Figueiredo trará, a partir da subjetividade de seu protagonista, um universo carregado de significados e marcado pela violência e opressão. No livro *Contos de Pedro* (2006), um dos nove contos, intitulado “O nome que falta”, narra a história de um jovem chamado Pedro, que vive na zona periférica de uma metrópole, em um ambiente cercado por “vazamentos de água, de esgoto e de chuva, que furavam bolhas de mofo no reboco” (2006, p.80), pela sujeira, pobreza e violência. “Sua privada eram sacos plásticos de supermercado, que depois ele fechava com dois nós e jogava numa vala de água estagnada” (2006, p.91). Trabalhava como funcionário de uma churrascaria, na parte da limpeza, alimentando-se dos restos de comida que o dono da churrascaria dava, por não prestarem de forma alguma para serem servidos aos seus clientes.

Mais uma vez, o leitor se depara com o contraste entre dois mundos; o de Pedro, que vive dos restos de comida e do que encontra e resgata dos sacos de lixo, e o do dono da churrascaria, com uma pulseira de relógio cor de ouro, além dos seus clientes, com seus cartões de crédito, cheques, cédulas e comidas fartas, sobre as mesas da churrascaria onde o protagonista trabalhava.

A partir dessa perspectiva, é possível observar que não só os passageiros do romance de Rubens Figueiredo, como também a personagem do conto do autor, mostram-se enquanto sujeitos esvaziados de sentido diante de um universo que diariamente os coloca à margem da sociedade na qual estão inseridos. E isso começa a ficar mais claro quando o próprio protagonista do conto, em uma de suas reflexões, passa a estabelecer uma afinidade entre ele e o saco de lixo que carrega. “Mais do que isso, dividiam, os dois, a mesma condição, a mesma natureza. Não só pertenciam a algo comum como também, de um minuto para o outro, tudo aquilo que os diferenciava deixou de existir.” (2006, p. 82). Rodrigo Lacerda, em seu

texto *Preciosidades enterradas*, ao analisar o conto de Rubens Figueiredo, também aponta para essa aproximação entre o corpo dessas personagens esquecidas pela sociedade e o lixo:

Mas os sacos de lixo, não contêm apenas lixo. São os mesmos sacos que embrulham os cadáveres tão frequentemente abandonados na favela onde mora. Mas os corpos que não são reclamados também são jogados fora como lixo, numa nova sobreposição de significados. E o pequeno saco de lixo que o protagonista carrega em direção à caçamba, cujo nome está repuxado e ilegível pelo nó das alças, está furado e deixa escorrer um caldo malcheiroso, assim como do faxineiro escorrerá o sangue caso os tiros prometidos pela mira vermelha rasguem sua pele. E Pedro, quando está em casa, faz suas necessidades em sacos plásticos, transformando-os em sacos de lixo. E os objetos brilhantes que o faxineiro tira do lixo são feitos mortos que ele ressuscita, fochos de luz colorida e viva com os quais se tranca no escuro para fazê-los dançar pela casa, povoando-a e tornando-a um espaço distante da brutalidade, a seu modo também um espaço de comunhão. E homens e lixo são a mesma coisa, desde que estejam dentro dos sacos pretos ou brilhando no escuro. (LACERDA, 2006)

É também nesse conto, assim como em *Passageiro do fim do dia* (2010), que o protagonista carrega em seu corpo as marcas da exploração sofrida em sua rotina diária de trabalho, onde ele vai sendo consumido pelo cotidiano desgastante na churrascaria. Pedro trabalhava de nove da noite até dez da manhã, onde entre muitas outras tarefas, contava “os mais de setecentos panos de mesa” e colocava três mil cadeiras viradas sobre as mesas. E tudo isso deveria ser feito antes do dono da churrascaria chegar. Aos olhos deste, Pedro era um sujeito insignificante, para quem ele estaria fazendo um grande favor porque, para ele, se não fosse o emprego na churrascaria, o destino só reservaria ao protagonista a rua, onde ele estaria largado e tendo que catar comida no lixo para sobreviver.

O cheiro podre do lixo não o incomodava tanto. Havia crescido em meio ao fedor de curtumes e fossas, mas a quantidade de serviço o esgotava. O cansaço enfiava pontadas até o fundo da sua cabeça. Os olhos latejavam, os pulsos às vezes chegavam a inchar por causa do esforço de esfregar os escovões e os panos de chão horas a fio. Mas o pior, talvez, era quando o dono da churrascaria chegava, de manhã, o serviço ainda não estava pronto e o homem franzia a cara e começava a olhar a todo instante para o relógio no pulso (FIGUEIREDO, 2006, p.90)

Assim sendo, resta a Pedro, um sujeito iletrado, horas a fio de trabalho e uma rotina repleta de opressão e violência, buscando transformar pelo menos o espaço onde vive, através dos objetos luminosos que encontra no lixo, como muito bem destaca Rodrigo Lacerda no

seu texto, em “um espaço distante da brutalidade” a qual é submetido todos os dias. “Pedro procurou um lugar em sua casa para colocar o enfeite de árvore de Natal apanhado no lixo. Escolheu uma posição de onde aquele morto pudesse ter uma boa visão de como estava a casa que ele mesmo havia começado a construir” (FIGUEIREDO, 2006, p.96).

Além de enfeitar sua casa com os objetos encontrados no lixo, Pedro também buscava mantê-la sempre limpa, talvez como uma maneira de permanecer um pouco distante de toda a imundície que estava a sua volta, ainda que toda vez que fizesse isso, a sujeira fosse trazida de volta, sendo algo do qual ele não pudesse escapar. Por mais que limpasse a casa e por mais que colocasse objetos luminosos nela, a sensação de um vazio, de algo que faltava, sempre o envolvia. Algo que ele só passará a compreender a partir do momento em que o seu corpo é desestabilizado pela bala que o atinge, pois só então ele “se deu conta de quem era aquela bala e do que ela lhe dizia. ” (2006, p. 103).

A mesma brutalidade que marca a vida de Pedro no conto apresentado é a que se faz presente no cotidiano dos moradores do Tirol e da Várzea, que convivem com a imundície e violência frutos de uma política de abandono e de descaso, onde construções precárias preenchem desde os morros desprovidos de vegetação até as margens das estradas. “O aspecto, no conjunto, era de um cenário oco, sem nada por trás. ” (2010, p. 41). É um ambiente, do mesmo modo que o espaço onde o protagonista do conto morava, esvaziado de vida, imerso na pobreza e na sujeira, oco, bem como muitas personagens do romance. São pessoas que, segundo Glauciane Reis Teixeira, “vivem aprisionadas em uma situação ‘sem alternativas’” (2013, p. 96), estando restritas a uma vida sem possibilidades. Mais à frente, a autora ainda caracteriza o espaço periférico do romance como “um ambiente físico e humano brutalmente áspero, violento e animalizante”(2013, p.96), que acaba transformando o próprio sujeito, da mesma forma que ocorre com muitos que vivem nesses bairros, em indivíduos violentos e animalizados, bem como a amiga de Rosane, que é assim vista pelos funcionários do local onde a namorada de Pedro trabalhava, e também como as crianças que nascem nesses espaços que, ao estarem imersas nele, crescem alimentadas por toda essa violência. “As brigas de soco e de pedradas se transformaram em tiroteios, os revólveres deram lugar a fuzis e depois a granadas” (FIGUEIREDO, 2010, p. 53)

As crianças que crescem nesses bairros transformam-se em indivíduos rejeitados pela sociedade, sobrando para elas apenas o mundo do crime ou o mundo da mesmice. Elas não

despertam interesse para a metrópole e, portanto, não vêm nenhuma perspectiva de mudança e ascensão nesse meio, ficando estagnadas em suas vidas. A exclusão permanente do progresso econômico configura então a realidade desses sujeitos que vivem nos grandes centros urbanos. Rosane, em uma das passagens do romance, enquanto voltava das compras com Pedro, observa um menino de uns dez anos, com a mão enrolada por uma atadura suja que, dias antes, havia se acidentado ao querer mostrar para um outro garoto como se carregava um pente de balas do fuzil.

Estava com a arma em pé, apontada para cima, entre as pernas meio abertas — assim, olha — e para mostrar, ergueu, no espaço entre as pernas miúdas, a mão livre e também a mão enrolada na atadura, segurando o vazio, o ar, na posição em que, dias antes, tinha segurado a arma. Aconteceu naquele dia de ele querer mostrar a um outro garoto como se carregava o pente de balas naquele fuzil engraçado, meio diferente. ” (FIGUEIREDO, 2010, p.92)

Ser reconhecido dentro do mundo da violência é um meio de se afirmarem diante de uma realidade que os deixou para trás. Carregar uma arma e, mais do que isso, saber manuseá-la as coloca, no entender dessas crianças, um passo à frente dos demais. E é por isso que, ao contar a história para Pedro e Rosane, o menino olhava sempre para os dois, como que à espera de uma aprovação em relação ao que havia feito. O meio do crime é para esse menino a única forma de se sentir útil e presente na sociedade em que vive, é nele que o garoto tenta moldar a sua identidade, mesmo sabendo que nesse contexto ele poderá não durar muito, carregando já em seu corpo as marcas da violência e da fragilidade.

Pedro tinha no pensamento a figura bem desenhada do menino: uns vinte e sete, trinta quilos, no máximo, as costelas visíveis embaixo da pele esticada do tórax, músculos redondos nos ombros estreitos, pulsos finos, de aspecto quase quebradiço, e uns movimentos que queriam ser largos, uns gestos sedentos de chegar longe, uma voz que se esticava aos saltos, voz e gestos que não sabiam a que se prender” (FIGUEIREDO, 2010, p.94).

Essas marcas, entranhadas na vida das crianças e jovens que se encontram do outro lado da cidade, são também expostas por Zuenir Ventura, em seu livro *Cidade Partida* (1994), que trará para o leitor um relato de um espaço desconhecido por muitos, a favela de Vigário Geral na década de 1990, onde a criminalidade acaba sendo ressignificada aos olhos de sujeitos excluídos, que vêm nela, muitas vezes, um sinônimo de status, de poder. “[...] os

moleques de hoje querem brincar com armas parecidas com a que está ali no chão, encostada na parede: um AR-15 muito especial, com a parte central branca, feita possivelmente de plástico, um sinal mais do que evidente de status. (1994, p. 107). Destituídas de uma infância de lazer, de bola de gude ou de pipas, as crianças de Vigário Geral, assim como as do Tirol e da Várzea, enxergam no mundo do crime uma possibilidade de ascensão e reconhecimento. Os seus novos brinquedos passam, então, a ser as armas que carregam.

Em paralelo à realidade dessas crianças, assim como a dos sujeitos que moram nos bairros distantes do centro, está o mundo daqueles que se encontram inseridos no sistema vigente. Eles não só usufruem dos benefícios trazidos pelo progresso econômico, como também são aqueles que dominam a língua. Diferentemente dos passageiros do ônibus para o Tirol, são sujeitos letrados, são pessoas que tiveram acesso ao estudo. A passagem em que Pedro liga o rádio, que leva para escutar ao longo do trajeto até a região onde mora a sua namorada, expõe o universo dos indivíduos socialmente distantes dos moradores do Tirol. Nessa parte do romance, Pedro escuta uma locutora de rádio conversando com a entrevistada sobre assuntos completamente desconexos da realidade das pessoas que estão com Pedro no ônibus. Temas como férias, bolsas de valores, barris de petróleo, praia e tudo o que se situa nesse contexto do progresso econômico é discutido em uma conversa descontraída entre as duas mulheres no programa da rádio, enquanto, dentro do ônibus, um homem carregado de sacolas, esgotado de um dia cansativo, tentava equilibrar-se em meio a um ônibus lotado, sendo puxado para baixo, devido ao peso das sacolas que estava levando.

De novo o lampejo, a imagem completa num quadro só: os dentes da locutora rebrilhavam com força, na mesma luz que se refletia, em cheio, na areia da praia — sob um sol de soja, à beira de um mar de aço.

Dentro do ônibus, um homem fazia força para passar entre as pessoas e chegar à porta de trás. Carregava na mão esquerda, como um cacho, quatro ou cinco sacolas de plástico de supermercado bem cheias. (FIGUEIREDO, 2010, p. 146)

Não só essa passagem mostra o contraste e a desconexão entre esses dois mundos, ao longo de todo o romance o leitor se depara com o choque entre realidades socialmente distantes. No início da narrativa, Pedro, de dentro do ônibus, no engarrafamento, observa um carro luxuoso, com bancos de couro, onde se encontrava sentado um cachorro, com seu focinho apoiado na fresta do vidro. O protagonista então reflete sobre a cena, imaginando

que, enquanto ele estivesse preso no engarrafamento, sentindo sua testa cozinhar na janela, o cachorro já deveria estar, da varanda de um apartamento, observando todo o trânsito. É nesse momento, portanto, que é também possível observar a disparidade social da mulher e de seu cachorro, que se deslocavam em seu carro de marca sueca, para os sujeitos que estão no ônibus. Em seu texto *Cartografias móveis: mapeando as margens na literatura brasileira contemporânea*, Leila Lehnen já aponta para essa questão, ao mencionar que “*Passageiro do fim do dia* enfatiza o contraste entre estes viajantes e aqueles que possuem transporte próprio.” (LEHNEN, 2015, p. 123)

O contraste entre as duas realidades, a dos sujeitos integrados ao mundo do progresso econômico e do mercado de consumo e a dos moradores dos bairros periféricos, se mostra tão divergente, que é possível observá-lo na narrativa também no momento em que esses indivíduos à margem se deparam com os anúncios de banco, onde vislumbram tudo aquilo que não possuem, como cartões de crédito, carros, roupas bem passadas e piscinas, toda uma vida da qual eles são privados. Para alguns, a vontade de integrar-se de alguma forma a esse outro contexto é tão intensa, que colocam até mesmo em seus filhos o nome de sujeitos reconhecidos dentro desse meio, como fazem algumas amigas de Rosane. “Entre um tiro e outro, gritava dois nomes próprios ingleses, que mesmo gritados, soaram baixinhos na sala — nomes que amigas e conhecidas de Rosane escolhiam para dar aos filhos.” (FIGUEIREDO, 2010, p.55).

Zuenir Ventura também mostra para o leitor, no capítulo intitulado “A difícil travessia do ‘Vietnã’”, o desejo de muitos moradores de Vigário Geral de serem reconhecidos, de alguma forma na metrópole. A história de Flávio Negão, o líder do tráfico em Vigário Geral, no Rio de Janeiro, que trazia em seu colo a filha do irmão, cuja ideia do nome teria surgido de um personagem de filme de televisão aponta para essa questão. “Passou uma noite fazendo várias combinações de letras até que chegou a essas cinco. Mas o pai insistia em Kathly, sugerido pelo personagem de um filme de televisão. A solução então foi adotar os dois nomes: Láine Kathly.” (VENTURA, 1994, p. 112)

O autor de *Cidade Partida* continua a refletir sobre a presença de uma cidade estilhaçada, ao narrar o dia do encontro de Caio Ferraz, um sociólogo “com um pé no subúrbio”, com o Viva Rio. Caio tinha como objetivo a realização de um projeto que pudesse trazer para Vigário Geral novas alternativas, sobretudo no âmbito cultural. Ao encontrar com

importantes representantes da “outra cidade”, como é mencionado no livro, a fim de conseguir apoio para a concretização do seu sonho, todo um choque de realidades é exposto pelo autor:

Já na chegada, depois de ser apresentado a Walter de Mattos, o idealizador do Viva Rio, Caio sentiu que estava entrando em um outro mundo. A visão deslumbrante da baía ao fundo, atravessando os vidros do restaurante, deixou-o encantado. Mas aquela pompa de fregueses engravatados, os salamaleques do maître, o vaivém dos garçons, os pratos requintados chegaram a assustá-lo: ‘É muito chique!’, Exclamou. (VENTURA, 1994, p. 114)

Vigário Geral, assim como os bairros do Tirol e da Várzea no romance de Rubens Figueiredo, também representa a imagem desse outro mundo, ou dessa outra cidade dentro de uma cidade, que foi esquecida pela parcela da sociedade imersa no contexto do progresso econômico, apenas lembrada em casos de violência expostos pela mídia, como o fato ocorrido na chacina de Vigário Geral. Todas essas regiões compartilham algo em comum, são espaços carentes de oportunidades e expectativas, que acabam sendo, com isso, palcos de violência e criminalidade, constituindo lugares desprovidos de políticas eficazes, elaboradas a fim de criar melhores alternativas para os sujeitos que neles residem. Não há investimento que seja feito com a intenção de melhorar as condições de vida de indivíduos submetidos a uma rotina tão barbara. Há, sim, uma intenção de empurrá-los para lugares cada vez mais distantes do Centro e de toda a região favorecida pelo mercado de consumo, para locais que crescem sem planejamento, como é possível observar na passagem Zuenir Ventura descreve a Casa da Paz:

Caio me levou para conhecer a casa. Era um fim de tarde escaldante em Vigário Geral e parecia impossível que treze pessoas, das quais cinco crianças, pudessem dormir ali dentro, ainda mais viver. O calor acumulado durante o dia começava a ser devolvido em forma de ondas que desciam do teto de cimento, mas saíam também das paredes, onde eram raras as janelas. Em um dos quartos não havia nenhuma. (VENTURA, 1994, p. 130)

No Tirol, o lote onde Rosane morava com seu pai foi dividido e, ao lado, uma família composta por avó, mãe e duas jovens, cada uma com uma filha pequena, vivia aglomerada, em condições também precárias, em uma situação similar a das pessoas que residiam na casa onde Caio fora visitar, na região de Vigário Geral. Nenhuma das vizinhas de Rosane tinha

um trabalho estável, estavam sempre pulando de um emprego para o outro e amassando latinhas para sobreviver. Desprovidas de um valor mercadológico, elas não despertavam nenhum interesse para o mercado de trabalho e, por conseguinte, restava-lhes apenas os empregos informais. Dessa forma, assim como muitos outros sujeitos que moram na mesma região, elas acabaram ficando para trás por não se ajustarem às exigências do sistema movimentado pelo mercado de consumo, e por não despertarem a atenção dentro desse meio. Elas são, como coloca Glauciane Reis Teixeira, “representantes do drama contemporâneo que assola as camadas inferiores das urbes modernas. Verdadeiros espectros da sociedade do consumo que vagam esquecidos pelo labirinto do Tirol [...]” (2013, p. 99). Descartadas e sem alternativas, tornam-se, então, vítimas de todo um processo opressor e violento instaurado nos grandes centros urbanos.

Ao pensar na metrópole carioca, em seu livro *Apontamentos de crítica cultural*, Beatriz Resende já assinala a presença de uma cidade estilhaçada nos textos produzidos na década de 1990, que denunciam essa problemática existente no Rio de Janeiro que, segundo ela, “só não se dividiu definitivamente entre ricos e pobres porque artistas e intelectuais fazem a ponte entre as duas cidades há bem um século” (RESENDE, 2002, p.58). Dessa forma, já nos anos 90, alguns intelectuais chamam a atenção do leitor para um contexto repleto de novos significados, abrigando inúmeras cidades dentro de uma cidade. A narrativa da metrópole passa a ser inscrita, por exemplo, tanto pelos sujeitos que residem na Rocinha quanto pelos frequentadores de *shopping centers*. O Rio de Janeiro irá, portanto, como menciona Beatriz Resende, “abrigar diferenças de todo tipo” (2002, p. 74), entre as quais se encontrarão também moradores de rua, dormindo “sob a marquise de companhias multinacionais no centro da cidade” (2002, p.74)

Ainda pensando nas formas de vida presentes nos centros urbanos brasileiros, Barbara Freitag problematiza a questão da fragmentação existente nesses espaços. De um lado, ela observa os sujeitos que seguem o estilo de vida americano, frequentadores de shoppings e moradores de condomínios nobres. Já a outra face da moeda, constitui-se da outra parcela da população, destituída muitas vezes de educação e trabalho, excluída de todo o processo de progresso e desenvolvimento desfrutado por todos os favorecidos pelo sistema vigente, como pode ser observado a seguir:

Uma metade segue o modelo americano em tudo, podendo ser considerada uma sociedade informacional. A outra metade mal saiu da escravidão introduzida no período colonial e que, uma vez abolida, deixou contingentes imensos da população sem teto, sem trabalho, sem educação, sem saúde, sem espaço legalizado nos grandes centros urbanos. Desse modo, favelas como a Rocinha e o Vidigal etc, não somente não constam no mapa do Rio de Janeiro, como, não tendo ruas, nem números, não têm endereços; por assim dizer, “não existem”, apesar dos milhares de habitantes, que muitas vezes nem registro civil possuem! (FREITAG, 2012, p. 134)

Em seguida, a autora analisa a urgência “de um esforço coletivo para chegar ao desenvolvimento urbano sustentável, resgatando-se valores civilizatórios que estão na origem da fundação das cidades e que a explosão urbana da era da globalização ameaça destruir” (p.134). Enquanto a questão levantada não é posta em prática, as duas metades descritas pela autora continuarão entrando em conflito, uma vez que o deslocamento dos sujeitos rejeitados pelo sistema para o outro lado da cidade ocorre, em busca de um espaço que não fora elaborado para eles. Isso acontece porque o modelo de vida proposto pelo mercado de consumo e pelo mundo globalizado “não inclui em sua reflexão um espaço construído para os excluídos dos processos de globalização econômica, em que aqueles pudessem inserir-se dignamente” (p.133)

Com isso, as tensões que derivam dessas trajetórias que se chocam vão configurando o cenário carioca e trazendo para os indivíduos que nele se encontram a percepção do outro, bem como acontece no romance de Rubens Figueiredo, no momento em que Júlio, colega de Pedro, analisa as pessoas que circulam diariamente próximas ao seu escritório. Ele chega a retratar que sentia-se como um “observador de uma civilização alheia” (2010, p.75), achando interessante a capacidade de proliferação desses sujeitos que, segundo ele, moravam todos juntos, “com as famílias, em casas muito próximas ou enfileiradas, como pequenas aldeias de índios. ” (2010, p. 75). O choque entre essas duas realidades sociais, a de Júlio e a dos indivíduos que circulam próximo ao seu ambiente de trabalho, causa assim certa curiosidade na personagem, que ao olhar para o *outro*, passa a ter a percepção da distância de mundo, sócio-cultural, que há entre eles. Leila Lehnen, ao refletir acerca das ideias de Doreen Massey, que propõe uma “re-conceptualização do espaço”, afirma que a geógrafa “sugere que entendamos o espaço não como uma superfície imóvel, mas sim como um campo

simbólico onde várias trajetórias se cruzam e/ou se chocam. ” (LEHNEN, 2015, p. 117). Ainda segundo a autora, a partir do pensamento de Massey,

[...] se tradicionalmente os cartógrafos localizavam as culturas, sociedades e historiografia não-ocidentais como objetos dentro do ambiente inerte do mapa, uma cartografia “móvel” permite que tais culturas e sociedades sejam inseridas dentro dos variados fluxos que compõem esta cartografia. A divisão entre objeto mapeado e sujeito/agente mapeados se desestabiliza (LEHNEN, 2015, p.117).

A percepção dessa problemática apontada pela autora, perpassa por diversos textos contemporâneos, como ocorre também com *Passageiro do fim do dia*, que retrata a questão apresentada ao longo de toda a narrativa, mostrando o estranhamento causado a partir do encontro entre esses sujeitos, seja no momento em que Júlio observa as pessoas ao seu redor, próximo ao seu escritório, por exemplo, ou na passagem em que a amiga de Rosane é vista como um bicho pelos indivíduos que trabalhavam no mesmo lugar onde a namorada de Pedro ficava. Segundo Leila Lehen, romances como o de Rubens Figueiredo, “lidam com os sujeitos que, pelas condições materiais em que vivem, se encontram nas margens da sociedade brasileira. ” (2015, p. 118). Mais à frente a autora continua:

[...] o romance mapeia as complexidades humanas, sociais e culturais da periferia urbana brasileira e as põe em diálogo com o quadro sociocultural do Brasil atual. Ao representar o espaço periférico por meio de uma cartografia móvel, *Passageiro do fim do dia* aborda questões de inclusão e exclusão sociocultural e de como podemos representá-las adequadamente. (LEHNEN, 2015, p. 118)

Ao inscrever, a partir do olhar do protagonista em trânsito, histórias representativas da periferia urbana brasileira, Rubens Figueiredo coloca em cena o lugar desses indivíduos excluídos de um sistema bárbaro instaurado na cidade. E é através da colisão entre essas diferentes realidades que o leitor passa a enxergar, de forma mais clara, o quadro sociocultural dos grandes centros urbanos do Brasil contemporâneo. Assim, os choques e o constante medo e apreensão presentes no romance tornam visíveis aquilo que a sociedade e os mecanismos de controle existentes nela deixam de lado e tentam esconder, mostrando também o contraste entre os desfavorecidos e os favorecidos pelo sistema vigente.

Durante a narrativa, em um dos trechos, Rosane conta que o pai de uma vizinha e colega sua de infância, que morava na casa em frente à sua, trabalhou por muitos anos em uma firma que não pagava para os seus funcionários os direitos trabalhistas e fugia de impostos. Quando a empresa faliu, o dono dela foi morar no exterior, e o pai da amiga de Rosane ficou desempregado, sem qualquer previsão de receber alguma indenização ou aposentadoria. Após anos trabalhando na informalidade, em um trabalho que o consumia, ele fora simplesmente descartado com a falência da empresa, desprovido de qualquer direito, enquanto o seu patrão encontrara como solução para toda aquela situação uma nova vida no exterior. Frustrado e perdido, já apresentando problemas psicológicos, por conta de tudo o que havia passado, o pai da colega de infância de Rosane acaba sumindo, sem deixar nenhum vestígio.

Mais uma vez, Rubens Figueiredo traz para o seu texto os reflexos de uma sociedade assinalada pelos contrastes entre os que se harmonizam com o sistema vigente e entre aqueles que se encontram na informalidade e à margem dele. No Tirol, essa é apenas uma de várias histórias que reproduzem um processo cruel de fragmentação presente nos grandes centros urbanos contemporâneos.

A passagem do romance em que o pai de Rosane, após contrair uma alergia ao cimento, que o tornava inválido e o impedia, portanto, de continuar trabalhando, começa a comparecer nas perícias médicas, a fim de continuar recebendo o pagamento mensal do seu seguro, retrata também a problemática apontada. Nesse trecho da narrativa, dispensado do trabalho, o pai de Rosane, a uns vinte quilômetros de sua casa, horas antes do sol nascer, tomava um lugar na fila, espremido com muitos outros sujeitos em condições semelhantes, enquanto no mesmo local, dentro de um edifício de escritórios, outras pessoas trabalhavam. “As pessoas espremidas contra a parede para aproveitar a proteção da marquise estreita de um edifício de escritórios, ou coladas à porta de aço de uma loja vizinha, fechada com dois cadeados no meio e mais um embaixo, encostado no chão” (FIGUEIREDO, 2010, p.102).

Novamente é possível descortinar o contraste existente entre mundos socialmente distantes, uma vez que, concomitante a cena em que o pai de Rosane está aguardando para ser atendido na fila, encontra-se dentro do prédio o médico que irá atendê-lo, em uma sala com “ar-refrigerado e cadeiras estofadas para todos” (FIGUEIREDO, 2010, p. 102). Descartados pela sociedade, resta ao pai de Rosane e aos outros que lá estavam com ele

esperar durante horas para serem atendidos, debaixo do sol, em troca do pagamento mensal a que eles tinham direito. Quando não recebiam o pagamento, muitos ameaçavam os médicos, chegando a ir até armados para o local. “Corriam histórias de pacientes que, em outros postos, longe dali, foram para a fila armados, e por isso os seguranças, de roupa preta e boné, com um escudo dourado no peito, às vezes rodavam as saletas dos médicos [...]” (FIGUEIREDO, 2010, p. 103).

A degradação dos corpos como o do pai de Rosane assinala a crueza de uma rotina marcada pela violência e pelo abandono. São corpos que por si só contam uma história de sofrimento e opressão, como a de uma mulher, também passageira do ônibus onde Pedro se encontrava, que não tinha sequer os dentes incisivos da arcada inferior, contrastados pelo protagonista com a imagem dos dentes da locutora do rádio e do seu namorado. “E os dentes do homem e da mulher surgiram todos, lado a lado, de uma só vez, e num mesmo plano.” (FIGUEIREDO, 2010, p. 17). O que falta em um é, como pôde ser observado no trecho acima, o que o outro possui de forma considerável, demarcando as distinções entre as duas rotinas, a dos menos e mais privilegiados. O dente se torna, portanto, um dos elementos importantes de análise comparativa dessa problemática, a partir do momento em que é possível atentar para as relações entre as condições socioeconômicas e as políticas de saúde pública nas metrópoles brasileiras.

Pensando por esse ângulo, as posições sociais em que os sujeitos se encontram teriam relação direta com suas condições de saúde. Dessa forma, para os grupos mais vulneráveis, o acesso a ela se torna cada vez mais escasso. Assim, quando levanta, de maneira sutil, essa temática, Rubens Figueiredo ressalta um outro processo que também ajuda a legitimar e a produzir a desigualdade social. No romance, não são os locutores da rádio ou os moradores das regiões de classe média e alta que aparecem com problemas dentários, e sim alguns passageiros do ônibus em direção ao Tirol, que vivem em um ambiente onde as pessoas não têm acesso às necessidades básicas para a sobrevivência. A ausência dos dentes se torna, portanto, apenas um entre vários sinais que esses sujeitos carregam em seus corpos provenientes de uma árdua trajetória, tracejada pela carência de políticas públicas.

Essas trajetórias narradas ao longo de todo o romance são, por conseguinte, representativas de espaços periféricos marcados pelo “atraso” e pelo esquecimento, sendo lugares esvaziados de sentido quando contrastados com toda uma outra realidade, regida pelo

progresso econômico e pelo mercado de consumo. Assim, como menciona Leila Lehnen em seu texto, “*Passageiro do fim do dia* aborda a marginalização sociogeográfica sofrida pelas classes pobres em grande parte através da descrição do espaço em que vive Rosane e sua família e do seu modo de viver.” (LEHNEN, 2015, p. 131). Uma marginalização trazida para a cena através do olhar do protagonista Pedro que, na sua subjetividade, reorganiza todas essas histórias de uma gente que no romance permanece no anonimato, mas que representa toda uma parcela da população deixada para trás no processo perverso de desenvolvimento e progresso instaurado nos grandes centros urbanos brasileiros.

Com isso, Rubens Figueiredo traz para o leitor um olhar sobre o contraste, revelando uma outra cidade dentro da metrópole, uma cidade repleta de histórias marcadas pela desigualdade, opressão e violência, que passa despercebida aos olhos daqueles que estão imersos nela. As narrativas silenciadas pelo discurso dominante vão ganhando, então, forma em meio à multiplicidade de acontecimentos presentes nos espaços urbanos, trazendo para a cena uma cidade estilhaçada e repleta de encontros e tensões.

4. Feridas abertas: memória e identidade em *Passageiro do fim do dia*

A memória tendo relação direta com o passado, manifesta-se, também,
a partir das vicissitudes do presente, que ativa aquele passado
ou o reconstrói a partir de suas necessidades e indagações.

Enrique Serras Padrós.

A partir do objeto livro, que apresenta um papel central na narrativa de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010), foi possível pensar a leitura enquanto forma de mediação do protagonista Pedro com seu passado de trauma e dor, ao mesmo tempo em que ela também se constituía como uma tentativa de compreender e apreender o mundo que o cerca, procurando estabelecer um significado a partir de suas leituras feitas. Através dessa maneira de olhar o mundo, Pedro procura encontrar um sentido dentro de uma sociedade mecanizada, onde ele e todas as personagens presentes no livro passam a ser vistas como peças descartáveis dentro de um sistema que os consome. Pedro, assim como as outras personagens que o acompanham em seu trajeto no ônibus, vão perdendo, com isso, suas identidades em detrimento do surgimento de um papel a ser exercido, ou seja, são sujeitos que se apresentam como indivíduos que desempenham uma determinada função dentro da dinâmica social de seu meio.

Ao longo da narrativa compreendemos, então, que não é por mera coincidência que Pedro carrega dentro de sua mochila um livro sobre Darwin e suas ideias, ao mesmo tempo em que trava uma batalha cotidiana a fim de chegar ao seu lugar de destino, um bairro periférico, chamado Tirol, onde a desigualdade e a violência se fazem presentes.

É através da leitura sobre o cientista inglês, que o protagonista do romance procura apreender o mundo contemporâneo no qual se encontra. Dessa forma, questiona-se durante a narrativa o próprio lugar do sujeito dentro desse contexto apresentado pelo autor, em que o livro se torna objeto central.

Pedro, assim como Russell, o fotógrafo do prólogo de *O último leitor* (2006), de Ricardo Piglia, também pode ser analisado como um leitor de sua cidade. Enquanto Russell reproduz uma “cidade perdida na memória” (2006, p.12), de acordo com suas lembranças, Pedro nos aponta a dinâmica de um centro urbano a partir de suas observações e dos relatos de sua namorada. De um lado temos uma Buenos Aires perdida e distante, tornando nítido para quem a observa aquilo que já não se vê mais. Já do outro, se encontra o protagonista de Rubens Figueiredo, que nos apresenta, a partir do seu olhar, uma cidade marcada por conflitos e tensões. Assim, enquanto um capta os “tranquilos bairros arborizados e seus campinhos de grama seca” (2006, p.12), o outro faz a leitura de uma metrópole onde “construções precárias se amontoavam até quase a beira do acostamento” (2010, p.40).

4.1 A memória e a leitura

Ao contrário da relação afetiva entre o leitor e o livro, exposta por Proust, na sua obra *Sobre a leitura* (2003), em que a memória o transporta para um passado onde os melhores dias teriam sido vividos “na companhia de um livro preferido” (PROUST, p.9), no romance de Rubens Figueiredo a mesma analogia já não se mostra presente, uma vez que o objeto livro, que o protagonista Pedro carrega consigo em sua mochila, durante o trajeto de ônibus até o Tirol, bairro periférico onde reside sua namorada Rosane, aciona sua memória, de forma a fazê-lo rememorar um passado de dor e trauma. “Pedro olhou a capa do livro: um achado muito pessoal, não havia dúvida, um objeto ligado a ele por um laço bem particular. ” (FIGUEIREDO, p. 41).

O momento de dor e tristeza já não se encontra mais no ato de fechar o livro, como pensa Proust, que vê nessa prática uma forma de separá-lo de seu objeto tão valioso, como menciona em uma das passagens:

Era então uma tristeza, pois seria um mal exemplo para os que iam chegando, se fizessem crer que já era meio-dia, fazendo com que meus pais pronunciassem as palavras fatais: ‘Venha, feche o livro, vamos almoçar.’ Tudo estava pronto, os talheres inteiramente postos sobre a toalha, faltando apenas o aparelho de vidro que não aparecia

senão no final da refeição e no qual o tio horticultor e cozinheiro fazia ele próprio o café na mesa, tubular e complicado como um instrumento de física de cheiro bom e no qual era tão agradável ver subir na campânula de vidro a ebulição repentina que deixava em seguida nas paredes embaçadas uma borra cheirosa e marrom; e também o creme e os morangos que o mesmo tio misturava, em proporções sempre idênticas parando justo no rosa que era preciso atingir com a experiência de um colorista e a adivinhação de um apreciador. Como o almoço me parecia longo! (2003, p. 12)

Para o protagonista de Rubens Figueiredo o trauma vai além da simples postura de abrir ou fechar o livro, a partir do momento em que a relação de Pedro com a leitura sobre Darwin mostra-se visceral ao longo do romance, podendo ser esse objeto visto como uma duplicação de seu ser. “Sentado atrás do minúsculo balcão, Pedro reconheceu o livro pela capa – dali mesmo onde estava, de relance. E na mesma hora seu tornozelo, num reflexo, acusou uma pontada de dor” (FIGUEIREDO, p. 78). Manusear o livro, ou até mesmo o simples ato de olhá-lo, é o suficiente para transportar o protagonista para um tempo pretérito, marcado por uma violência sofrida. Sua memória é, então, ativada de tal maneira, que Pedro, no mesmo instante, já sente o seu tornozelo.

Em *Memória e identidade*, Candau afirma que “a perda da memória é, portanto, uma perda de identidade. ” (CANDAU, p. 59). A partir desta afirmativa, podemos pensar uma personagem do romance que “chamava a si mesmo de João, mas não lembrava o sobrenome e às vezes, poucas vezes, quase desconfiava não ser João seu nome verdadeiro. Assim como não lembrava de onde era, onde morava, nem o nome ou as feições de nenhum familiar ou amigo [...]” (2010, p.69). João, ao perder sua memória em um acidente ocasionado por um caminhão, que o atropelou na beira de uma calçada, perde também sua identidade, ficando impossibilitado de resgatar, com isso, lembranças do passado, de sua história, de quem ele poderia ser no presente.

Além disso, a partir da afirmativa da autora, também é possível refletir acerca do protagonista de *Passageiro do fim do dia*, que, ao rememorar não só o seu passado, como também o de Rosane e de outros moradores da região para onde se destina, acaba travando uma viagem de autoconhecimento, que o ajuda a compor sua própria identidade, ou seja, ao ir ao encontro de um tempo pretérito, Pedro nada mais deseja do que descobrir-se. “Pedro começava a ver a si mesmo no reflexo do vidro [...]”. (FIGUEIREDO, p.97).

Ainda segundo Candau, “a função da memória afeta as grandes categorias psicológicas tais como o Tempo e o Eu” (pag. 61), cabendo ao sujeito, ao recordar os fatos ocorridos, selecioná-los e ordená-los de acordo com particularidades que variam ao longo da vida de cada um. Através deste pensamento também é possível refletir acerca de Pedro, que no decorrer da narrativa, a partir daquilo que observa, escuta e lê, vai recordando fatos passados e ordenando-os de acordo com o momento no qual ele se encontra. Essas lembranças afetam tanto a constituição da identidade da personagem quanto a composição de tempo e do espaço apresentado.

Ao subir no ônibus, diante da trocadora, após horas de espera na fila, Pedro deixa escapar duas moedas, que caem no piso de aço, ocasionando um “baque metálico”, como o narrador do romance menciona. O som produzido faz com que, novamente, sua memória seja acionada, e o protagonista retorna, assim, à cena em que ele fora chutado e pisoteado na rua.

Por isso, por causa desse som, quando Pedro se abaixou para pegar com a ponta dos dedos as moedas no chão e viu, ao nível dos olhos, os pés dos passageiros metidos em sapatos e em sandálias – passou de repente pela sua cabeça, e com toda a vivacidade, aquela memória, a antiga sensação, a cena muitas vezes repetida em pensamento: enquanto Pedro olhava, atento, seu livro ser pisado e chutado várias vezes pela rua, a larga vidraça de uma loja explodiu inteira bem em cima dele. Num jato, caquinhos se derramaram sobre suas costas (FIGUEIREDO, 2010, p.17).

É, portanto, no momento em que Pedro escuta aquele som, que ele se recorda do fato ocorrido, selecionando essa recordação a partir do momento em que o protagonista se encontra. São, dessa forma, lembranças como essa que afetam a constituição da identidade da personagem, bem como da própria composição do tempo e do espaço na narrativa.

Portanto, podemos afirmar que a constituição linguística da memória está atrelada à identidade individual e coletiva, como também a constituição espaço e tempo em um sujeito, nos permitindo, assim, pensar na memória enquanto uma lembrança de um passado que já não é nosso, mas que faz parte daquilo que hoje somos. Ela nos identifica enquanto indivíduos e como parte também de uma coletividade. Relembrar e esquecer compõem e complementam, dessa forma, o que entendemos por memória, sendo esta formada por um

processo de seleção e exclusão. Jeanne Marie, ao falar sobre o ato de lembrar o passado, afirma que:

A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a essas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (GAGNEBIN, 2006, p. 55).

As lembranças do passado de Pedro, e também as lembranças rememoradas por Rosane, reflexos de todo um processo de seleção e exclusão, agem sobre o tempo presente do protagonista, transformando-o. Dessa maneira, somada ao tempo e espaço apresentado ao longo da narrativa, a composição da própria personagem vai também sendo alterada.

Em *Passageiro do fim do dia*, é possível observar como Rubens Figueiredo trabalha o tempo e o espaço no texto, que se apresentam em constante trânsito, através do movimento articulado pelo protagonista Pedro no ato de lembrar e selecionar acontecimentos, proporcionado pela experiência da observação do que está ao seu redor e pela experiência da leitura. O tempo e o espaço, assim, se compõem e decompõem em fragmentos de imagens que vão moldando a narrativa e dando-lhe significado.

Ao falar sobre a relação da memória com o tempo e o espaço, Larissa Tirloni, em “Memória e espaço em *Passageiro do fim do dia*” (2012), menciona que é na memória que “as lembranças, rememorações ocorrem, sendo impossível desvinculá-las do espaço que as circunda, dos objetos que a compõem” (2012, p.1). Dessa forma, ao refazer o trajeto para o Tirol, Pedro recupera suas lembranças e as revive em seu tempo presente, como ocorre quando Pedro começa a reparar no “tom alarmado” das pessoas ao falar sobre o que estava acontecendo no trajeto para o bairro de sua namorada. Nesse momento, o protagonista aciona suas lembranças e volta ao momento em que Rosane relata o que havia acontecido com a família dela anos antes.

Só que o bairro de Rosane para onde Pedro estava indo dispensava exageros, não disputava a primazia de coisa nenhuma. E foi sem ênfase e aos poucos que Rosane, certo

dia, contou para Pedro o que havia acontecido seis anos antes. Contou com certa vergonha, até com uma secura triste – tristeza e secura que Pedro, por alguma razão, sentiu mais marcadas por causa das linhas magras dos braços e dos ombros meio pontudos da moça (FIGUEIREDO, 2010, p.31).

Sentado no ônibus, Pedro começa, então, a rememorar o passado do Tirol e da família de Rosane, relatados pela própria namorada. A memória é, assim, ativada a partir da situação na qual o protagonista se encontra dentro do ônibus, fazendo-nos perceber o quanto essas recordações estão vinculadas também ao espaço em que ocorre a narrativa. Tais espaços vão, portanto, somados às situações com as quais Pedro se depara ao longo do trajeto, fazendo surgir as diversas histórias que compõem o romance.

Por conseguinte, Pedro vai de encontro ao seu passado e ao seu presente, por meio de inúmeras imagens que resistem ao apagamento e de um olhar marcado pelo sofrimento vivenciado, que apesar de fazer parte de um tempo passado, ajuda a constituir aquilo que Pedro se tornou no presente.

Não nos lembramos de tudo, nem pessoal nem coletivamente. Lembramos aquilo que tem significado, aquilo que é importante. Assim, vivemos entre a memória e o esquecimento, talvez porque vivamos entre o ser e o não ser mais. Certamente precisamos de ambos para viver. A memória nos faz lembrar quem somos e o que nos faz querer ir a algum lugar (ROSÁRIO, 2002).

As sucessivas lembranças e imagens que atravessam a memória e o olhar do protagonista do romance estão carregadas de significado e assemelham-se à superabundância de informações do tempo e do espaço existente no mundo contemporâneo, onde o constante trânsito se faz presente, constituindo aquilo que Pedro se tornou, levando-o a questionar sobre o seu lugar dentro da sociedade apresentada e também sobre o lugar dos sujeitos com os quais encontra ao longo da narrativa.

Ao pensar sobre a memória dos homens, Jeanne Marie Gagnebin afirma que ela é elaborada entre dois polos, “o da transmissão oral viva, mas frágil e efêmera, e o da conservação pela escrita, inscrição que talvez perca por mais tempo, mas que desenha o

vulto da ausência. ” (2006, p. 11). Em seguida, após afirmar que nenhuma dessas duas possibilidades certifica a imortalidade, ela menciona que esses dois polos “apenas testemunham o esplendor e a fragilidade da existência, e do esforço de dizê-la. ” (2006, p.11).

Em *Passageiro do fim do dia*, seja através dos relatos de Rosane sobre sua família e acerca dos moradores dos bairros periféricos do romance, ou por meio da própria história escrita na narrativa, é possível testemunhar também a vulnerabilidade da existência das personagens que se encontram marginalizadas. É por intermédio, assim, da história contada que suas narrativas conseguem resistir ao apagamento. Sendo assim, torna-se necessário pensar a figura do narrador no contexto apresentado.

O narrador, segundo Benjamin, “pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. [...])” (1994, p. 221). Por esse viés, é possível também refletir acerca do narrador do romance de Rubens Figueiredo, que recorre ao acervo de experiências alheias, sobretudo dos moradores dos bairros periféricos da narrativa, seja através dos relatos contados por Rosane, rememorados por Pedro, ou por meio das observações feitas pelo protagonista durante o seu trajeto para o Tirol.

No romance, Rosane transmite para Pedro as experiências vivenciadas pela sua família e pelos moradores do Tirol. Tais experiências serão acionadas, posteriormente, por Pedro, ao longo de sua viagem de ônibus, a partir de alguma situação apresentada na narrativa.

As pessoas nas lembranças de Rosane, pareciam menos pobres do que agora. Contra o fundo da sua memória de criança e de adolescente, aquela transformação, já consumada e sem volta, se apresentava como um processo rápido demais, fácil demais, para que fosse possível ter acontecido de fato assim – sem resistência, sem alternativa. E isso ela não conseguia explicar: era preciso engolir e pronto – essa era a ideia que estava no ar – era o próprio ar. Rosane olhava para Pedro e olhava para a televisão como quem ainda não acredita [...] (FIGUEIREDO, 2010, p. 53).

Benjamin ainda em *O narrador* (1994), menciona que a “experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (1994, p.198). A partir dessa

afirmativa também podemos pensar o narrador de Rubens Figueiredo, que narra as histórias acionadas pelo protagonista, contadas por sua namorada, apesar de nem todas terem sido vivenciadas por ela; algumas, Rosane ouvira de outras pessoas e passara adiante para Pedro. “Rosane ouviu a mãe contar essa história muitas vezes, para muita gente” (2010, p. 33). Sendo assim, da mesma forma como menciona Benjamin, aqui o narrador do romance bebe da mesma fonte, ou seja, das experiências que passam de pessoa para pessoa.

Com isso, o narrador de *Passageiro do fim do dia* (2010), acaba conservando as histórias de sujeitos marginalizados e esquecidos pela sociedade, sem deixar que elas se percam no passado.

Em *Contos de Pedro* (2006), o narrador de “Uma questão de lógica” também relata, além de suas experiências individuais, as experiências adversas contadas pela mulher de seu enteado, uma pessoa desprovida de significado para o sistema vigente, assim como as muitas personagens do romance de Rubens Figueiredo. É a partir dos relatos contados para o narrador desse texto e também de suas lembranças, que o leitor passa a ter uma dimensão da situação socioeconômica dos sujeitos presentes no conto.

Cláudia contou e recontou as minúcias dessa história para todos, até para as galinhas. Fazia do erro um sucesso, da derrota um benefício – contar produzia o efeito de um calote bem aplicado, que fazia o galo cantar e as galinhas cacarejarem como se entendessem suas palavras e lhe dessem os parabéns (FIGUEIREDO, 2010, p. 68).

É através do olhar do narrador em primeira pessoa do conto que temos acesso ao mundo de Claudia e de sua família, que viviam num “quarto colado à parede do vizinho, num canto do quintal, onde o piso de cimento estava tão rachado que a terra já rompia por baixo” (2006, p. 59), na casa de Pedro, o narrador do conto. Marília de Araujo Barcellos, em *Contos de Pedro: a literatura de Rubens Figueiredo e os universos da mesmice* (2007), ao falar sobre o conto, menciona que:

A representação da personagem feminina nesse conto é construída pelo narrador, que passa justamente a criticar, embora fazendo a personagem sempre presente e tornando-a mote de todo o enredo. É aqui que se faz uma mulher, mãe, que tenta, sob circunstâncias difíceis, quase inumanas, sobreviver e cuidar da prole; assim, de coadjuvante, de periférica, passa à posição central no conto. É como aqueles primeiros narradores que teriam sido os marinheiros que viajavam e contavam o que tinham visto aos camponeses, e estes traduziam em relatos a sabedoria prática que haviam acumulado. Narrador que, como na concepção benjaminiana, traduz uma época, uma cidade, um povo, um universo, mas, ao inverso do que postula Benjamin (1994), não foi preciso viajar para isso (BARCELLOS, 2007, p.161).

Assim, por intermédio do narrador do conto, todo um universo árido e miserável é apresentado ao leitor. É Pedro quem recolhe e relata, ainda que criticando a forma de agir da mulher de seu enteado, a história dessa gente silenciada por um discurso dominante, retratando um pouco do universo dos excluídos e a experiência do *outro*. Pedro pode ser visto, então, enquanto um narrador que, segundo Marília de Araujo Barcellos, “revela, com um olhar tido como natural por um leitor desatento, as asperezas da vida, a miséria, a individualidade, a solidão, as diferenças e o mundo dos excluídos” (2007, p.161).

Jeanne Marie Gagnebin, ao abordar o ensaio de Benjamin “O narrador”, afirma que o narrador é também “esta personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder [...]” (GAGNEBIN, 2006, p. 53) Em seguida, a autora continua afirmando que esse narrador deveria “muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido [...]” (2006, p. 54). Por esse viés, pode-se pensar, da mesma forma, nos sujeitos que são silenciados pelo discurso dominante, sendo deixados à margem, por não terem significação para os mecanismos de controle. Esses indivíduos acabam não tendo lugar nesses tipos de discursos, seus nomes acabam não sendo lembrados pela sociedade, que lhes reserva o lugar do vazio, do esquecimento. Assim é possível refletir acerca das personagens do romance de Rubens Figueiredo, que só não caem totalmente no esquecimento, porque suas histórias são contadas pelo narrador do livro.

Em uma passagem do romance, por exemplo, quando Pedro se encontra no hospital, ele conhece um sujeito chamado João, um indivíduo que sofrera um acidente e, por conta disso, perdera a memória. Ele, descrito pelo narrador enquanto um “homem, de todo imbecil, inferior ao mais insignificante dos animais domésticos[...]” (2010, p, 68), pode ser também

considerado alguém que foi silenciado pelo sistema vigente, não tendo significado para a grande parcela da sociedade, sendo apagado por ela.

Seu manejo das palavras – ele, o João -, desmembrando-se em dois, em duas figuras que não existiam, ou só existiam em parte, ou só existiam uma contra a outra, era um jeito indireto de obrigar as pessoas a não esquecer: ali, na frente delas, em algum espaço, estava uma pessoa com nome, vida própria, igual a elas, com certos direitos – um paciente em relação a quem todos tinham responsabilidades (FIGUEIREDO, 2010, p.71).

O narrador de *Passageiro do fim do dia* recolhe aquilo que sobra da história dessa personagem, não deixando que ela caia totalmente no esquecimento, ainda que pouco se saiba, de fato, a respeito do passado desse sujeito, uma vez que ele perdera sua memória após o acidente. João é, portanto, uma personagem marginalizada, parecendo não ter importância e nem sentido naquele contexto. Cabe então ao narrador do romance tentar resgatar essa história, com intuito dela não se perder completamente.

Ao associar a memória a elementos materiais, que carregam consigo lembranças e significados, aos quais vinculam-se a elas o indivíduo, é possível refletir acerca da importância do objeto livro no decorrer da narrativa. Essa memória, por sua vez, se conecta não somente ao objeto, que desempenha um papel simbólico, como também ao espaço onde esses acontecimentos se sucederam, tornando possível, ao protagonista rememorar suas vivências.

Sendo assim, o trajeto feito de ônibus por Pedro, do centro até o Tirol, somado à leitura selecionada por ele sobre as ideias do pesquisador inglês, tornam-se fundamentais na reconstrução de experiências passadas, sejam elas pertencentes aos sujeitos que vivem no Tirol, trazidas pelos relatos de Rosane, sua namorada, ou por meio de suas próprias memórias.

O vínculo estabelecido entre o livro e o protagonista do romance é o que nos permite compreender, portanto, o motivo da presença desse objeto na mochila da personagem. A relação dos dois só é passível de ser decifrada, a partir do momento em que há a percepção de que o fato ocorrido com o livro, em que ele é pisado, chutado e depois recosturado, reitera

a cena de violência vivenciada por Pedro, constituindo, como menciona Stefania Chiarelli, em seu texto, uma “duplicação do que se passa com o corpo de Pedro.” (CHIARELLI, p. 4).

Assim, agora, nesse fim de tarde, na fila do ônibus, Pedro tinha a sensação de que carregava na mochila algo bastante pessoal. Para ser mais exato, ele poderia dizer que carregava sua tíbia inteira, do joelho até a articulação do tornozelo – a mesma noite daquele mesmo dia do tumulto na rua -, reconstituída por suturas externas e internas, por pinos e parafusos, enfiados e removidos no vaivém das dúvidas do cirurgião. Remendos e linhas, no fim das contas, quase tão inúteis quanto as costuras e grampos das folhas do livro chutado pela rua (FIGUEIREDO, p. 15).

A descrição exposta pelo trecho acima, passado no romance, não representa, necessariamente, uma cópia fiel dos acontecimentos passados, ainda que explicita o grau de relevância dado ao fato por parte de Pedro, e sim, nos faz perceber o papel seletivo da memória, que absorve as imagens, organizando-as e apenas selecionando as informações mais importantes para relembrar.

Por conseguinte, ao rememorar o fato ocorrido com o livro, Pedro não, necessariamente, reproduz em sua mente tudo o que se sucedeu no local do incidente, e sim aquilo que, de fato, marcara seu passado nesse dia e que, portanto, fora acionado pela sua memória, a partir do contato com o livro e com o espaço retratado na narrativa durante o percurso da personagem.

A simples imagem de Darwin presente na capa do livro, erguido pelo cliente, no início de uma tarde, foi suficiente para transportar Pedro para um passado do qual não mais conseguiria se desvincular, conectando-o ao local onde tanto o livro quanto ele seriam pisados e violentados.

Assim que vi a figura do sábio estampada na capa, no instante em que deparou com o emaranhado da longa barba cor de cinzas sobre o fundo cor de carne, bateu abrupta em sua memória a imagem do mesmo livro: chutado uma, duas, três vezes sobre as pedrinhas brancas e sujas da calçada, chutado com força e sem querer por pessoas que corriam aos empurrões, em atropelo e em fuga pela rua, enquanto olhavam para os lados e para trás, por cima do ombro, entre gritos e estampidos cada vez mais próximos e mais violentos que vinham de várias direções (FIGUEIREDO, p. 14).

Pedro rememora o incidente de uma maneira tão profunda e angustiante, com tantos detalhes, que é quase como se ele estivesse revivendo inúmeras vezes aquele momento, tendo as mesmas sensações experimentadas naquele dia. “[...] bastou somar a palavra tórax à expressão duas ferroadas para Pedro se ver de novo naquele dia, na hora em que se levantava da calçada [...]”. (p.27)

Jeanne Marie Gagnebin, ao refletir acerca do livro de Aleida Assmann, *Espaços da recordação* (2011), afirma que o “trauma é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito” (2006, p. 110). Esses traumas, segundo a autora, são feridas que não cicatrizaram, continuando abertas e permanecendo na memória. Em seguida, ela afirma que mesmo quando o sujeito regressa do passado traumático, ele ainda se depara com a impossibilidade de encontrar indivíduos dispostos a ouvir a experiência narrada.

Pensando na temática do trauma, torna-se necessário refletir acerca da figura do protagonista de Rubens Figueiredo, Pedro, que carrega tanto em seu corpo como em sua memória as marcas de um acontecimento violento, ainda recalcado. A lembrança do acidente ocorrido com seu tornozelo, provocado pelo cavalo que o atropelou, retorna constantemente durante a narrativa, levando o leitor a perceber uma cicatriz que ainda assombra o presente da personagem.

Mas ao alcançar o sei, sob o violento clarão de uma colmeia de luzes pendurada no teto, Pedro não encontrou mais voz nem números e perdeu de todo a consciência.

Gostaria de ter podido contar até dez, quando o cavalo o atropelou. Gostaria de ter contado pelo menos até seis, quando o casco ferrado esmagou seu tornozelo na calçada (FIGUEIREDO, 2010, p.44).

Pedro, diante de uma experiência bárbara, vê-se impossibilitado de se desfazer dela, que vai e volta durante a narrativa, a partir de uma determinada situação apresentada e vivenciada pelo protagonista. “Aquela vez em que o cavalo o pisoteou foi sua última tentativa de vender livros na calçada” (2010, p.42). Pedro, dentro do ônibus, ao sentir uma dor em seu

tornozelo, após uma sacudida no veículo, aciona novamente a memória, voltando ao dia do acidente com o cavalo da polícia.

Alheio em relação aos outros passageiros do ônibus, Pedro não encontra alguém para quem possa transmitir suas lembranças durante o trajeto para o Tirol. Apenas os leitores têm acesso a elas, por intermédio do narrador. Durante o romance, é possível notar que o protagonista não encontra (e também não procura) alguma pessoa que possa ouvi-lo, talvez por não conseguir estabelecer nenhum laço e semelhança com nenhum dos passageiros, o que o torna um estrangeiro no ambiente por onde transita.

Às vezes, sem perceber, chegava a brincar mentalmente, testava como as reações deles eram previsíveis. E por esse caminho misturava-se àquela gente, unia-se a alguns e, a partir deles, aproximava-se de todos. Mesmo assim, mesmo próximo, estava bastante claro que não podia ver as pessoas na fila como seres propriamente iguais a ele (FIGUEIREDO, 2010, p.9).

Ao lembrar o poema de Brecht sobre os rastros, e a interpretação dada por Benjamin a respeito do poema, Jeanne Marie ressalta a inexistência de uma “experiência comum, compartilhada por todos, que permita reconstruir um mundo acolhedor, depois do trauma da Grande Guerra [...]” (2006, p.115). Nesse contexto, o sujeito se encontra, por conseguinte, sozinho e sem controle em relação a sua vida, imerso no anonimato, reflexo do modelo de vida promovido pelo sistema capitalista atual.

Assim se encontra Pedro, um indivíduo solitário diante de um mundo hostil, onde ele é apenas mais um Pedro, como tantos outros. Também rejeitado e esquecido pela sociedade contemporânea, o protagonista do romance, bem como muitas outras personagens do livro, tem seus rastros contados pelo narrador.

Ainda que não compartilhe suas experiências com as outras pessoas com quem se depara/ colide ao longo do trajeto, e ainda que se encontre solitário no mundo contemporâneo, ainda assim, Pedro sente a necessidade de rememorar o seu passado, talvez na tentativa de dar algum sentido a ele. E o livro, objeto com o qual mantinha um laço importante após o acontecimento violento, torna-se fundamental durante todo o processo de revisitação do tempo pretérito. “Não recuperou os livros, naquele dia – naquela vez em que

houve o tumulto na rua. Mas agora, pelo menos, o livro sobre Darwin estava com ele – tantos anos depois. Recosturado, reencadernado, quase inteiro” (2010, p.19).

Em *Genealogia da moral* (2019), Nietzsche, ao abordar a questão da memória, afirma que “é o passado, o mais distante, duro, profundo passado, que nos alcança e que reflui dentro de nós [...]” (2019, p 31). No caso de *Passageiro do fim do dia* (2010), podemos observar que é por intermédio das marcas deixadas em seu corpo e em sua mente, que os acontecimentos violentos do passado retornam e revisitam a memória de Pedro. É a “velha dor em forma de tesoura que abre e fecha dentro do tornozelo” (2010, p.43) que faz o protagonista relembrar o acidente ocorrido. Ela está ali, em seu corpo, “sem cessar de causar dor” (2019, p.31), pois é dessa forma, segundo Nietzsche, que ela ficará guardada na memória.

A cicatriz deixada em seu corpo grava, portanto, também a sua condição e o seu lugar dentro da sociedade na qual se encontra, enquanto a de um sujeito subordinado aos mecanismos de controle presentes na cidade. Pedro só sofreu o acidente provocado pelo cavalo da polícia, porque, assim como várias outras pessoas naquele dia, resolvera vender sua mercadoria na calçada, de forma considerada ilegal.

Várias pessoas que, a exemplo de Pedro, vieram vender mercadorias na calçada tinham conseguido recolher uma parte de seus pertences, quando a polícia investiu na outra ponta da rua. Tiveram tempo de sair do caminho e agora se encostavam às paredes e às portas das lojas. Abraçadas a trouxas amarradas às pressas ou a sacolas grandes fechadas com zíper, misturavam-se a outras pessoas que estavam ali apenas de passagem quando a confusão teve início. Outros, adiante, na esquina, atiravam pedras contra os guardas e também lançavam fracos de vidro cheios de pregos enferrujados e até pequenas bombas feitas de garrafinhas cheias de gasolina, que já estavam preparadas e escondidas à espera do confronto (FIGUEIREDO, 2010, p.29).

A cena rememorada no romance, por ser tão terrível e violenta, torna-se, como o narrador irá mencionar, uma “cena memorável, que vai ser contada e recontada” (2010, p.30). Ela ficará na memória, tal e qual afirmou Nietzsche, ao se referir às imagens e procedimentos, que de tão assombrosos, acabam ficando retidas na mente dos sujeitos que as vivenciam.

Somada a essas lembranças, a leitura sobre as ideias do cientista inglês também proporciona a Pedro a tentativa de apreender a dinâmica da cidade onde ele vive, que sofrera, desde o período em que Darwin ali esteve, no mesmo local, violentas transformações

4.2 Os desajustados

Ler o livro e, através disso, buscar fazer associações entre o que está sendo lido e os fatos observados, é uma forma de Pedro procurar encontrar, por meio da experiência da leitura, construir significados para aquilo que ele presencia durante o seu trajeto até o Tirol. Dessa forma, podemos pensar a leitura de Darwin enquanto uma forma de Pedro olhar os sujeitos e o espaço que o cerca, onde as personagens acabam se tornando, ao mesmo tempo, presas e predadores, em um ambiente hostil e marginalizado, marcado pela violência, onde só resta tentar sobreviver.

Não havia nada entre o sol e as cabeças de todos ali, a não ser a parte mais alta do poste de concreto e os fios bambos de eletricidade ou de telefone, que lá em cima irradiavam para os dois lados numa simetria de costelas. A sombra da fila, estendida quase ao máximo sobre a calçada, era a única sombra. A demora do ônibus, o bafo de urina e de lixo, a calçada feita de buracos e poças, o asfalto ardente com borrões azuis de óleo, quase a ponto de fumejar – Pedro já estava habituado. Não são os mimados, mas sim os adaptados que vão sobreviver (FIGUEIREDO, p. 07).

A partir dessa perspectiva, também é possível pensar o Tirol enquanto um “espaço vazio”, termo utilizado por Bauman (2001), para refletir acerca de lugares esquecidos e colocados à margem pelo coletivo. O bairro para onde Pedro se desloca, é um espaço rejeitado pela sociedade, sobretudo pelo sistema vigente, tornando-se um espaço invisível e desprovido de significado para muitos. Por conseguinte, tanto o bairro quanto os indivíduos que nele transitam sofrem um processo de apagamento.

Nesse sentido, os passageiros do ônibus que vai em direção ao Tirol podem ser considerados os desajustados do romance, uma vez que eles não se encaixam no modelo de

vida proposto e, de certa forma, imposto pelos mecanismos de controle presentes na cidade. Perdidos no meio da multidão e da velocidade dos acontecimentos, além de imersos em uma sociedade sócio e espacialmente segregada, os passageiros que se dirigem ao Tirol precisam travar uma batalha cotidiana para “subir mais um degrau” (p.8) na escala evolutiva determinada pelos discursos dominantes

Em suma, tudo aquilo – o trabalho, a escola, saber ler e escrever, o centro da cidade, a cidade propriamente dita, com seus bairros e suas atividades oficiais - , tudo pertencia ao mundo que as deixara para trás, que as empurrara para o fundo: era o mundo de seus inimigos (FIGUEIREDO, p. 56).

A cena em que é descrito o embate entre a vespa e a aranha é transportada para a realidade de Pedro, na medida em que este, assim, procura traduzir as relações sociais existentes em seu mundo. “Logo depois, outra motocicleta, com um motor de timbre mais grave, um zumbido mais rouco e mais estalado. A vespa e a aranha – o tirano e a vítima – Pepsis e Lycosa.” (p.41).

No decorrer da narrativa, alguns episódios descritos por Pedro retratam as ideias presentes na teoria da evolução proposta por Darwin. Em um primeiro momento, é narrado o embate entre uma vespa e uma aranha, em que aquela mostra-se como tirana e esta como vítima, em uma caçada pela sobrevivência. Já em uma outra parte do romance, os dois seres se reencontram, porém, dessa vez, os papéis se invertem, pois agora a presa é a vespa, que é capturada pela aranha. Sendo assim, a partir dessas duas perspectivas expostas por Pedro, através de sua leitura sobre o pesquisador inglês, e também por meio da passagem do romance exposta acima, é possível perceber o olhar do protagonista em relação à dinâmica social de um grande centro urbano e do lugar dos sujeitos que nele residem, ao mesmo tempo em que Pedro também nos chama a atenção sobre a questão da transitoriedade desses papéis no mundo contemporâneo.

A alternância dessas funções está diretamente relacionada ao estilo de vida proposto “pela sociedade líquido-moderna”, como menciona Bauman (2009). Segundo ele, estaríamos diante de “uma versão perniciososa da dança das cadeiras jogadas para valer” (p.10), posto que as próprias relações presentes na sociedade que o autor denomina de “sociedade líquido-

moderna”, são instáveis e transitórias. Há, assim, uma linha tênue entre aquilo que se ajusta ao modelo proposto nesse contexto e aquilo que já não serve mais e é descartado.

A presença do livro sobre o cientista inglês, e das inúmeras passagens que retratam a desigualdade social, o tratamento desumano e a luta dos desajustados no romance para se afirmarem nesse mundo, que produz e reproduz essa desigualdade, levam o leitor a entender, então, os processos que legitimam as disparidades e utilizam a ciência como um discurso consolidador dos mecanismos de opressão.

O que vamos fazer? Afinal, não temos força. Então vamos deixar que eles mesmos se enforcem – disse a juíza, em tom conclusivo, numa impaciência que já não se continha, falando para o seu ex-professor, o ex-juiz, que havia falado sobre as prisões, os condenados. Ele agora segurava e folheava o livro de um cientista americano: um livro ainda novo sobre a seleção natural, mas com uns rabiscos brutos, à caneta, sobre a capa (FIGUEIREDO, p. 144).

As passagens, como a exposta no trecho acima, que remetem à desigualdade existente nas cidades contemporâneas brasileiras, perpassam todo o romance de Rubens Figueiredo, nos fazendo perceber que a distância da qual se fala na narrativa não é medida pelo tempo ou por quilômetros, ela representa um intervalo entre dois mundos, como menciona o próprio autor em sua entrevista. A exploração dos sujeitos que resistem quase que apáticos a essas violências diárias explicitam a forma como agem os mecanismos opressores sobre os indivíduos marginalizados, que acabam perdendo suas identidades ao se verem presos nesse mundo mecanizado.

E, por trás disso tudo, o que mais ameaçava Rosane era uma dúvida: será que no fundo, o jeito de Rosane, sua opção, era de fato melhor? Rosane queria estudar, queria aprender, queria ter educação, queria uma profissão mais qualificada, poder ganhar mais, poder comprar mais coisas, queria ser respeitada por eles, os outros, aquela gente toda – queria poder morar em outro lugar, melhorar de vida, ser outra pessoa, ser alguém, alguém – isso era certo, era o que todos diziam, era sabido e apregoado em toda parte – ali estava o que era bom fazer, o que era bom ter sempre na cabeça e não desistir nunca (FIGUEIREDO, p. 63)

Rosane enxerga o consumo enquanto uma forma de inserção na sociedade que a todo instante procura silenciá-la. Ela vê nesse ato uma maneira de se sentir alguém mais presente, desejando, assim, adequar-se ao modelo determinado pelo discurso dominante. No entanto, Rosane pertence, de certo modo, ao Tirol, ainda que procure distanciar-se de um destino parecido com o de sua colega de infância. É, também por isso, que o leitor consegue visualizar um abismo entre o mundo da namorada de Pedro e o dos que “deram certo”, dentro da ótica capitalista atual.

Além de Rosane, que deseja, de algum jeito, pertencer a esse modelo de vida proposto pelos mecanismos de controle, há do mesmo modo, os moradores do Tirol e da Várzea, os quais, ao criarem uma rivalidade entre eles, apontam a necessidade de se afirmarem a todo instante em seus espaços.

Com isso, a relação de rivalidade entre os dois bairros, apontada por Rosane e rememorada por Pedro, bem como as outras lembranças e observações que o protagonista faz durante a narrativa, ao resgatar alguns pensamentos do cientista inglês, transportam para a narrativa muito do que foi absorvido na teoria da evolução e pelo Determinismo no século XIX, como sendo não somente a leitura do mundo feita por Pedro, mas também a forma das inúmeras personagens presentes no romance de interpretar os sucessivos atos de violência por elas sofrido. Desta maneira, Rubens Figueiredo passa a questionar o lugar desse tipo de discurso legitimado na sociedade contemporânea, sobretudo nos grandes centros urbanos brasileiros, mostrando uma quase apatia, conformismo e falta de percepção diante da opressão e exploração sofrida diariamente.

Mas a cada dia as dificuldades se mostravam tão flagrantes, os obstáculos eram tão descarados em seu poder e se levantavam tão desproporcionais às forças de Rosane que ela às vezes parava com um susto, uma surpresa, e de repente topava com um imenso vazio à sua volta. Que chances tinha ela, afinal? Por que havia de conseguir o que as pessoas iguais a ela não conseguiam de jeito nenhum? O que poderia haver em Rosane de tão especial? Não seria simples estupidez pensar que a deixariam passar, que algum dia abririam caminho para ela? (FIGUEIREDO, p. 64)

O desejo de ser alguém, de possuir uma identidade e de ser reconhecida vai sendo apagado, dando lugar à descrença em relação a uma possível mudança, a partir de obstáculos que se mostram “tão desproporcionais às forças de Rosane. ” (p.64). A presença do darwinismo social passa a tomar conta da consciência da personagem, que se vê presa a barreiras quase intransponíveis, praticamente se rendendo ao sistema que, assim, vai se impondo e consolidando.

Rosane passa a ser vista como frágil até mesmo aos olhos de Pedro, que enxerga não somente nela, mas também em todos os outros sujeitos desprotegidos que aparecem em sua memória e durante o seu trajeto, corpos a serem decodificados, estabelecendo uma aproximação entre eles e a leitura que faz sobre Darwin e a seleção natural.

Pedro, ao trazer para a sua realidade as leituras que faz do livro que carrega consigo, acaba se aproximando, nesse aspecto da personagem da narrativa de Enrique Vila-Matas, *O mal de montano* (2004), que, assim como o protagonista de Rubens Figueiredo, lê “o mundo como se fosse a continuação de um interminável texto” (MATAS, p.53), atribuindo significados a partir das leituras já feitas.

Na narrativa de Enrique Vila-Matas, a obsessão e a impossibilidade de se afastar da literatura fazem com que o narrador veja em tudo a presença dela, que o acompanha durante a sua vida. É, por isso, que em muitos momentos, ele vê a necessidade de “não relacionar nada com a literatura, descansar dela de alguma forma” (p. 17). No entanto, essa alternativa é irrealizável, já que a literatura vive dentro da personagem. De uma forma parecida, ainda que não perceba, Pedro se deixa levar pelas ideias presentes no livro que se encontra em sua mochila. Até mesmo nas situações cotidianas, o universo da leitura e do livro preenchem suas observações.

Ao rememorar o relato da amiga de Rosane, atingida por uma bala perdida, oriunda de uma pistola manuseada por um rapaz que acabara de assaltar um ônibus e que fora atingido pelos policiais, fazendo com que a arma, ao bater no chão disparasse, e ricocheteasse por dentro da mulher, Pedro enxerga na marca feita pela cicatriz, um formato em V, como se fosse o desenho de um livro aberto:

Na luz fraca e diagonal que vinha de um poste, sombreada por alguma ponta de galho ou pela beirada do guarda-chuva, que balançava e ora barrava a claridade, ora abria caminho para a luz, Pedro viu a cicatriz de quinze anos antes - a partir do abdômen, até quase o meio do peito. A marca lisa, mordida pelas cicatrizes paralelas deixadas pelos pontos cirúrgicos. A faixa vertical e contínua, que afundava muito e, de forma estranha, cavava em V a pele e a carne, bem no meio do corpo. Na surpresa, no choque, na penumbra, Pedro achou que era parecido com o meio de um livro aberto: o ponto onde a página par e a ímpar afundam em curva e se unem na costura ou na cola por dentro da lombada (FIGUEIREDO, p. 171).

Bem como a amiga de Rosane, que carrega consigo uma marca de um passado traumático, de uma violência sofrida, tendo ela também sido mutilada e recosturada, as outras personagens da narrativa da mesma forma se apresentam, inclusive o protagonista do romance que, a partir da subjetividade de seu olhar, passa a construir significados através de suas memórias e de tudo aquilo que observa. Além disso, Pedro acaba estabelecendo um diálogo com a leitura feita durante o trajeto, de seu trabalho para a casa de sua namorada, todas às sextas, tendo a experiência proporcionada pela leitura como referência para apreender o seu meio.

Assim, Rubens Figueiredo, consegue, através dos elementos apontados ao longo deste trabalho, construir uma narrativa em que o olhar do protagonista em trânsito, Pedro, surge enquanto uma forma sutil de compreensão da própria personagem, dos que estão a sua volta e dos mecanismos de opressão que se impõem através de pequenas violências diárias, que passam, em sua maioria, despercebidas aos olhos de tantos desajustados, usando a ciência como um forte instrumento de imposição de discurso.

Joel Candau, em seu texto *Memória e identidade* menciona que “Através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido.” (p.61). Desta maneira também penso o romance de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010), sobretudo o protagonista desta narrativa, Pedro, que vai no decorrer do romance, atribuindo significados e tentando construir um sentido a partir de sua memória, acionada também pela leitura feita do livro que carrega em sua mochila durante toda a viagem sobre as ideias de Charles Darwin.

Ao tentar apreender o mundo que o cerca, Pedro vai, do mesmo modo, procurando se encontrar dentro de uma metrópole que com toda a sua brutalidade vai consumindo-o e violentando-o. Nas lembranças trazidas por intermédio da leitura, o protagonista traz consigo todo um passado de dor, que o permite tentar compreender melhor seu papel em um grande centro urbano, que se mostra não só como seu inimigo, como também de todos aqueles que, como ele, fazem o mesmo trajeto em direção a um “espaço vazio”.

A leitura de Darwin mostra-se, portanto, essencial na construção e entendimento da narrativa, como menciona Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, em “Passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo: um olhar sobre o naturalismo”:

O diálogo que se cria, semelhante a um jogo de aproximação e afastamento, é mais amplo e tem como foco o próprio questionamento acerca do uso do naturalismo como ideologia para a tematização da realidade social brasileira. Na leitura do texto, soa claro que o autor não abarca o cientificismo da escola naturalista, ao contrário, coloca em tensão o lugar deste discurso e, principalmente, a vitalidade deste modelo de compreensão da sociedade (PATROCÍNIO, p. 272).

A partir do olhar do autor em relação ao romance de Rubens Figueiredo, é possível ter a percepção de um discurso dominante que surge como uma forma de consolidar e reproduzir os mecanismos de controle presentes na sociedade contemporânea, que se utilizam das teorias naturalistas a fim de se provarem enquanto verdades. O leitor atento, consegue, então, ter uma noção clara do foco criado ao longo da narrativa produzida pelo escritor, que coloca, como bem ressalta Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, “em tensão o lugar deste discurso”.

Durante o romance, conseguimos ter a percepção de várias passagens que nos remetem à questão levantada pelo crítico literário. A própria maneira de Pedro colocar os seus pensamentos e reflexões durante a narrativa põe em evidência uma leitura acerca da dinâmica social apresentada. Logo no início do romance, o protagonista, ao se ver diante de uma situação hostil, como tantas outras que aparecerão no enredo, já aponta para uma tentativa de apreensão da realidade à sua volta, a partir das ideias do cientista inglês. A imagem do chão dá, assim, lugar à imagem de uma escada, semelhante a ideia da escala evolutiva exposta na teoria darwinista. Temos, então, o darwinismo social enquanto uma

possibilidade para Pedro de compreensão de todos os acontecimentos vivenciados por essa gente. Ainda pensando a respeito dessa temática, Paulo Roberto Tonani do Patrocínio menciona:

O jogo que passa a ser estabelecido é complexo e dotado de muitas nuances. São os personagens que, assombrados diante da própria interrogação, questionam os mecanismos sociais que permitem a sua acomodação dentro da hierarquia social. (PATROCÍNIO, 2014, p. 102)

Dessa forma, ao acionar a leitura sobre o cientista inglês, Pedro revive um passado que carrega de forma amarga em sua memória, que, somado ao que encontra no seu presente, o faz questionar o que observa a sua volta, fazendo com que o livro que ele carrega em sua mochila ganhe um sentido especial, podendo se aplicar perfeitamente ao seu contexto, onde vítimas e tiranos se perseguem em uma caçada interminável, e onde os mecanismos opressores, ao mesmo tempo, de forma sutil, reproduzem e legitimam um discurso que os empurra cada vez mais para o fundo.

Considerações finais

As transformações pelas quais passaram as metrópoles brasileiras na atualidade foram analisadas nesta pesquisa, a fim de que pudéssemos ter uma maior compreensão acerca das novas formas de interação do sujeito com a paisagem que compõe o seu mundo e com o *outro*. Sendo assim, foi possível observar que as relações mais estáveis e duradouras deram lugar a relacionamentos mais efêmeros e instáveis, uma vez que os indivíduos se encontram diante da velocidade dos acontecimentos e de novos valores inseridos pelo mundo globalizado e pela “cultura do consumo”.

É nesse contexto, que Nestor García Canclini nos convida a dar uma nova interpretação ao consumo e a analisá-lo, “não como simples cenário de gastos inúteis e impulsos irracionais, mas como espaço que serve para pensar, e no qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas sociedades” (2008, p.14). Dentro dessa ótica, conseguimos entender a necessidade presente no ato da compra, visto que ela está atrelada à ideia de pertencimento e de inclusão nas cidades contemporâneas.

No romance de Rubens Figueiredo, alcançamos a percepção da problemática exposta acima nas inúmeras passagens que retratam os novos valores determinados pelos mecanismos opressores. Inclusive o próprio trabalho de elaboração da personagem Rosane pode ser pensado a partir desse olhar. Rosane acredita que para fazer parte do mundo do *outro* e para ser reconhecida é essencial atender às regras estipuladas pelo mercado de consumo, não enxergando outra possibilidade possível de existência, mesmo sabendo que a distância entre a sua realidade e o seu objetivo vida são desproporcionais.

Em uma das passagens do romance, Pedro relembra um momento em que fora ao supermercado com Rosane. O protagonista começa, então, a observar como sua namorada se transformava ao entrar nesse ambiente, afinal, toda a sua atenção se voltava para aquele instante. Até sua postura se modificava. Ela “empinava o pescoço, o corpo crescia um pouco [...]” (2010, p.96). Pedro passa, assim, a perceber como o momento em questão era carregado de significado não apenas para Rosane, todas as outras pessoas que se encontravam no supermercado também tinham o mesmo comportamento. Para esses sujeitos, “acreditar era possuir – acreditar era ganhar [...]” (2010, p.96).

A mecanização da vida nos centros urbanos foi, do mesmo modo, analisada no início do trabalho, a fim de mostrar a ausência de relação do sujeito com os espaços por onde transita. Os espaços, como vimos no primeiro capítulo, acabam se tornando apenas locais de passagem para as pessoas que nele se deslocam. O indivíduo, ao se ver imerso na velocidade dos acontecimentos, passa, por conseguinte, a interagir de forma superficial com a paisagem ao seu redor. Assim, o contato com esses ambientes se torna mecanizado, esvaziando-se de sentido. Pedro, assim como outros passageiros do ônibus que ia em direção ao Tirol, por exemplo, fazia o mesmo trajeto todas as sextas, ao sair de seu trabalho. Dessa maneira, a repetição dos encontros e da rotina dessas personagens revela uma prática comum na contemporaneidade.

Ao mesmo tempo em que os encontros entre esses indivíduos se tornam constantes, devido à mecanização do cotidiano, as experiências trocadas entre eles se perdem, uma vez que a rotina e a aceleração do tempo obstruem tal possibilidade. O resultado de todo esse processo é o exílio do sujeito na sua própria metrópole. Pedro, apesar de estar dentro de um ônibus lotado de passageiros, se vê solitário nesse espaço, ele não consegue estabelecer nenhuma relação significativa com qualquer uma das pessoas que o acompanham no trajeto feito.

A partir dessa perspectiva, os contrastes presentes nas cidades brasileiras, que fragmentam os centros urbanos foram analisados. De um lado se concentra um cenário de progresso e desenvolvimento, atendendo às necessidades do mercado de consumo e do mundo globalizado, e de outro nos deparamos com uma paisagem de pobreza e violência, que se mostra enquanto um produto das políticas de segregação e exclusão impostas pelos mecanismos opressores.

O mundo dos excluídos, silenciado pelo sistema vigente, é também objeto de análise em *Passageiro do fim do dia* (2010). Durante a narrativa, o autor coloca em evidência os problemas sociais, sobretudo a desigualdade social, que passam despercebidos no cotidiano dos sujeitos. Pedro, bem como as outras personagens que moram nos bairros periféricos, travam uma batalha cotidiana para sobreviver em um ambiente hostil, que os empurra para o esquecimento. O local para onde o protagonista se destina é marcado pela violência e pelo sofrimento, ambos resultados de uma política de esquecimento, que enxerga nesses bairros o sinônimo do atraso. Assim, as histórias dos moradores desses espaços só não se perdem,

porque o protagonista do romance reorganiza esses momentos, rememorando-os de acordo com um determinado momento da narrativa.

A importância da memória na composição da identidade de sujeitos excluídos do processo de desenvolvimento nas metrópoles brasileiras foi, portanto também objeto de interesse desta pesquisa. É a partir, também, de sua memória, que Pedro apresenta para o leitor a história dos moradores dos bairros periféricos da cidade. O protagonista rememora, ao longo do romance, os relatos contados pela sua namorada. Desse modo, nos deparamos com narrativas marcadas por sofrimento e dor, silenciadas pelos discursos dominantes.

Somadas a essas histórias, Pedro irá, do mesmo modo, revolver de sua memória, feridas ainda abertas de seu passado traumático, que irão produzir reflexões a respeito da dinâmica social da qual ele faz parte. Dessa forma, Pedro fará também, durante o texto, uma viagem de autoconhecimento. O protagonista do final do livro já não é mais o mesmo do início da narrativa, suas memórias e observações vão agregando novos conhecimentos de mundo ao personagem.

A experiência da leitura terá uma importante função em todo o processo ocorrido com Pedro. É através dela que o protagonista tentará compreender a realidade à sua volta. O livro que Pedro carrega consigo, além de apresentar uma relação visceral com a personagem, o ajuda a encontrar significados para o que ele presencia durante seu trajeto de ônibus. Logo, a leitura assume dois papéis fundamentais no texto: de um lado o objeto livro o faz retornar para um passado que não cicatrizou, de forma a fazê-lo reviver momentos tão angustiantes e traumáticos inúmeras vezes, do outro temos uma leitura de mundo feita a partir das ideias do cientista inglês que Pedro carrega na mochila. Ambos os papéis colaboram na construção da identidade do protagonista.

É importante lembrar que, no trabalho foi ressaltada a questão da presença das ideias de Darwin como uma possível forma de leitura da dinâmica social brasileira. O autor do romance, ao colocar a teoria da evolução enquanto uma maneira de compreender a realidade, “coloca em tensão o lugar deste discurso” (PATROCINIO, p. 272).

Ainda no último capítulo, a relação das lembranças com o tempo e o espaço apresentado na narrativa foi problematizada. Pedro, no decorrer do romance, a partir de um determinado momento no qual se encontra e diante daquilo que observa, vai trazendo para o leitor fragmentos de imagens que vão dando forma e significado ao texto. Portanto, as

inúmeras imagens que resistem ao apagamento ajudam a personagem a constituir sua identidade e a pensar o seu lugar dentro da dinâmica contemporânea brasileira.

Por último, o mundo apresentado em *Passageiro do fim do dia* (2010) foi fundamental para a análise de todas as questões levantadas durante o trabalho, sobretudo para pensar o lugar destinado àqueles excluídos do processo de desenvolvimento e progresso trazido pelo mundo globalizado. A obra de Rubens Figueiredo nos leva a conhecer um pouco mais a respeito do funcionamento dos grandes centros urbanos brasileiros e do estilo de vida presente neles. Dessa forma, somos levados a explorar um pouco mais as cidades estilhaçadas e as histórias de uma gente silenciada pelos discursos dominantes que produzem as segregações sócio espaciais. Esses sujeitos, diante de um contexto que “une e desagrega” são assim, pessoas exiladas em sua própria cidade ou, como bem coloca Cristovam Buarque, “inrangeiros”, isto é, “estrangeiros em seu próprio país” (2002, p.19).

Assim, diante de um mundo “cada vez mais opaco” (1996, p.9), com “Cidades sem janelas, um horizonte cada vez mais espesso e concreto” (p.10), nos encontramos imersos na velocidade dos acontecimentos e na fragmentação dos espaços. Situado também nesse território, Rubens Figueiredo produz um romance que, longe de nos trazer respostas para toda a conjuntura atual, nos direciona a interrogar o sistema presente.

Em suma, as inquietações referentes aos assuntos explorados em minha pesquisa continuam movendo muitos estudos e trabalhos literários voltados para uma tentativa de apreensão do contexto contemporâneo. Pensar a respeito do nosso lugar dentro da dinâmica presente na sociedade brasileira se torna, portanto, necessário, ainda que seja uma empreitada complexa e sem nenhuma garantia de respostas definitivas para os questionamentos levantados.

Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

_____. *Por uma antropologia da mobilidade*. Trad. Bruno César Cavalcanti, Rachel Rocha de Almeida Barros; revisão: Maria Stela Torres B. Lameiras. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

BARCELLOS, Marília de Araujo. *Contos de Pedro: a literatura de Rubens Figueiredo e os universos da mesmice*. In: CHIARELLI, Stefania; DEALTRY, Giovanna e LEMOS Mase (orgs): *Alguma Prosa: ensaios sobre a literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

BARROSO, Suzana Faleiro. *O uso da imagem pela mídia e sua repercussão na subjetividade contemporânea*. In: *Psicologia em revista: Belo Horizonte*, v.12 n.19, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política v II*. Trad. Rubens Rodrigues e José Carlos Martins. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BISPO, Marlucy Mary Gama. *Morte e vida Severina – uma análise cultural*. In: *Revista Forum Identidades*, Ano 3, v 6, 2009.

BRITTO, Paulo Henriques. *O turista apressado*. In *Mínima Lírica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BUARQUE, Cristovam. *Os instrangeiros: A aventura da opinião na fronteira dos séculos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

CAIAFA, Janice. *Comunicação e diferença nas cidades*. In. 11º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós 2002), de 4 a 7 de junho de 2002.

_____. *Produção comunicativa e experiência urbana*. In. In Anais, 28 Congresso Brasileiro da Ciência da Comunicação. Rio de Janeiro: INTERCOM. Acesso em julho 2015, em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1589-1.pdf>.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Trad. Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARNEIRO, Flávio. *No país do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. De Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994 (1990).

CHIARELLI, Stefania. *Entre o corpo e o livro: Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo. In. DALCASTAGNÈ, Regina; AZEVEDO, Luciene (orgs) *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Zouk, 2015.

CIDADE, Daniela Mendes. *Um olhar sobre a cidade*. In: I Seminário Arte e Cidade, 23-26 de maio de 2006, Salvador: EDUFBA, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gpit/wp-content/uploads/2009/09/um-olhar-sobre-a-cidade.pdf> Acesso em: 20 de outubro, 2015.

COELHO, Marcia Azevedo. *O papel da literatura para uma educação humanista*. In: Revista E- FAPPES: São Paulo, v1, n 1, 2010.

DAFLON, Claudete. *Na companhia de Darwin: a literatura pensa a ciência*. Rio de Janeiro, 2014.

DALCASTAGNÈ, Regina. Apresentação. In: _____. (orgs). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte, 2008. P.7-10.

_____. *Espaços hostis, mundos insubmissos*. Disponível em: <http://gelbcunb.blogspot.com.br/p/blog-page.html> Acesso em: 27 de fev, 2016.

_____, LUCIENE, Azevedo. *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DIAS, Ângela Maria. *Cruéis paisagens: literatura brasileira e cultura contemporânea*. Niterói: EdUFF, 2007.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O rapto ideológico da categoria subúrbio. Rio de Janeiro 1858/1945*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FIDALGO, Marcos. *Rubens Figueiredo fala dos trabalhos como escritor, tradutor e da atividade que lhe dá maior satisfação: a de professor. Saraiva Conteúdo*, Rio de Janeiro, 22 dez. 2011. Disponível em <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/43623> Acesso em: 20 jan. 2015.

FIGUEIREDO, Rubens. *Contos de Pedro*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

_____. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FONSECA, Rubem. *O cobrador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

FREITAG, Barbara. *Teorias da cidade*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: Literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

_____. *Marques Rebelo*. São Paulo: Global, 2004. (coleção melhores crônicas)

_____. *João do Rio*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. *A cidade moderna e suas derivas pós-modernas*. *Revista Semear*. Rio de Janeiro: PUC, n.4, 2001. Disponível em: http://www.lettras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/4Sem_03.html Acesso em: 12 fev. 2015.

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. 3. ed. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

JUSTO, José Sterza; ROCHA, Luiz Carlos. *Dromologia e trabalho na contemporaneidade: o caso dos andarilhos*. In: ENCONTROS DE PSICOLOGIA UNESP, 2006, São Paulo. Anais... São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2006.

LACERDA, Rodrigo. *Preciosidades enterradas*. *Revista Novos estud.* – CEBRAP. São Paulo, n.75, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200015&script=sci_arttext Acesso em: 15 de nov. 2015.

LAUB, Michel. *Diário da Queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

LOPES, Gleison Maia. *A Apropriação do espaço público contemporâneo: o caso do parque ecológico do cocó, na cidade de Fortaleza/CE*. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=7911&Itemid=76 Acesso em: 10 jan, 2016.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2011 (1960).

MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELO, Cimara Valim de. *Imagem, trânsitos e memória em Passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo*. Separata de: Nau Literária: crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre. Vol. 08 N. 01. Jan/jun 2012.

MOLINA, Márcia Cristina Gomes. *A construção de identidade do sujeito mediante as transformações da globalização*. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, vol 7, n2, 2014. Disponível em: <http://www.itpac.br/arquivos/Revista/72/6.pdf> Acesso em: 09 dez, 2015.

NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

PADRÓS, Enrique Serra. *Usos da memória e do esquecimento na História*. Revista Literatura e Autoritarismo: o esquecimento da violência, n 4, 2001. Disponível em: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num4/ass02/pag01.html#_ftn1 Acesso em: 20 jan, 2016

PAES, José Paulo. *Poesia Completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PASCHE, Marcos. *De pedra e de carne: artigos sobre autores vivos e outros nem tanto*. Confraria do Vento, 2012.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Os (não) adaptados: a experiência urbana na obra de Rubens Figueiredo*. In RESENDE, Beatriz; ETTORE, Finazzi-Agró (orgs) *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

_____. *A volta da realidade das margens*. In. Pellegrini. Tânia (org) *Estudos de literatura brasileira contemporânea: realismo e realidade*. nº 39, Brasília, jan/jun, 2012. Brasília: Editora Horizonte, 2012.

_____. *Passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo: um olhar sobre o naturalismo*. In. CHIARELLI, Stefania; DEALTRY, Giovanna e VIDAL, Paloma (orgs). *O futuro pelo retrovisor – inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *O olhar estrangeiro*. In. NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Editora Marca D'Água, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre – 2.ed.* Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2002.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. São Paulo: Cutrix, 1974.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 4ª edição, 2003.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Apontamentos de crítica cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

RESENDE, Fernando. *O jornal e o jornalista: atores sociais no espaço público contemporâneo*. Revista Novos olhares: São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/viewFile/51322/55389> Acesso em: 10 nov, 2015.

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira do. *O lugar mítico da memória*. Revista Morpheus, n 1: Rio de Janeiro: 2002. Disponível em: <http://www4.unirio.br/morpheusonline/Numero01-2000/claudiarosario.htm> Acesso em: 10 jan, 2016.

SANTUCCI, Jane. *Cidade Rebelde: as revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SARLO, Beatriz. *A cidade vista: mercadorias e cultura urbana*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

_____. *Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

_____. *Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira*. In. Linguagens da violência. PEREIRA, Carlos Alberto Messeder *et alli*. (orgs). Rio de Janeiro: Rocco, 2000

_____. *Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.

SOBARZO, Oscar. *A produção do espaço público: da dominação à apropriação*. In: Revista GEOUSP - Espaço e Tempo: São Paulo, Nº 19, pp. 93 - 111, 2006.

SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TEIXEIRA, Glauciane Reis. *Tirol e Várzea, abrigo dos supérfluos: reflexões sobre Passageiro do fim do dia*. In. GOMES, Gínia Maria. (org) *Literatura brasileira contemporânea: geografias*. – Frederico Westphalen, RS: URI – Frederico Westph, 2013.

TEZZA, Cristóvão. Horizonte de chão e paredes. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 de maio de 2006. p.1. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1405200610.htm5>. Acesso em: 20 de fevereiro. 2015.

TIRLONI, Larissa Paula. *Memória e espaço em Passageiro do fim do dia*. In. Seminário Internacional em Letras. Língua e literatura na (pós) modernidade. 2012. Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões – URI.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VILA-MATAS, Enrique. *O mal de Montano*. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Cosac Naify, 2005.